ANNO XXXI. N. 6.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

TERÇA FEIRA 9 DE JANEIRO DE 1855.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moêdas de 6$400 velhas . .	16$000
» de 6$400 novas . .	16$000
» de 4$000 . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros . .	1$940
Pesos columnarios . . .	1$940
» mexicanos	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 9 horas e 18 minutos da manhãa.
Segunda ás 9 horas e 42 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
8 Segunda. S. Lourenço Justinianno Patriarca.
9 Terça. Ss. Julião e Bazilissia, sua esposa.
10 Quarta. S. Panla primeiro Erimita.
11 Quinta. S. Hyginio p. m.; S. Salvio.
12 Sexta. S. Satyro b. m.; S. Arcadio m.
13 Sabbado. S. Hilario b.; S. Hermillo.
14 Domingo. 2.º depois de Reis; O SS. Nome; S. Felix m.; S. Macrina v.; S. Malaquias.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 4 de janeiro.

Officio — Ao inspector da thesouraria de fazenda. Remettendo inclusa a V. S. a nota dos direitos e emolumentos que teem de pagar os cidadãos, que por decretos de 12 de dezembro ultimo foram nomeados para o estado-maior dos commandos superiores da guarda nacional dos municipios de Goianna, Páo-d'Alho, Bonito e Caruarú, tenho a recommendar-lhe a expedição das convenientes ordens, para que taes direitos e emolumentos sejam recolhidos na recebedoria de rendas internas. — Officiou-se neste sentido aos respectivos commandantes superiores.

Nota á que se refere o officio supra.

Municipio de Goianna.

Major ajudante de ordens do commando superior, Arminio Americo Tavares da Cunha.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Major ajudante de ordens do commando superior, Honorato Olimpio da Cunha Rego Barros.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Capitão secretario geral, Dr. João Floripes Dias Barreto.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Capitão quartel-mestre, Felismino Francisco Fernandes.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Capitão cirurgião-mór, Dr. José Joaquim Firmino.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Municipio do Pao-d'Alho.

Major ajudante de ordens do commando superior, Sebastião José de Barros Barreto.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Dito dito dito, Caetano Corrêa de Amorim.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Capitão secretario geral, Francisco Brasileiro de Albuquerque.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Capitão quartel-mestre, Antonio Joaquim Camello.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Municipios do Bonito e Caruarú.

Major ajudante de ordens do commando superior, José Francisco Coelho da Silva Vieira.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Dito dito dito, João Bezerra de Vasconcellos Franco.
Direitos . . . . 70$000
Sello $160
Emolumentos . . 14$000
84$160

Capitão secretario geral, Quintino da Silva Vieira.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

Capitão quartel-mestre, Josino Bezerra de Vasconcellos Torres.
Direitos . . . . 50$000
Sello $160
Emolumentos . . 10$000
60$160

—§—

Officio—Ao Exm. commandante superior da guarda nacional deste municipio, inteirando-o de haver dado sciencia á thesouraria de fazenda, de ter sido despedido do serviço do batalhão de artilharia da mesma guarda nacional, o tambor da terceira companhia do mesmo batalhão, Manoel Joaquim de Sant'Anna.—Officiou-se neste sentido á mencionada thesouraria.

Dito—Ao Exm. conselheiro presidente da relação, para designar um desembargador para fazer parte da junta de justiça na occasião em que houver de ser julgado, o processo criminal a que responderam os ex-officiaes do corpo de policia, visto que declarou-se suspeito no dito processo, o desembargador Bernardo Rabello da Silva Pereira.

Dito—Ao coronel commandante das armas, recommendando que mande inspeccionar de saude ao doutor em medicina, Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, remettendo para os convenientes exames, cópias das actas do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra, datadas de 16, 21, 22 e 27 de dezembro ultimo.

Dito—Ao mesmo, devolvendo o requerimento em que Bartholomeo Francisco de Souza, pede se lhe passe titulo de 73 palmos de terreno de marinha que comprara a Rosa Maria Serpa, os quaes fazem parte do terreno n. 39 B na rua de Santo Amaro desta cidade, e recommendando que proceda a respeito, de conformidade com a sua informação de 25 de agosto do anno proximo passado, sob n. 451.

Dito—Ao inspector da thesouraria provincial, para que, á vista do pedido que remette, mande adiantar ao thesoureiro pagador das obras publicas a quantia de 14:200$000 rs., para continuação das obras por administração a cargo daquella repartição no corrente mez. — Communicou-se ao respectivo director.

Dito—Ao delegado do termo do Brejo, recommendando, que em occasião opportuna, remetta Smc. para esta capital, afim de ter o conveniente destino, o desertor de marinha Antonio Lourenço de Souza, que se acha recolhido a cadeia daquelle termo. — Communicou-se ao commandante do destacamento.

Portaria—Ao director do arsenal de guerra, para fazer recolher aos armazens do mesmo arsenal as 50 armas e igual numero de correames, que se mandou fornecer por emprestimo ao commandante do sexto batalhão de infantaria da guarda nacional deste municipio.—Participou-se ao respectivo commandante superior.

Illm. e Exm. Sr. —Na enchente de graças que S. M. o Imperador houve por bem de derramar sobre seus subditos no sempre memoravel dia 2 de dezembro, nós os Pernambucanos fomos generosamente contemplados. Seja-me portanto licito, na effusão do meu agradecimento, rogar mui submissamente a V. Exc. o assignalado favor de pôr aos pés do throno imperial, os sentimentos do mais vivo amor e sincera homenagem, que todos nós rendemos á mão bemfazeja e magnanima que se nos estendeu, e que reverentemente beijamos.

Deos guarde á V. Exc. Palacio do governo de Pernambuco 20 de dezembro de 1854.—Illm. e Exm. Sr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio.—*José Bento da Cunha e Figueiredo.*

EXTERIOR.

ACADEMIA FRANCEZA.

Sessão publica annual.

Discurso pronunciado por Mr. de Salvandy presidente da mesma academia sobre os premios de virtude.

Senhores.

He bem penosa a tarefa que me impõe o dever, de tomar a palavra nesta solemnidade depois das grandes cousas que acabamos de ouvir e que desejariamos escutar ainda, e depois da promessa que se nos fez de bellos versos, nos quaes se espera encontrar o talento, e se encontrará um digno tributo á Grecia antiga, um nobre e fiel offerecimento a Grecia moderna. Pedir alguns momentos a um auditorio tão profundamente abalado, tão justamente impaciente, he ao meu ver muito ousar: he exigir um acto de virtude.

Chamado pela quarta vez, por uma preciosa benevolencia, a desempenhar este dever, em circumstancias e situações mui diversas, conheço que nessas occasiões fico agitado e sempre perturbado. Quem estará por ventura habilitado para distribuir taes louros? Que consciencia bastante intrepida, que coração bastante despido das paixões humanas, deixará de sentir-se humilhado diante daquelles que devemos coroar? A instituição terá a vantagem de ensinar á academia, ou ao menos ao seu interprete, a modestia que recommendamos á virtude.

Vai já alguns annos, que neste recinto, um velho amigo da minha infancia, o conde de Cessac, antigo ministro do imperio e contemporaneo de M. de Montyon, admirava-se de que fossem necessarios trinta seculos para que o genero humano passasse dos *premios olympicos para os premios Montyon, das recompensas pelas manoplas e barras de ferro para as recompensas pela virtude.* Ousarei dize-lo? Tera' o genero humano errado tanto quanto suppõe-se. Todos sabem em que consiste a victoria nos combates das manoplas e das barras; porém quaes são esses traços constantes pelos quaes devemos reconhecer sempre estes combates e esta victoria da alma que constitue a virtude? Quaes são os elementos precisos que entram na sua composição? Quaes são as imperfeições humanas que ella pode soffrer sem perder seu nome e seus direitos? Descobriram porventura os olhos dos homens os moveis occultos que constituem o verdadeiro caracter e a moralidade das acções humanas? Que outro juiz poderá penetra-los mais seguramente do que aquelle que tudo sabe e tudo vê? Foi por todas estas razões que as sociedades christãs não quizeram admittir até então para a remuneração das obras humanas, outro arbitro que não fosse o proprio Deos. O juiz era infallivel, o merito certo, a recompensa infinita. Ella incitava a bem todos os homens, durante toda a vida, somente pelo attractivo do mesmo bem. A religião encarregava-se de fazer-nos ouvir todos os dias e todas as horas, o hymno destinado a ser ouvido por toda a eternidade.

Appareceram porem outros tempos e outros pensamentos. A lei moral separou-se da lei religiosa, a unica que lhe da uma base solida. Tudo cedia aos arrastramentos deste seculo que acaba de ser condemnado altamente, menos pela severidade dos juizos do que pela grandeza do contraste e eloquente opposição das maximas: seculo imprevidente, que começou por chimeras, continuou por sophismas, terminou por holocaustos, sempre em vão, e intitulando-se sempre com espantosa boa fé o seculo das luzes e da verdade; seculo inteiramente francez pelo espirito e coragem, porque todo o mundo he considerado como fraco pelo nosso paiz, por isso mesmo que fizemos as ultimas conquistas que temos conservado até na Algeria, e porque inscrevemos nos nossos fastos, com os nomes de Fontenoy, de Berghen, de Fleurus, nossas ultimas grandes victorias navaes até em Novarino; seculo brilhante, generoso, seductor, que devia perder todos aquelles que encantou, que encantara quasi todos aquelles que perdeu, e cousa estranha, que os encantava ainda, quaes raros e credulos naufragos ao sahir dos abismos; seculo prospero e livre como nenhum outro o foi na historia; e que voltou todas as suas forças contra si mesmo voltando-as sem discripção contra todas as bases do estado social; que partio da innocente utopia do reino de Salento para chegar á republica que todos conhecemos, que occupou-se em celebrar o estado selvagem na França inteira e em Versalhes, sem imaginar que podia crear em seu seio os furores e as miserias, que foi um drama de oitenta annos sobre o amor da natureza, o amor dos homens, o amor das luzes e da virtude, para chegar ao Terror; seculo infeliz que não podia ter outro destino porque quiz suffocar na alma humana o principio santo, a necessidade da fé e da esperança divina, que a philosophia antiga nella reconheceu e celebrou sem poder satisfazê-lo, que a lei christãa satisfez e constituio, principio que he o fundamento da vida dos homens e o fundamento da vida dos Estados. E como elle repudiou ao mesmo tempo todas as tradicções, idéas, e instituições que eram os pontos de apoio da autoridade e os pontos em que deviam conter-se as nações, devia igualmente tornar impossiveis sobre o solo movediço que escolhera assim o poder como a liberdade: o poder, nos dias de agitação, a maior parte do tempo sem fim e sem causa; a liberdade, nos temos de desarmamento, de medo ou de descanço. Nunca o pensamento humano foi tão ousado nunca foi tão confundido!

Devemos confessar que a sociedade franceza, no meio da carreira a que era arrastada, sem temer o sua marcha, todavia ficou agitada. Diante deste grande vacuo da religião ausente, ella quiz alguma cousa que o enchesse.

Abatendo a arvore que abrigava o mundo esperava todavia os seus fructos. Como a razão humana tinha substituido a razão divina, julgou-se consolidar a ordem social substituindo a religião pela virtude. A virtude tornou-se a sollicitude, a pretenção, a idolatria da sociedade menos zelosa em cumprir os seus deveres. O trabalhar para elevar-se mais foi a bandeira da virtude, entre as opiniões, entre as classes, entre os partidos. Não acharemos um livro daquella época no qual a palavra sacramental não esteja escripta em todas as paginas, e entretanto essa virtude indefinida, sem codigo e sem sancção, era uma palavra vã que nada exprimia. Ella não prescrevia nem proscrevia cousa alguma. Accommodava-se com todas as desordens;em caso de necessidade, incensava os thronos que tomavam parte na obra da demolição universal. Desthronando o verdadeiro Deos, o homem, segundo o uso, punha em seu lugar falsos deoses, sem considerar sobre a sua vaidade. Aquelles mesmos que ainda ousavam combate-los serviam-se indifferentemente da linguagem de todos. Um grande athleta da igreja franceza, na sessão da academia franceza, felicitava-se, *muito menos*, dizia elle, *por ver em torno de si os homens mais illustres da litteratura do que por ver os mais virtuosos dos homens.* Não fallava-se de outra sorte entre os nossos felizes antepassados. Ninguem o imaginaria.

Esta apparencia extranha dos espiritos teve como resultado o encantar realmente e animar as almas elevadas; ella indicou-lhes que deviam parar em uma transformação social presentida e acceita por todo o mundo. As ordens religiosas desappareceram. Julgou-se conservar a ordem moral por uma ancora solida. Foi então que uma mão desconhecida que revelou-se mais tarde, para dar ao menos alguma consistencia, se fosse possivel, áquillo que não a tinha, instituio pela primeira vez um premio para a virtude. Esta creação causou uma satisfação universal. Acreditou-se em uma innovação immensa. Prophetisou-se altamente a proxima abolição das leis repressivas. Via-se a terrivel necessidade de punir substituida em breve pelo cuidado facil de recompensar. Aquelles que gloriavam-se com o marchar á frente das idéas novas, o duque de Penthievre; a joven e nobre duqueza de Chartres, a augusta rainha Maria Antoniette, essa rainha encantadora, heroica e martyr, testemunharam sua admiração. Admittia-se geralmente que o reinado d'Astrea ia começar. Nesta época todos, sem exceptuar as testas coroadas,olhavam o reinado de Astrea como uma bella perspectiva para o genero humano.

O generoso M. de Montyon, (porque era elle) tornara a sua creação mais popular,dando attribuição a academia o julgamento de um concurso tão novo por todos os titulos. As lettras eram as grandes potencias do seculo. Os homens de lettras, sob o nome de philosophos, viam os thronos baixarem-se diante de si. Elles tinham tido reis, e os mais poderosos, por cortezão. Elles constituiam a aristocracia do espirito, diante da qual curvavam-se todas as outras, principalmente quando os seus membros tambem pertenciam as outras: porque julgavam assegurar na nobreza do sangue ou dos empregos o seu lugar fazendo-se mais distinctos com a do espirito. A abdicação não prejudicava. O que os lisongeadores das lettras celebravam principalmente nellas, era muito menos o talento, ou mesmo o genio, do que o amor da virtude. As palavras que citamos eram as mais moderadas de todas. Não fallava-se da academia sem chama-la uma assembléa de sabios. Não reflectia-se que quarenta sabios era um numero muito grande. A antiguidade não contou senão sete,e isto no espaço de muitos seculos. Muitos d'aquelles ficariam embaraçados se se quizesse estabelecer o premio da virtude. Porém indagou-se quaes os motivos da escolha: ei-los: Praticar actos de justiça e ter deferencia para com a grande autoridade da época.

Isto acontecia no reinado do mais virtuoso dos reis, como dizia-se então, e como havia tantas razões de dizer-se desta vez; em 1782 na occasião da paz da America, no momento da alegria triumphal em que a monarchia franceza, mais que nunca poderosa, mais que nunca tranquilla sobre seus destinos, dominava sem rival o antigo e o novo mundo pela sua ascendencia e pelas suas victorias. Entre estas prosperidades acabava de nascer, como para perpetua-las, o primeiro filho de Luiz XVI, o irmão mais velho do infante real cuja historia dolorosa premiaremos em tempo conveniente. O marquez de Condorcet entrava neste momento na academia franceza. Elle sabia mais do que a França até onde iria, e em nada mais pensava do que naquillo em que pensavam todos. Por isso no seu discurso de recepção, sauda os dous acontecimentos: o nascimento real e os premios para a virtude.

Elle exclama *quanto he agradavel para a França, ter o seu joven* (era Luiz XVI) *dar o exemplo de querer todas as liberdades que são naturaes ao homem!* elle expõe os numerosos actos que justificavam este louvor. Depois agradece o *destino da França por conceder aos nossos votos um neto de Henrique IV e de Leopoldo de Lorraine, que crescerá para a felicidade da nação.* Elle entrevê, sob os auspicios do feliz menino, horisontes muito além da virtude; porque emfim a virtude suppõe obstaculos vencidos; «e as luzes, diz elle, fazem a virtude facil. Porque razão não veremos nós crear-se, para uma geração afortunada, um methodo de educação e um systema de lei que tornem quasi inutil a coragem da virtude?»

Presentemente o homem já ouvindo a voz do seu coração e da sua razão,«põe na serie dos crimes o furor das conquistas!» As guerras serão mais raras. Porque não teremos nós a certeza consoladora de que não haverão «mais ligas de facciosos, de que desapparecerão as proscripções e serão extinctas as matanças?»....

Não vos parece, senhores, que estas palavras, pronunciadas então tão perto dos acontecimentos que deviam desmenti-las, fazem tremer! Nascido em um seculo esclarecido, dizia ainda o presumpçoso interprete do seculo das illusões, no meio de uma nação em que os conhecimentos acham-se igualmente diffundidos por todos, o filho de Luiz XVI será o bemfeitor do seu seculo; e aprenderá de sua mãi a preferir aos respeitos devidos ao poder, as homenagens voluntarias que o coração sente prazer em tributar a bondade! como sua mãi, elle não se lembrará da sua grandeza senão para perdoar as injurias.» Paro aqui, senhores. De tantas predicções, só a ultima devia realisar-se.

Eis as promessas no meio das quaes cresciam os augustos e infelizes principes, cujos destinos são tão conhecidos por nós; eis os caminhos matizados de flores pelos quaes uma sociedade inteira marchava para os abysmos! Como não espantar-nos quando meditamos nas series de delirios, de mentiras, de choleras, de medos de sujeições que podem estabelecer-se, impetuosa e invencivelmente, no seio de um povo cheio de coragem e de genio que não reconhece outro preceito, outra lei suprema, outras crenças senão aquellas que lhe são dictadas pelas suas luzes, pelo seu bom senso e pelos seus direitos, de sorte que não soffrera mais nem freio nem barreira alguma!

Todos ficariam admirados, se eu demonstrasse hoje pelos perigos das nossas coroas o perigo fundamental das definições arbitrarias da virtude, quando se não toma por base, como o fazemos, graças a Deos, dados invariaveis e immortaes. A antiguidade disse admiravelmente que não havia instituições sem bons costumes, e bazeou-se firmemente neste principio. Ella não podia firmar os bons costumes nas religiões que ensinavam os systemas do mundo e não a moral. Pelo contrario, era de proposito que o espirito novo privava-se deste apoio. Havia um regresso de dous mil annos em nome do progresso! Deixando-se os tempos da destruição de um mundo, edificava-se outro novo.... para possuir tudo o que estes tempos tinham produzido! Com effeito, a virtude teve officialmente altares, como entre os antigos, no tempo do directorio. A razão acabava de ter templos, durante o delirio selvagem que espirava. Nunca estes augustos nomes retumbaram tanto como quando foram ultrajados por um desconhecido entre os homens!

Nesta demonstração universal que fora e que continuava ser a embriaguez commum, elles eram levados pouco á pouco ás ultimas profanações. Uma das cousas dolorosas entre outras, nos ennaes do Terror, he ver-se os maiores criminosos enviarem uns aos outros ao cadafalso invocando o nome da virtude. A virtude he a pretenção dos vencedores do dia, a consolação dos da vespera,o orgulho terrivel de todos. Porém, cousa extranha, eu devia dizer mais dolorosa, não havia nisso hypocrisia.

Tão profundo fora o trabalho para devastar as consciencias,para falsear e perverter os espiritos, que a demagogia, julgando ser o direito de todos e o dever de cada um, intitulava-se sinceramente a virtude. O crime sentia-se com o direito de reinar debaixo deste manto; elle feria com segurança de consciencia debaixo deste abrigo, pois nunca o mal he chamado pelo seu proprio nome. Se elle o fôra, causaria horror; talvez se se conhecesse com antecedencia, se horrorisasse de si mesmo. Os povos serão salvos quando, á força de numerosas experiencias extremas onde maximas sãas poderem descobrir o mal debaixo dos nomes enganadores que o encobrem, e pararem no primeiro passo que conduz aos abysmos.

Mudaram-se porém os tempos. Os vocabularios da revolução pereceram com ella, graças a Deos, e as palavras tomaram o seu verdadeiro sentido; porém quem não reconhece donde parte a mais profunda desordem de idéas que tem apparecido no universo? Como existem ainda espiritos que se deixem illudir e que não conheçam que a sociedade inteira perece por ter quebrado as suas ancoras? O seculo dezoito causou um mal maior ainda que as suas maximas: esse mal foi ter lisonjeado no mais intimo das almas, as paixões generosas que as encadeiam ainda, foi fazer viver ainda depois de si as idéas e os principios que foram e que seriam ainda, se existissem nossos obstaculos invenciveis. foi crear apologistas que sem se lhe parecerem em cousa alguma, todavia protegem-no no meio de nossas impossibilidades e de nossas dôres cuja culpa recahe sobre elle. Mancebos, que cultivais vossos espiritos, não chameis *grandes generaes* a esses combatentes a todo o transe e em completa paz, a esses assaltadores que empregaram o ferro e fogo, que atacaram o christianismo e o proprio Deos sobre os altares, para fazer a guerra, segundo diziam, á superstição, ou que destruiram o throno e as leis, e fizeram reinar em seu lugar os cadafalsos para combater os abusos! Fallais das grandes batalhas que ganharam! mas quaes são ellas? As alcançadas contra a Providencia, contra as crenças e respeitos do mundo, contra as consolações de tudo o que soffre, contra as esperanças, refugio, força e dignidade d'alma humana? Essas batalhas que ganharam, tornaram a perdê-las, graças a Deos. Tudo o que abateram, principio religioso, poder soberano, tudo reappareceu. Emquanto conservarmos taes cultos, viveremos sempre entre os perigos das destruições.

Pois que! não teremos por ventura experimentado já a influencia das crenças moraes e sociaes na nossa propria historia? Todos os seculos tem uma missão e um espirito particular, sómente o nosso ainda não manifestou o seu caracter proprio. Chegados ao meio da nossa carreira, perguntamos a nós mesmos com inquietação qual será o verdadeiro sentido da época contradictoria, de que somos artifices admirados? Vemos as gerações presentes proseguirem alternativamente nos maiores designios deste mundo, designios de gigante, consegui-los, e depois vemos tudo desvanecer-se. A obra impossivel da monarchia universal pela victoria, a obra difficil e gloriosa da monarchia constitucional pelo direito dos thronos, a mais difficil e mais perigosa pelo direito dos povos, tiveram o mesmo destino, successos admiraveis e uma quêda repentina! A gloria das armas, a gloria das lettras, a gloria das sciencias, a gloria das artes, a gloria das industrias, a gloria da eloquencia, a gloria das conquistas foram-nos prodigalisadas e ainda o são. E todas via não nos fica orgulho algum por tão grandes cousas, não sentimos alegria alguma por tantos dons do céo! Testemunhas e autores de prodigios admiraveis, não ouvimos fallar senão de fraqueza e de impotencia!

Porque acontecerá isso, quando tal he a nossa força que cada um dos nossos movimentos contrarios arrastra o mundo? Força gloriosa apezar de tudo! Porque o que temos realisado de extraordinario he obra nossa e nos faz honra; o que temos tentado sem successo legitimo e sensato tem perecido por factos de outros, por factos de nossos antepassados.

Os homens da epoca querem que a obra da reconstrucção moral seja o trabalho do seculo em que vivemos. Não obstante a interrupção que ella tem soffrido por todos os abalos, esperamos que progredirá. Todos nós somos seus obreiros, o trabalho de que achamo-nos encarregados aqui, por mui limitado que seja, faz parte da obra commum. A acção que grandes fundações nos chamam a exercer encontra de hoje em diante nas nossas crenças uma base firme. O publico sabe como comprehendemos nossos deveres. Todos nós ja ouvimos fallar do dever, *de officiis*, de um grande corpo que tem a honra de representar as lettras em uma nação sensata e eloquente. As sociedades não vivem nunca senão com estas condições.

Passada a tempestade, M. de Montyon continuou cheio de confiança a obra da sua mocidade. Elle desenvolveu-a e augmentou-a. Tudo o que pensara e quizera antes da emigração e do terror, elle o pensava e queria ainda. Sob a rude experiencia dos acontecimentos, não lançou ao mar nenhuma das suas esperanças, nenhuma das suas convicções.

(Continuar-se-ha.)

INTERIOR.

BAHIA.

Collegio de Nossa Senhora dos Anjos sob a direcção das irmãas da caridade na Bahia.

Brilhante e,entre nós, novo e original espectaculo observou-se no dia 17 do corrente no collegio das irmãas da caridade um luzido e numeroso concurso das mais notaveis pessoas desta capital, quer de um quer de outro sexo.

Com aquella modestia, que lhes he tão natural, a digna superiora dessas boas irmãas havia designado aquelle dia para a *distribuição dos premios.*

Foi este o simples objecto do convite, que ella em pessoa fizera ao Exm. presidente da provincia, commandante das armas, presidente do conselho de instrucção publica, director dos estudos, e as de mais pessoas, a quem lhe cumpria faze-lo por dever ou cortezia.

O resultado porem desse acto foi uma solemne, publica e authentica prova da utilidade dessa instituição e da capacidade de suas directoras.

Foi o mais completo exame de habilitação, porque tanto se clamava com apparencias de ardente zelo pela execução das leis, e até mesmo com furor e alguma vez, coramos de o dizer, com injurias, a que as humildes filhas de S. Vicente de Paulo só responderam com resignação e caridade. E S. Ex. Rvm. que concebera e realisara esse projecto, assim como os membros da confraria, sobre cujas pessoas reflectiam essas injurias e accusações, tudo soffreram animados pela viva esperança do resultado de sua obra.

Esse dia chegou, e foi 17 do corrente.

As irmãas da caridade deram a mais exhuberante satisfação ás leis do paiz, as autoridades e ao publico.

Suas alumnas passaram por um solemne exame exhibindo as provas de seu aproveitamento, e da capacidade de suas professoras. Todas as pessoas que assistiram á esse acto sahiram não só satisfeitas, mas enthusiasmadas.

Daremos delle uma succinta idéa já que não nos he possivel apresentar uma exposição de todo occurrido, e a impressão dos diversos sentimentos, que excitara, porque isto he superior á nossas forças.

Em uma grande sala da casa nobre do Sr. Geromoabo, que de bom grado e generosamente a prestára, teve lugar o acto, de que fallamos. No fundo da referida sala estava collocada a candida imagem da immaculada virgem Nossa Senhora e Rainha dos Anjos, que como Padroeira do collegio, inspirava e presidia a aquella ceremonia.

Uma multidão numerosissima de Sras. da mais alta cathegoria occupava os assentos collocados desde o subpedaneo do throno da mãi de Deos até metade do longo da sala. Seguiam-se os homens de todas as classes, rematando o espaço occupado por cadeiras em um semicirculo, em cujo centro se achavam S. Ex. Rvm. o Exm. presidente da provincia, commandante das armas, presidente do conselho da instrucção publica, director dos estudos, inspector da thesouraria de fazenda, padre superior e outras pessoas notaveis, e os membros da confraria de S. Vicente de Paulo.

Dos lados em assentos um pouco elevados estavam as alumnas do collegio todas trajadas de branco, tendo as internas pendente ao collo uma fita azul, e as externas cor de rosa com a medalha milagrosa de Nossa Senhora. Junto a ellas, como mais solicitas e carinhosas, viam-se as virtuosas e dignas irmãas da caridade, em cujos semblantes se observava a mais affavel modestia; e com tal moderação, certeza, silencio e gravidade dirigiam tudo que pareciam executar as ordens que um ente desconhecido e invisivel communicava ao mesmo tempo a todas.

Em frente de todo esse concurso e no lado opposto da sala elevava-se um tablado, para onde subia-se por duas pequenas escadas forradas de tapete e damasco.

Em cima viam-se de um lado duas mesas com os premios destinados as alumnas, e que constavam de preciosos e ricos livros,elegantes quadros, primorosas imagens, pequenas mangas de vidro com flores artificiaes estampas e outros objectos proprios a satisfazer o innocente gosto das meninas.

Em roda de todo esse espaço, que acabamos de descrever, e por todas as entradas do salão apinhava-se ainda uma innumeravel multidão de pessoas para ver e tomar parte naquella scena, como ja dissemos, original e nova no meio de nós.

Ao entrar S. Exc. Revm. e o Exm. presidente da provincia, commandante das armas, e as de mais personagens, as alumnas levantando-se respeitosas entoaram em francez um melodioso hymno de saudação acompanhado á piano por duas dellas.

Tão harmoniosos sons, que se desprendiam dos labios desse innocente choro das virgens, pareciam arrebatar os ouvintes ás moradas celestes, onde os anjos cantam perenemente em doces canções as glorias do Altissimo.

Que effeito não produziriam ellas nos corações dos pais e das mãis de familia de tão felizes filhas, quando tão profundamente abalavam os corações dos extranhos! Esse primeiro effeito augmentou o interesse e a curiosidade de todos os espectadores.

Findo o hymno algumas alumnas executaram no piano com geral admiração difficeis e agradaveis peças de muzica.

Depois subiram algumas ao tablado, de que já fallamos, e ahi com o maior desembaraço, elegancia e promptidão estabeleceram uma especie de certame litterario no qual desenvolveram um espantoso aproveitamento no cathecismo e principios de moral, e sobre todas as materias da instrucção primaria, especialmente sobre a grammatica portugueza, mostrando perfeito conhecimento desta, não só na exposição de suas regras, mas no uso pratico das mesmas.

Vio pois o publico quanto infundados eram os receios dos que pensavam que as alumnas de um collegio dirigido por estrangeiras não fallariam já mais perfeitamente a lingua portugueza.

Nem mesmo o accento francez desfigurava a pronunciação do bello idioma de Camões. Foi um solemne desmentido á essas accusações banaes que aleivosamente se faziam.

Seguio-se a distribuição dos premios, a qual foi feita por S. Exc. Revm., pelos Exms. presidente da provincia, commandante das armas, presidente do conselho de Instrucção Publica, director dos estudos e outras mais pessoas para isso convidadas pelas directoras; e ao receber cada uma o premio que lhe competia era igualmente cingida por uma corôa de flores. Aquellas que tinham presentes seus pais ou parentes recebiam das mãos delles o premio de seu merito; e o que experimentavam nessa occasião os corações desses pais e dessas mãis he facil de adevinhar, mas não de o exprimir: as lagrimas inundavam seus olhos, os osculos e os abraços convulsivos em que apertavam suas filhas eram signaes bem expressivos dos sentimentos de sua alma.

Estas alumnas não haviam aprendido somente as materias de seus estudos, comprehendiam tambem a importancia de uma tão solida e vantajosa educação, e por isso seus corações não podiam deixar de sentir a mais viva gratidão para com o zeloso pastor que com paternal disvelo lhes havia proporcionado essa felicidade. Possuida destes sentimentos uma joven, em nome de todas, se appresenta a S. Exc. e com a maior gravidade e presença de espirito cheia de affabilidade e de respeito recita na lingua franceza um discurso de felicitação e agradecimento.

Publicamos essa eloquente peça para que o leitor por si mesmo a aprecie.

Algumas meninas das mais pequenas foram por sua vez recitar differentes fabulas em francez e portuguez, o que faziam com tal propriedade e gracioso garbo que desafiavam a admiração e o applauso.

Por fim um grupo de outras da mesma idade formaram um dialogo em que com aquella graça propria da innocencia e da infancia manifestavam o prazer por suas ferias, e discutiam o modo de empregar o tempo dellas, e sobre a infelicidade dos meninos da China que privados da ventura e alegria que ellas iam gozar junto a seus pais, são pelo contrario lançados a voracidade dos animaes; e suas decisões eram maximas de religião e de moral, que tinham firmemente gravadas na memoria.

O Exm. e Revm. Sr. arcebispo, causa primaria de tudo quanto se admirava naquelle acto, e sobre cuja fronte veneranda reflectiam todas as glorias de tão venturoso dia, experimentava sem duvida as mais doces e agradaveis sensações de prazer: eram os primeiros fructos dessa arvore, que nos empenhos de sua solicitude pastoral elle havia feito transplantar para a sua diocese: seus votos estavam completos; por vezes vimos as lagrimas em seus olhos denunciando a commoção de sua alma. Elle mesmo não se podendo conter dirigio eloquentes palavras de felicitação ao paiz e particularmente aos pais de familia. Bem quizeramos dar uma idéa desse discurso, mas não nos animamos com o receio de amortecer as suas vivas côres com as nossas fracas expressões.

Annunciou-se que as ferias findariam no ultimo de janeiro: ao ouvir essa noticia tão agradavel aos discipulos em geral, as meninas entoaram um cantico de prazer com aquella satisfação propria da sua idade.

Tanto este cántico como o da entrada acharão os leitores neste numero.

Em uma outra sala estavam expostos ás vistas e exames de todos innumeraveis objectos feitos pelas alumnas; e cada um apresentava o nome de sua autora.

Entre outras muitas cousas, que seria longo enumerar, viam-se as escriptas em primorosos cadernos de diversas côres, e com lettras de differentes caracteres, algumas das quaes pareciam impressas ou lithographadas: grandes mappas geographicos da provincia da Bahia, que, parece incrivel, ser obra dellas, mas que o são com effeito das filhas do Sr. Couto e Ponce de Leão; varios trabalhos de costura, bordados e tapessaria.

Ahi está toda essa immensa multidão de pessoas de todas as classes que concorreram ao acto, para attestar não só a verdade do que dizemos, mas que tudo quanto temos dito está muito á quem da realidade.

De bocca em bocca ouviam-se palavras de espanto e de contentamento; de espanto por obras tão perfeitas executadas por meninas, que apenas há 11 meses o aprendem; de contentamento por serem essas meninas, nossas patricias; honra pois ao talento das jovens Bahianas, e ás suas dignas professoras que o tem sabido desenvolver.

S. Exc. o Sr. presidente da provincia como amigo das lettras e da provincia, que lhe deu o ser e dignamente administra, apreciando o progresso das alumnas, animou-as com affectuosas expresões de interesse, e dirigindo a's irmãas da caridade cumprimentos de benevolencia, mostrava a satisfação, de que se achava possuido.

O mesmo faziam o Exm. commandante das armas, presidente do conselho de instrucção e director dos estudos, e este sobre tudo devia estar satisfeito, attenta a dedicação com que promove as vantagens do ensino publico.

Terminou-se todo o acto as 3 horas da tarde.

AS IRMÃAS DE CARIDADE.

Um correspondente do *Times* escreveu o seguinte: He impossivel não ser tocado da extraordinaria propriedade do Instituto Religioso das Irmãas da Caridade para as necessidades do exercito do Oriente.

Nós somos informados, que os soldados francezes recebem nos Hospitaes pelo ministerio dellas não só o alivio espiritual,como o corporal; em verdade estas mulheres servem ao mesmo tempo de medicos e de sacerdotes. Se isto he assim, porque não pódem os nossos pobres cidadãos ter o mesmo ou igual soccorro em seus crueis soffrimentos? Eu creio que algumas destas irmãas, se as podessemos alcançar, valeriam quasi tanto como muitos cirorgiões assistentes, e ao mesmo tempo seriam uma fonte de consolações para os nossos soldados catholicos, que teem alguma razão de queixar-se da falta de soccorros espirituaes. E nem duvido que se achassem irmãas que quizessem corresponder a um tal convite. Porque se não manda algumas com pannos de linhos e fios, que alli agora tão facilmente se introduzem? Se o duque não julga conveniente dar-lhes passagem no primeiro navio, porque não emprega o fundo especial que se está agora colligindo para este fim, ou ao menos em parte?

Seria uma piedade mal entendida, se alguns prejuizos religiosos fizessem recuar no caminho de um bem publico tão manifesto.

O seguinte he do correspondente de Constantinopla do *Morning Chronicle*:

Os feridos francezes em Pisa vão indo á melhor, o mesmo acontece com os seus doentes, e ainda que com falta dos necessarios empregados, estão em uma proporção muito mais favoravel; leitos, cobertas, ataduras, fios, etc., teem sido preparados de antemão. O numero de seus feridos he de 1,400 á 1,500, mas seus doentes são muito numerosos. Ha aqui um convento de Irmãas da Caridade francezas, que prestam os mais importantes serviços nos hospitaes de sua nação. Podereis vêr estas senhoras caminhando pelas ruas de Pisa, acompanhadas por dous soldados, conduzindo cestas com remedios, e quando ellas passam com seus longos vestidos pretos e alvos chapéos, os Turcos ficarem de bocca aberta e espantados ao avistarem estas novas especies de Giavor genus femininæ (cachorros, nome com que os Turcos designam os Europeos.) Ellas são nos hospitaes uma grande felicidade, e os feridos sabem apreciar o que he a mão de uma mulher para mitigar seus soffrimentos. Um medico francez com quem ha pouco fallei, me assegurou que uma destas mulheres era de mais utilidade, do que todos os assistentes reunidos, que teem sido destinados ao serviço do hospital, e que nunca sabem achar alguma cousa, ou quando ministra-la.

Nós sabemos que ha presentemente 25 irmãas da Misericordia no convento da rua Baggot, casa central do instituto na Irlanda, preparadas para a primeira noticia partirem para o Oriente afim de servirem de amas aos soldados doentes e feridos. Algumas destas devotadas senhoras acompanhadas pela superiora tem vindo de Westport, e outras do convento da Misericordia em Kinsale, por isso que da casa central se lhes teem dirigido convites em nome da caridade para virem com toda pressa á Dublim, e estarem dispostas para a primeira occasião.

Hoje (terça-feira) tres religiosas do convento da Misericordia das Mercês em Kinsale, nomeadamente as senhoras Bridgeman, superiora, a irmãa Maria Clara e a irmãa Maria José dirigiram-se a Dublim em caminho para Constantinopla para ministrarem aos nossos bravos soldados e marinheiros, que possam ser feridos na guerra do Oriente. He a pedido do governo por meio da autoridade ecclesiastica, que estas devotadas senhoras se destinam voluntariamente á essa missão de misericordia. Ellas se reunirão (pensamos nós) em Liverpool com mais 20 ou 30 da sua mesma ordem, e com um capellão catholico, que as acompanhará ao sitio da guerra.

Cork Reporter.
(Noticiador Catholico.)

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO SETIMO.

UMA MEDIDA DE AVEIA.

(Continuação.)

Entretanto Sulpicio pensava:

— O pequeno não quiz quarenta francos por mez. Prefere aninar a filha de Magdalena. Ah! antes quero saber isso do que achar um, dous ou tres luizes de ouro na estrada! Se eu viver, seremos dous: um para Victoria e Antonio, outro para Magdalena; se eu morrer o pequeno fará o que teria feito o pai... Ei-a, Bijon!... Deos he bom, paga-me pelo meu filho.

E Sulpicio affagava debaixo do capote um bello canivete inglez de quatro folhas, um livro adornado de imagens, e um oculo em sua bainha de couro dourado: tudo isso para o pequeno!

— Ei-a, Bijon!

Bijon tinha o diabo no corpo: sua propria mãi não o teria reconhecido. Dava saltos sobre a charneca torcendo para aqui e para alli seus rins descarnados. As vezes levantava repentinamente a cabeça e lançava pelas ventas dous cones de fumaça; outras vezes provocava todos os jumentos da parochia com repentinos relinchos. Como sua boa indole prohibia-lhe os couces, elle tentou um passo desconhecido, termo médio entre o galope commum, e a dansa dos cavallos sabios. Se algum dia esse passo nos voltar aperfeiçoado da Inglaterra, saibamos que foi inventado por um cavallo francez. Quantas descobertas importantes nos tem sido tomadas pelos nossos vizinhos pouco delicados!

Bijon estava ebrio, procurava sebes que saltar, obstaculos que vencer. Suas longas pernas de cameto dansavam sobre a charneca. Seu instincto dizia-lhe que não tinha sobre as costas nenhuma Ingleza de idade avançada: elle sentia-se ufano e alegre. Atravessou o tojal em menos de um quarto de hora.

Chegando ao bosque, Sulpicio que deixava o castello de Maurepar a direita para ir em linha recta á Plouesnon, ouvio gritarem-lhe: Quem vem lá! Era a patrulha do segundo tenente Rouaix, que tinha levado até ahi seu reconhecimento. Sulpicio não respondeu. Os guardas atiraram sobre elle.

Bijon lançou-se no bosque rinchando, tossindo e fumegante. O tenente Rouaix consignou na memoria entre os materiaes de seu futuro relatorio, que uma tropa numerosa de contrabandistas á cavallo tinha passado alta noite fóra de alcanse.

Toto Gicquel ficando só, fechou o melhor que pôde a porta e sahio, pois não podia deixar de pensar no manto de merinó ainda novo.

— As raparigas nobres não obram como as filhas do povo, dizia elle comsigo repetindo as palavras do patrão Sulpicio. Deos o queira! Mas tenho visto filhas do povo chorarem, e vi chorar a senhora Victoria: he absolutamente a mesma cousa.

O vento continuava a vir do leste. Toto Gicquel julgou ouvir entre o sussurro um canto longinquo ou antes uma lamentação: a ladainha da Virgem Santissima, que elle já tinha ouvido no primeiro somno. Chamou gente, tão viva foi a impressão; mas ninguem respondeu. Todos sabem que a charneca dá longos suspiros ao vento nocturno.

— Victoria! gritou o machinista subindo a escarpa em que se arrimava sua choupana. Senhora Victoria!

A escarpa guarnecia um caminho baixo que conduzia de Saim Cast ao mar. Nessas estradas cobertas e cavadas pelo uso secular produz-se muitas vezes um effeito de acustica. O rumor dos passos e o som das vozes chegam-nos aos ouvidos sem que saibamos donde. Quem escuta percebe o som; mas não póde dizer em que direcção. Subindo a escarpa, Toto Gicquel ouvio mais distinctamente a psalmodia monotona e branda, e julgou reconhecer a voz de Victoria.

— Recobrarei o tempo perdido! disse elle saltando sobre o caminho. Antes de cinco minutos alcançarei a rapariga, se meus ouvidos não me enganam... e minha commissão será feita.

Elle correu. Talvez os ouvidos o tivessem enganado, porque cinco minutos depois parou e não ouvio mais nada. Talvez fosse o effeito das desviações de som, que tem lugar nos caminhos cobertos. Emquanto elle subia a Saim Cast, Victoria podia descer á praia...

Continuou a correr. O silencio o intimidava. No fim do caminho cavado ha uma pastagem plantada de salgueiros decotados, que precede immediatamente a aldeia de Saim Cast. Um dos muros do cemiterio toca a pastagem. Toto Gicquel vio uma claridade no cemiterio, e seus olhos affeitos á escuridão distinguiram o gigantesco perfil do carvalho diante da torre pontuda.

Pedro Gandeau tinha dito a verdade, alguma menina fôra exposta debaixo do carvalho. O machinista apressou o passo, e passou de um salto a escada do cemiterio.

No nicho, onde sorria a imagem pintada da Virgem atrás da grade de ferro, acabava de consumir-se uma vela; mas nada havia sobre a pedra, e o campo dos mortos estava vasio. Toto Gicquel não achou a menina nem o manto novo de merinó.

Assentou-se sobre a pedra para deixar bater o coração.

De Saim Cast ao Treguz conta-se bem uma hora de caminho, e a Casa ficava ainda mais longe do que o Treguz. O machinista tirou os soccos para correr melhor, e foi atalhando o caminho atravez dos campos. Tinha o coração mais leve porque pensava:

— A senhora Victoria tera tornado a tomar a menina. A Virgem Santissima deu-lhe um bom conselho.

Das duas cousas uma; ou Victoria tinha voltado para a Gruta das Gaivotas, ou estava em casa. No primeiro caso havia de encontrar-se naturalmente com o joven marquez Antonio, que a esperava; no segundo Toto Gicquel devia apressar-se.

Havia uma terceira hypothese, e emquanto o pobre machinista corria, seus ouvidos o enganavam cada vez mais. Elle ouvia uma voz branda e chorosa que cantava a ladainha de Nossa Senhora, dizia comsigo:

— Ah! meu Deos! quando as raparigas nobres não são essas fortes para soffrerem, obram como as filhas do povo...

CAPITULO OITAVO.

A LADAINHA DE NOSSA SENHORA.

O machinista chegou a charneca de Trehel banhado em suor. Se tive-se sido uma dessas noites de agosto propicias á tempestade, nas quaes o trovão rebenta repentinamente, Toto Gicquel teria julgado ouvir o trovão; mas os temporaes do mez de março só tem vento e chuva. Não era trovão o que Toto Gicquel ouvia.

O rumor prolongou-se surdo e largo de echo em echo pelos rochedos, e depois houve um grande silencio. O machinista havia parado ao acaso perto do fosso, que limitava os municipios de Saim Cast e de Plouesnon.

— Ah! ah! ah! disse timidamente uma voz escarnecedora do outro lado da escarpa. Eis-ahi os guardas desenferrujando as armas!

O rumor provinha de uma descarga de mosquetaria do lado do cabo a borda do mar.

— Atiraram sobre o Roblot! continuou a voz.

— Ah! disse comsigo o machinista, meu pobre primo que cantava tão bellamente!

Toto approximou-se com precaução, e metteu a cabeça entre os ramos de giesta espinhosa. O pharol mostrou um instante seu disco vermelho, e Toto Gicquel reconheceu tres passos distante de si seu senhor João Touril, emprezario da conducção das Inglezas maduras, o qual passeava na charneca, dizendo comsigo:

— Oh! a velhaquinha queria tiros; eis-ahi mais do que ella necessita!

Gicquel teve ao principio a idéa de que João Touril era contrabandista.

— Setecentos mil francos! tornou este, em peças de cem soldos postos em linha chegariam até Plehebel!... Pela minha parte os preferiria em escudos de seis libras; porque se gasta mais tempo em conta-los.

Toto applicava attentamente os ouvidos; mas não comprehendia.

— Setecentos mil francos! repetio o curandeiro affagando cada syllaba desse numero; seriam necessarias ao menos duas duzias de marmitas... Em ouro tudo isso caberia em tres... Oh! certamente eu não pediria mais do que meu barrete de algodão bem cheio de luizes.

Coçou a fronte dando um suspiro, e tornou:

— Eis-ahi! se a gente os emprega, não os tem mais á mão..... se não os emprega, perde o lucro.... Aposto que esse Sulpicio está armado, o patife não soltará o pacote sem morder.

Toto apoiou as mãos no peito.

— Setecentos mil francos! pronunciou o curandeiro pela terceira vez; vale a pena arriscar-se tudo por tudo!

— Quem vem lá! gritou a voz de Pedro Gandeau na distancia de uns cincoenta passos no tojal.

Um homem em traje de marinheiro corria com toda a força ao longo da escarpa. Toto e João Touril ouviram levantar o *cão* de uma arma de fogo, e depois um tiro. O homem cahio no fosso; mas tornou logo a levantar-se, e continuou a correr.

João Touril tinha-se lançado com o ventre em terra, e o machinista estava agachado entre duas moutas de tojo.

Graças a Deos a Morgatte tinha essa noite tiros de sobra!

— Feri-o! exclamou Pedro Gandeau.

— Oh! disse o sargento, ei-lo correndo alli como uma lebre!

Os guardas partiram ao mesmo tempo.

— Ei-a, senhor Antonio! avante! dizia comsigo Toto Gicquel. Corra para o bosque, e elles se cansarão debalde!

O homem em trage de marinheiro já tinha passado a extremidade do bosque. João Touril levantou-se, e resmungou olhando para os joelhos:

— Quanto a estas calças, estão perdidas..... Os guardas correm como endemoninhados!.... Antes quizera estar no meu leito do que aqui... Onde vai o senhor Antonio? ao Castello? á Casa?... A velha tomou tanto emetico e sanguesugas como se os burros de diploma lhe tivessem ganho mil escudos... Se esse Antonio for á *Casa*, não nos incommodará.

— Oh! interrompeu-se..... Ella quer ser marqueza!

Foram estas as ultimas palavras que o machinista ouvio. Os guardas estavam longe. Toto Gicquel desceu pelo fosso, e depois caminhou atravez da charneca deixando o curandeiro atrás de si. Toto havia feito quanto podera para comprehender o sentido do monologo do amo; mas João Touril que fallava para si mesmo procedia por elipses. Toto adevinhava sómente que havia uma trama urdida para apoderar-se da herança de Antonio Rostan, marquez de Maurepar.

Toto reconhecêra o joven marquez no momento em que este cahira no fosso, e sua pobre cabeça estava afflicta; porque pensava que os guardas tinham assaltado a Gruta das Gaivotas. Em todo o caso sua missão mudava de objecto; porque não podia mais enviar Victoria á gruta. Se continuava seu caminho para a *Casa*, era afim de advertir o grande Rostan dos perigos que seu primo corria. O grande Rostan passava por um patife; mas que importa isso, quando trata-se de vida e de morte?

Havia na extremidade da charneca para o bosque de Maurepar uma vereda que servia de atalho para ir do Treguz e da Casa á cidade de Matignon. Toto tomou essa vereda, e entrou no bosque. A noite estava tão escura que nada se podia ver na distancia de duas toezas, e o machinista que temia os guardas caminhava com precaução.

— Bemdito Jesus! disse elle parando repentinamente e applicando o ouvido; acaso eu teria felicidade uma vez em minha vida?

Alguns passos distante delle, um homem e uma mulher conversavam na vereda. Toto julgou reconhecer a voz do grande Rostan a quem procurava, e o coração batia-lhe, porque a companheira do grande Rostan podia ser Victoria.

Toto escutou cheio de esperança; mas estremeceu ás primeiras palavras que ouvio.

— Essa he boa! dizia a voz de mulher, os guardas fazem seu dever, e vossê nada tem que perder; pois lhe tomaram todo o seu ultimo carregamento.

Rostan (pois era elle mesmo) tornou:

— Elles são a causa de que dormirei amanhãa ao sereno como um cão sem dono; mas espero que algum dia ajustarei minhas contas.

A coronha de uma espingarda bateu no chão pedregoso.

— He com o espia que vossê deve regular suas contas, Francisco, meu pobre Francisco! disse a voz de mulher.

— A Morgatte! disse Toto Gicquel approximando-se com precaução para ouvir melhor.

— Quem he o espia? perguntou o grande Rostan.

— Os mercadores de rendas não lh'o disseram? O patrão Sulpicio está em Jersey com o marquezinho que vai herdar setecentos mil francos.

— Setecentos mil francos! repetio o fidalgote dando um grande suspiro.

— O patrão Sulpicio, continuou a Morgatte, sabia sempre quando seu barco carregava em Auvigny ou em Guernesey.... Pergunte aos mercadores de rendas!.... e os guardas eram sempre prevenidos.... Vossê tinha feito alguma cousa a esse Sulpicio?

O Don Juan camponez respondeu rindo com frieza:

— Não sei, creio que elle tinha uma linda mulher.

Houve um silencio. A Morgatte não podia encolerisa-lo essa noite: seu abatimento o entorpecia.

— Oh! deixe-me passar, minha bella Astrea, tornou elle com voz um tanto triste. Magdalena enviou-me um rapazinho á cidade para annunciar-me que estava com dores.... Ella faz bem parir esta noite!

— Decididamente, tudo ha de ser vendido amanhãa?

— Decididamente.... Salvo, se vossê me emprestar dinheiro, minha bella Astrea.

— Porque não?.... pronunciou em voz baixa a Morgatte.

O grande Rostan tornou a rir; porém dolorosamente. Quando o desesperado tem adormecido na apathia, a esperança que tenta nascer he como o primeiro esforço da vida voltando a um membro paralysado: he uma dor.

A Morgatte tomou-lhe o braço, e disse com um accento de ternura que Toto Gicquel não lhe conhecia:

— Ah! meu pobre Francisco! não he o desejo de salva-lo que me falta.

— He o poder? disse Rostan.

— Se ao menos vossê tivesse a coragem de ajudar a si mesmo, tornou a Morgatte suspirando.

— Eia, Astrea! exclamou o fidalgote, deixe-me passar.... Parece-me ouvir os gritos de Magdalena.

— Vossê ama-a!.... Rostan, Magdalena póde esperar ainda.

Dê um minuto a sua salvação!

Toto Gicquel póde ouvir como um rumor de luta.

— Se vossê me retiver mais tempo, exclamou o grande Rostan recobrando seu natural, hei de abraça-la, minha bella Astrea!

— Abrace-me, Francisco, e fique!

— Oh! que serpente, disse comsigo o machinista, cujos punhos se apertavam.

Um rude beijo retinio na escuridão, e depois Rostan tornou:

— Magdalena está sósinha.

— Não está lá sua criada Renotte?

— Renotte he surda e muito velha.

— Não está a irmãa della Victoria?

— Vossê tem reparado como esta rapariga está mudada? perguntou repentinamente o grande Rostan.

Astrea poz-se a rir, e respondeu:

— Vossê tem visto muitas raparigas mudarem assim, Rostan? Não adevinhou?

— Que vibora! disse o pobre machinista.

— Tranquillise-se, Francisco, meu amigo, tornou Astrea, a pequena Victoria sabe o que he necessario ás mulheres paridas.

Rostan soltou uma jura, e depois disse:

— Não tenho mais animo de agastar-me por isso... Deixe-me passar.

— Não, tornou Astrea batendo com o pé, não o deixarei passar. Sua ventura ou sua desgraça estão na balança esta noite. Minha madrinha he morta.

O machinista estremeceu, e persignou-se.

— Ah!... disse Rostan com voz sombria, senão fizeram alguma diabrura terei a metade por parte de minha mulher.

Metade de que?

— O dinheiro póde estar longe; mas o castello?

— O castello he dinheiro ha um mez.

— Que ladrões! que bandidos! exclamou o fidalgote; a lei era por nós!

Todos afagam a lei, quando por acaso a lei os serve.

— Levaram tudo? perguntou elle tirando o barrete para enchugar o suor da fronte.

— Vem comigo, que o saberás, respondeu Astrea.

Era a primeira vez que ella assim o tratava.

— Queres condemnar-me esta noite, Astrea, disse o fidalgote, tenho medo de ti!

A Morgatte lançou-se-lhe ao pescoço exclamando:

— Ah! meu pobre Francisco, senão estivesses tão triste, eu te diria....

Mas parou repentinamente. O grande Rostan esperava.

— Alguma mentira? acabou elle. Oh! sabias tudo, e nada me disseste! Agora necessitas de mim, e não adevinho para que... O João Touril não póde mais servir-te?

— O João Touril, tornou a Morgatte, como se deixasse escapar um segredo, tem na marmita bastantes luizes de ouro e moedas brancas para impedir que tua casa seja vendida.

— E elle m'as dará.

— Se eu o quizer.

— Para que o quererias?

O machinista ouvio que Astrea soluçava, e disse entre os dentes:

— A Morgatte! ella pegou-o, e não o soltará!

— Para que eu o quereria? repetia Astrea. Ingrato! ingrato! Para quem tenho trabalhado ha um anno noite e dia?

— Quanto a isso, vossê deu-me bons conselhos! Fallemos a esse respeito, minha rica! Elles me custaram os ultimos escudos.

Astrea repellio-o violentamente, dizendo:

— He assim, Francisco? Va para a companhia de sua mulher, vá!

Toto Gicquel respirou. Porém agora que era repellido, o grande Rostan não estava mais tão ancioso de retirar-se.

— Eu o havia escolhido, continuou a Morgatte, para faze-lo rico, poderoso e feliz.

— Então és uma fada? interrompeo Rostan, o qual capitulava.

— Vossê não quer, está livre. O boato que corre a respeito de sua mulher, talvez não seja verdadeiro; porque o povo he maldizente....

— Que diz o povo?

— Vá ver sua mulher!

Rostan não se movia.

— Astrea, pronunciou elle em voz baixa, estou na hora em que uma pessoa entrega-se ao diabo; responda-me francamente, Antonio está aqui?

— Sim, respondeu a Morgatte sem hesitar.

— O dinheiro da successão não passou o mar?

— Talvez.

— Vossê sabe onde he o escondrijo?

— Espero acha-lo.

— Dê-me uma hora para ver minha mulher, e depois voltarei.

— Não lhe darei um minuto.

— Deixe-me ao menos depor a carabina em casa.

— Eu não o quereria sem sua carabina!

Isto foi dito resolutamente. Houve um longo silencio, durante o qual póde-se ouvir a respiração opprimida do libertino camponez.

Toto Gicquel tremia por todos os membros.

— Onde quer conduzir-me? perguntou emfim o grande Rostan.

— Ao castello, ao meu quarto.

— Estaremos sós?

— Sósinhos!...

(Continuar-se-ha.)

(*) Vide o *Diario* n. 5.

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

MUTILADO

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

Sergipe.

Larangeiras 23 de dezembro.

Amico. — A posição primaria, que merecidamente tem ganho na imprensa brasileira o seu jornal já pela ordem de sua redacção, já pelos seus importantes artigos, e por conseguinte noticias do novo e velho mundo; eu filho devotado desta cidade, que vive entre as de mais, como desconhecida, pretendo, no caso de serem minhas linhas aceitas nas columnas de seu *Diario*, encetar uma correspondencia, narrando os factos aqui occorridos, dignos de mencionar-se, assim como me occuparei algumas vezes de toda provincia, para que desta sorte, imitando ellas de mais cidades, venha ser julgada com conhecimento de causa, e mereça no circulo de suas irmãas um lugar mais distincto do que aquelle que erradamente lhe dão: por certo se esse não fosse o meu intuito, não me arrojaria a escrever para um jornal de conceito, qual o seu he, não só pela nenhuma pratica e conhecimento que tenho, como porque reunida esta inhabilitação com o pouco tempo que me resta de meus trabalhos da lavoura, nada posso fazer em desempenho de uma missão tão nobre; alem disso acresce que de outra parte encontro em sua mesma folha escriptos de correspondentes habillissimos, e de perfeita vocação para materia dessa ordem, o que cada vez me torna mais acanhado e temeroso a appresentar-me a campo, porem apadrinhado com o antigo axioma — *Nemo dat quod non habet, ne que plusquam habet* — continúo no meu intento, pedindo-lhe desculpa das faltas, em que naturalmente hei de incorrer, juntamente aos seus correspondentes, que sejam benevolos para com o novo correspondente, que vacillante se colloca a seus lados.

Vou dar começo a minha tarefa, principiando pela agricultura, por della ser apaixonado.

A safra de assucar este anno he mesquinha, e tem portanto de gemer toda a provincia, pois he esse o seu principal producto; eu não sei como me hei de arranjar com os meus credores, porque esperança-va-os com boa safra, e agora me vejo atordoado com semelhante falta inexperada, porem sigo o rifão dos antigos — mal de muitos consolo he. —

— S. Exc. Barbosa vai proseguindo no governo da provincia, quando não satisfatorio a todos, tambem não desagradavel, por este lado seus filhos se acham accommodados. — Deos queira que elle não tropece na marcha, em que vai, na occasião das proximas eleições provinciaes.

A minha encantadora e poetica cidade vai a mi, maravilhas, as laranjas apparecem em abundancial e doces como o favo de mel.

Amanhãa tem lugar na forma do costume, na porta da capella do Senhor do Bom Fim o grande leilão, havendo depois a missa do gallo, para onde concorrem as bellezas larangeirenses, e lá hei de ir com o meu gibão, afim de ver se, assim mesmo velho, alguma das divindades terrestres me quererá diminuir os trabalhos no resto da vida.

— Foi solemnisado com a pompa e enthusiasmo do costume o dia 2 do corrente. — Alguns dos meus patricios alcançaram suas medalhas na affluencia dos despachos expedidos neste dia pela secretaria do imperio, porem infelizmente muitos outros, que deviam ser olhados com mais attenção pelos seus merecimentos para entrar em tal numero, deixaram de ser, talvez guardados para outra bonança, mas a provincia nunca desconhecerá os seus relevantes serviços.

O governo continua a empregar os meios necessarios para a limpeza das estradas. Queira Deos que eu já veja isso concluido, para cessarem os continuos abusos, que por esta causa apparecem por cá.

As pedras pezam sobre os processos de circumstancia, principalmente onde ha desconfiança de acharem-se complicadas pessoas abastadas. Aqui infelizmente o patronato para essas he immoderado.

— O commercio soffre bastante, he immenso o clamor sobre a carestia dos viveres, e a pobreza geme em quanto que as nações poderosas dão expansão ao seu genio egoista.

O rendimento da alfandega tem diminuido alguma cousa, e diversos empregados seus, por suas insobordinações, tem voluntaria e involuntariamente sido demittidos.

—A velha ponte Maranduba, segundo a disposição da presidencia, tem de vir a ser uma das principaes da provincia.

Graças aos céus, que a instrucção secundaria já vai tendo aqui algum impulso, e assim com mais facilidade seus filhos se habilitarão a entrar em qualquer academia sem ser necessario recorrer a outra provincia, como outr'ora succedia.

A barra, como sempre, se acha disposta a chamar a si as embarcações, que a visitarem tendo mais de cem toneladas ou demandarem mais de 12 palmos d'agua. A companhia — S. Cruz — ia decahindo de seu contrato, quanto ao ponto, em que deviam ancorar seus vapores. Tem-se dado as providencias necessarias, e tudo vira a ser rigorosamente observado.

Ha dous para tres mezes que perdemos um dos nossos comprovincianos, que bastante honra dava a nossa provincia, o doutor Joaquim Esteves da Silveira, formado na faculdade de medicina da Bahia o anno passado. O talento, o lugar distincto que sempre teve entre seus collegas, a consideração que tinha de seus lentes, e finalmente a dedicação aos estudos, tudo lhes sonhava um futuro cheio de esperanças para si, e todo o Brasil. Quem o conheceu e leu os seus escriptos ainda prantea e panteará sua perda.

Todos se preparam com furor e enthusiasmo para a festa, e anciosos esperam pelo novo anno que deve ser mais generoso para com a minha pobre cidade, que não foi este, que principia a largar as velas e a sulcar as ondas.

Aqui paro pela incerteza que tenho de serem aceitas e publicadas no seu *Diario* as minhas linhas, aguardando-me para outra vez no caso affirmativo.

Boas festas, encerramento deste, que me torna quinquagenario, e entrada do novo anno lhe desejo, assim como aos seus operarios, ficando certo de que serei um fiel executor de suas ordens.

O agricultor.

PERNAMBUCO.

COMARCA DE NAZARETH.

6 de janeiro de 1855.

Usança he, e muito antiga, darmos as boas festas as pessoas, a quem respeitamos e acatamos; portanto, venho hoje cumprir com este dever, desejando-lhe enchentes de venturas, o que muito se divertisse, na forma indicada na missiva da Parahiba. Outro sim, desejo que principiasse bem o novo anno, e que os céos me permittam fazer-lhe o mesmo cumprimento por longos e dilatados annos. Amen.

Tambem passámos por cá uma festa soffrivel, senão pelo lado de intretenimentos, que foram poucos, ao menos por passar-se tudo da melhor forma, e sem algum incidente desagradavel. A missa, vulgo do gallo, foi solemnisada com musica, fogos e umas intituladas pastorinhas. Na noite da 1.ª oitava, houve uma partida em uma casa particular, a qual dizem-me rivalisára bem com as do Cassino Fluminense: dirá alguem que isso he uma hyperbole intoleravel; pois não, senhor; *mutatis mutandis*, como dizia certo pedante do meu conhecimento, tudo veio a ser o mesmo.

O novo anno tambem principiou por uma festa estrondosa, no lugar de Terra-nova. Digo estrondosa, porque não faltou bicho careta, que a ella não concorresse; ao menos desta cidade bem poucas foram as pessoas, que deixaram de ir, tendo para isso um duplo motivo, qual o de aplaudir a festa, e ao mesmo tempo cumprir com o dever religioso de ouvir missa, visto como nesta cidade a não houve nesse dia.

Ha cousa de tres dias, chegou-nos dessa cidade uma companhia dramatica, sob a direcção do Sr. Santa Rosa, a qual pretendia dar amanhãa a sua primeira representação, o que não sei se poderá ter lugar, por coincidir com a segunda partida do Cassino Nazareno, tendo-se já levantado, por isso, suas rivalidades entre os apreciadores de um e de outro divertimento. Desejo cordialmente ao Sr. Santa Rosa, que não tenha motivo de arrepender-se da sua empreza; e bem assim, que encontre a protecção de todos, attento o sacrificio que fez, para vir obsequiar-nos com algumas noites de divertimento.

Tambem tivemos a ventura de virem passar a festa entre nós alguns moços dessa capital, entre os quaes notarei o Sr. Dr. Aristides da Rocha Bastos, moço sympathico, e de uma educação acurada á toda a prova, que por suas boas maneiras rende e captiva a todos que delle se approximam. Não sei se o Sr. doutor se destinará á carreira da magistratura; mas, caso destine-se, será grande ventura d'aquelles, que o tiverem entre si como empregado. Attencioso, esclarecido e intelligente, taes são as qualidades, de que se adorna, e que, me parece, muito poderão suavisar as amarguras d'aquelles, que precisam de litigar.

Apparece na subdelegacia desta cidade um novo monstro, o qual não he mais nem menos do que um processo começado no juizo municipal, e concluido em dita subdelegacia, sem que se saiba como, nem porque, eis o caso:

Lembrado estará de que em uma de minhas precedentes (se bem me recordo, foi isso no mez de junho proximo passado) dei-lhe noticia de ter um tal Xico João dado uma surra em Maria de tal, ambos moradores nesta cidade. Pois bem: a Maria de tal apresentou sua queixa em regra ao Dr. juiz municipal, e este acceitando-a mandou que se procedesse nos termos do processo. Depois apossando-se o subdelegado dessa petição de queixa já despachada por uma autoridade superior, entendeu que podia tomar conhecimento, e de feito, inquirio uma testemunha, depois do que poz uma pedra em cima de tudo, como se costuma dizer. Agora, porém, depois de seis ou sete mezes, e quando já ninguem de tal se lembrava, manda minha autoridade notificar a queixosa. (Tome nota, a queixosa!!!) e mais testemunhas, e inquire-as.

As testemunhas, como era muito de suppor, porque essas cousas sempre trazem agua no bico, nada disseram, e por conseguinte, parece-me, que será a queixa julgada improcedente.

Ora, tomára ver concluido semelhante arranjo, para ficar sabendo que o subdelegado pode tomar conhecimento de uma queixa intentada perante o juizo municipal, sem nem ao menos haver despacho, que a declinasse deste para aquelle juizo. Outro sim, toma'ra saber tambem quem pagara' as custas.

Consta que alguns processos se hão sumido dos cartorios respectivos. Quem os sumiria? Eu não fui.

A carne hoje vendeu-se a 4$000 réis a arroba, a farinha 7$680 réis o alqueire. X.

Até mais ver.

(Carta particular.)

COMARCA DO BONITO.

1.º de janeiro.

Quero, *Sir* compadre, recomeçar minha tarefa do dia de anno bom, para lhe escrever todo anno, o que de certo não será novidade, porque o pretendo fazer se as Sras. D. Parcas não se *amerciarem* de mim. Embora as apprehensões que lhe disse ter contra o n. 5 na missiva com que fechei a era que acabou; nada quero aventurar sobre a que principia, porque não desejo ficar de *mentiroso*. Olhe o passado... disse-se tanta cousa boa no seu *nascimento*, e até vossignoria o *crismou* na sua folhinha de anno do sol, e por conseguinte de felicidades, e mesmo eu rabisquei tambem *quelque chose* em seu favor; e o que succedeu? desacreditou completamente as prophecias, e foi o peior possivel, pois alagou tudo com suas chuvas, causando-nos males incalculaveis; e não foi só aqui no nosso mundinho, assim mesmo mais feliz que o velho continente, no qual houve tambem alem de muita agua, peste e guerra. Talvez que o filho de Latona vaidoso de tantos elogios, e com a presidencia do 54, entendesse que um rei não devia conduzir com suas mãos o carro, e entregasse á direcção do tal Sr. Factonte que já uma vez o *boleou*, quando quiz provar a Epapho o seu *nascimento*; e por signal que ia deitando tudo em *casa-barriz*, pois os Etontes tomando o freio nos dentes, ora se avisinhavam da terra, e tudo se abrasava de calor, e ora se afastava della, e ninguem se aguentava com o frio.—Mas caro custou o negocio, diz a fabula, ao tal sugeitinho que foi dar por ordem de Jupiter com os narizes no Eridano, hoje Pó, rio da Italia.

Acho, *Sir* compadre, muito difficil e espinhosa a tarefa desses 365, que além de tudo, tem a resolver a importante questão Turco—Anglo—Franco—Russo—Austro—Prusso (ainda que os ultimos andam com péos de dous bicos.)

Portanto direi do 55 como dizem os Srs. politicos dos ministerios e presidencias, que não são lá muito do seu gosto, mas de quem ainda justamente não devem ter razões de queixas, esperemos pelos seus actos.

Assim aguardo a maneira, porque se portara o Sr. anno novo, para então fazer seu juizo definitivo a seu respeito. Só por ora lhe desejo uma prospera viagem, e que não nos dê os mesmos desgostos do seu succedido.

Vamos ao que importa: passou-se a festa sem novidade alguma por estes lares, e só em Pimenteiras matou a um Valentim Felix Corrêa, que graças ao activo e diligente subdelegado, director da colonia, se acha na cadeia desta villa. Ao criminoso está processando o delegado, que já inquerio todas as testemunhas. Tambem prendeu a policia deste termo a Prisciliano por desertor, e Antonio Simões pronunciado como introductor de sedulas; falsas este *quisque* he socio e primo do *bom* Ralalão, assim como excellente *apanhador* de cavallos.

Delle não fallei quando lhe communiquei o resultado do processo das sedulas, por só convir publicar o nome do que então estava capturado, e foi com essa condição que me confiaram o segredo.

Foram ainda presos mais quatro *bichinhos*, um por crime de furto, dous para averiguações, e outro finalmente porque, tendo ajustado um *mariage* e estado dous mezes (como he uso entre gente de certa ordem) a teuda e manteudamente para lhe fallar na phrase de ordenação, comeu as favinhas e poz-se ao fresco; o pobre pai recorreu ao juiz municipal que meteu o *philofacas* na cuja, donde sahirá *ad recepiendum esse* a dita, que naturalmente terá o seu *acouchement* antes do nono mez. Entre os *recem engaiolados* ha um Renovato, que veio como chefe de escolta trazer outro ao delegado, que já tendo recommendações contra o meu Renovato mandou a guarda da cadeia tambem recolher da patrulha o commandante, o qual presentemente affirma que *nunca mais bodas ao céo*, isto he, que em tempo algum será elle trazedor de presos.

Estou com pressa, porque esta madrugada sahe o portador para ahi, e não quero perde-lo.

Terei assaz de *gaudio*, se souber que *vossignoria* teve boas festas, e melhores entradas de anno.

Esquecia-me dizer-lhe que hei tido meus receios de se haver desencaminhado a minha ultima carta, por que já li o *Diario* até 21 de dezembro e não tive o *inefavel* de a ver nas columnas do seu apreciavel jornal.

Au revoir.

VARIEDADES.

Um sermão de Diderot.

Voltaire acabava de deixar sua residencia de Ferney (eram 10 de fevereiro de 1778) com o duplo fim de assistir as representações de Irena, e avivar no coração dos parisienses um enthusiasmo que o tempo, e a ausencia já haviam moderado.

Desde a hora de sua chegada ao hotel do marquez de Villete, se espalhou a noticia pela capital. Os amigos se apressaram em visita-lo, e seus inimigos se vexaram um pouco; e por alguns dias no hotel do caes dos Theatins se notava uma vozeria sem exemplo. Os ricos coches alli se cruzavam com as modestas carruagens de aluguel, e os pobres peões se olhavam, espantados dessa perpetua confusão de homens e cavallos.

No fim de um mez a curiosidade geral estava mais desanimada; o rodar das equipagens, as disputas dos lacaios, e o relincho dos cavallos já não perturbavam o valetudinario e nervoso hotel de Mr. de Villete. Um grande silencio succedeu a primeira sufocação publica.

A fallar a verdade Voltaire não se deu por achado desse esfriamento de zelo: elle estava cheio de fadigas, lançava sangue, e seus pobres nervos de poeta se achavam em um estado digno de lastima. De mais, por maior que fosse a cegueira de seu orgulho, não he crivel que um espirito tão fino e de tanta penetração deixasse de ver na sofreguidão dos visitantes, mais uma curiosidade banal e vã, que um tributo ao genio.

Em um dos primeiros dias de março, n'uma dessas manhãas disputadas pelo sol e pela chuva, um homem com 60 annos mais ou menos, vestido de preto, sahio do hotel Villete, antes de voltar o caes, o prudente personagem observou o céo para se assegurar de uma nuvem dubia e que ameaçava alguma chuva, e depois com um pé ainda ligeiro para sua idade tomou a direcção da Ponte nova. Teria apenas andado 10 passos, quando a janella de uma casa por onde passara se abrio com algum estrepito, e deixou ver uma cabeça de velho, coberta com um bonete de velludo, e ao mesmo tempo echoou uma voz imperiosa, posto que fraca. Oh! Mr. de Alembert! Mr. de Alembert! O nosso homem. Voltou-se e se encontrou não sem desejos de rir com a figura algum tanto esquisita de Voltaire. Trazei-nos Diderot, meu de Alembert, porque ainda o não vi! com os diabos não he assim que se trata os amigos!! Entretanto a janella se fechou com um novo ruido, e os passageiros cujo caminhar havia sido interrompido por essa momentanea scena, só viram então ir pouco a pouco desapparecendo o bonete de velludo do velho philosopho, e o vestido preto do academico evitar com rapidez a chuva preparada na atmosphera.

Nesse mesmo dia as duas horas da tarde entrava de Alembert em casa de Diderot. Foi levado para o gabinete de seu amigo, a quem encontrou em uma poltrona de damasco encarnado, e marchetado de grandes brochas douradas.—Sobre uma secretaria de *acajou* viam-se n'um *pele-mele* livros, manuscriptos, estampas etc., etc. Todos os quadros do quarto eram collocados de um lado. Uns sapatos de fivellas e velhas calças cor de avelãa postas tá vontade em uma cadeira, entretanto que uma grossa bengalla de castão de marfim estava sobre um *infolio* que dormia mansamente em uma almofada. A desordem eloquente do artista se manifestava soberanamente no interior dessa pequena peça. Alli se lia a preoccupação e o deleixo do grande escriptor, que cuidava em tudo, excepto no que dizia respeito a sua vida material.

No meio de uma representação que ao menos em miniatura, parecia o chaos, Diderot folheava com certa gravidade um S. Chisostomo qee seus braços apenas sustinham. D'Alembert chegou-se a elle, e pondo-lhe de leve a mão no hombro disse em voz alta: como vais, meu charo philosopho? Diderot corou, e sahindo de sua contemplação, em lugar de responder a pergunta, se contentou de dizer entre dentes, e com signaes de indignação: Philosophos! ousemo-nos intitular philosophos, nós os filhos perdidos de um seculo abastardo! Philosophos! Como se toda a philosophia do mundo não estivesse naquelles livros!! D'Alembert conhecia á fundo a mania de seu collega e não ignorava que suas idéas extremamente vivas e voluveis seguiam direcções as vezes bem oppostas.

Demais sabia quanto era ardente a imaginação do seu amigo a quem em algumas occasiões enthusiasmavam até as cousas já esquecidas e passadas... Não era portanto de admirar vê-lo gabar tão excessivamente obras, que haviam talvez na vespera soffrido a sua inflexivel critica. D'Alembert não pode evitar um riso, vendo-o tirar o lenço para enchugar uma lagrima sincera, arrancada por suas piedosas leituras.

Bofé, meu charo Diniz, exclamou d'Alembert abrindo um dos in-folios, que jaziam no chão, tenho para mim que estes volumosos e empoeirados livros devem pezar tanto no espirito, como nas mãos. O geometra esperou em vão uma resposta. A excessiva preoccupação de Diderot o impacientava, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do amigo sem dizer uma só palavra. Depois de alguns instantes, conhecendo este quão singular era a recepção que fazia a um confrade, virou-se para elle, e apezar de distraido disse-lhe: sim, senhor, meu bom academico! que me das de novo deste mundo? o que ha de novo, charo Diderot, respondeu o geometra encantado de o ver tornar a razão, o que ha de novo he que o maior dos poetas, o mais profundo dos philosophos, e o principe dos homens de talento, está ha um mez em Paris, he emfim que o illustre Mr. de Voltaire se admira, e se afflige de não ter ainda sido visitado pelo seu querido Diderot; certamente exclamou Diderot com especial vivacidade! he tempo de rasgar o *véo de ouro*.

D'Alembert não comprehendendo o sentido de tão vehemente expressão quiz aproveitar as boas disposições do seu amigo, ajudou-o a vestir-se e alguns momentos depois tomaram ambos a direcção da casa de Voltaire. Durante o caminho o pobre Diderot fallava em voz baixa com phisionomia animada, e de quando em quando repetia: um bello philosopho que deseja ser marquez! Um philosopho que não dorme de noite e dia, porque não passa de um *parvenu* como eu.

Taes phrases e outras do mesmo jaez fizeram desconfiar o officioso cortesão de Voltaire, que receiava um escandalo da parte de Diderot, porem como não era tempo de recuar, apênas tratou de torna-lo mais razoavel; infelizmente não conseguio o desejo, pois no momento em que elle o deixava á dous passos do hotel Villete para ir comprimentar a Mr. de Condorcet (que sucia de tarugões!) que atravessava a rua e vinha a seu encontro, murmurou Diderot—vou rasgar o véo de ouro.

Em frente da porta, na qual Diderot ia entrar viam-se parados dous carros: um de rara elegancia trazia brasão de armas; o cobre era assas polido, a douradura e a prata ondeavam de todos os lados, as portinholas estando, como estavam abertas, deixavam aos olhos toda a liberdade para olhar o interior, e apreciar as suas deliciosas riquezas. Um estofo de seda cor de rosa tapisava á caixa; os cochins eram de um bello velludo encarnado com grandes borlas de ouro: essa magnifica sege devia pertencer a alguma dama de alto coturno, ou a alguma *parvenue* (filha da fortuna) de bom gosto. A outra ao contrario era em extremo simples, usada e enegrecida. Parecia ser de alguma viuva inconsolavel dê avarento ou de algum medico. Um pequeno boleiero tiritando de frio, e vestido á burgueza, lançava do seu assento de côro vistas um pouco invejosas para os bellos lacaios empoados, e de luvas brancas que davam muitas gargalhadas em roda dos inquietos cavallos da primeira sege.

Semelhante espectaculo não captivou a attenção do nosso philosopho, que passou sem levantar os olhos, e galgava de 4 em 4 os degraos da escada; quando chegou a entrada do quarto occupado por Voltaire veio recebe-lo M. Dinyz. A boa Sra. o acolheu com perfeita polidez; ella bem sabia que seu tio tinha grande amizade a Diderot, cuja eloquencia, espirito enesgotavel e véia satirica eram muitas vezes temiveis. Muito se alegrará meu tio vendo-vos, Mr. Diderot, disse ella com um surriso gracioso, conheço quanto vos ama!! » Ainda não havia concluido as ultimas palavras desta phrase, já Diderot pizava junto á porta do quarto de dormir de M. Voltaire. Esperai, gritou M. Dinys, eu vos devo previnir que meu pobre tio está doente, e muito doente, Mr. Trouchin prohibio expressamente de o excitarem a fallar; de resto o bom Mr. Tronchin la se acha, e isso mesmo vos dirá. Diderot atirou á sobrinha do grande Voltaire um olhar inteiramente comico. Estejais tranquilla a esse respeito M. Dinys, conto fazer todos os gastos da conversação; hei muito que dizer ao Sr. vosso tio.

Abrio-se a porta do tal quarto de dormir, e entrou. Não obstante serem ja 3 horas depois de meio dia os famulos ainda estavam retirados, e as cortinas descidas; um candieiro collocado sobre a chaminé, onde havia um fogo meio apagado derramava triste e incerta claridade. O illustre doente repouzava em largo leito, de rico sobre-ceu, sua cabeça se reclinava em macios travesseiros; e de tempos em tempos se ouviam suspiros acompanhados destes expressivos monossillabos —ah! ah!—que assas mostravam soffrimentos vivos e reiterados.

Um velho e uma mulher moça procuravam consola-lo, e o reanimavam fallando-lhe de sua gloria, e do immenso successo que ha pouco obtivera no theatro francez. O velho guardava, e estava calado, tinha um semblante melancolico, e com a vista baixa dava a modo que com impaciencia umas pancadinhas com a bengalla no assoalho. Os dous personagens erão: um o famoso medico Tronchin, e outro nada menos, que a celeberrima condessa Dubarry. Diderot dirigio-se gravemente para o meio do quarto, saudou com um ar solemne a companhia; e depois de contemplar em silencio a scena lugubre que tinha diante dos olhos, e da qual pareceu tirar uma inspiração, exclamou com exaltação prophetica:

Salve o grande prevaricador! Salve o ultimo dos pagãos!! Venho em nome de tuas victimas, em nome daquelles que arremessaste ao mal, assistir aos teus derradeiros soffrimentos dizerte o eterno adeos como o fogo que não aquece mais, como as vellas que ja não alumiam, teu corpo vai extinguir-se. Attende: a noite da eternidade principia a cahir sobre tua cabeça, e os murmurinhos do mundo vão pouco e pouco findar-se para teus ouvidos, semelhante a esse ruido que ouço ao longe:— Diderot se inclineu, e como que escutou o movimento de uma carruagem que passara com rapidez por baixo das janellas; Voltaire se havia levantado sobre o assento para chamar gente; M. Dubarry encarava Diderot com um espanto misturado de temor; Tronchin estava immovel.

Oh! cruel seductor! continuou Diderot, o seculo que te tem adorado ha de ser condemnado sem piedade pelo soberano juiz, que está nos ceos; se algum daquelles, que hão vivido ao mesmo tempo que tu, não vierem nos teus ultimos instantes recordar os titulos que tens a seus odios, e desprezos. De dentro desta camara silenciosa, e mal alumiada, não ouves cousa alguma? não ouves suspiros e gritos de desespero? Estes muros são tão compactos que não repetem nenhumas das imprecações com que o genero humano envolve o teu nome, e até accorda com a trombeta do juizo final? Approximai-vos, pais degenerados, mãis culpadas, filhos malditos! Avançai oh lamentavel cortejo de creaturas condenadas ho continuos remorços, suspendei o curso de vossas lagrimas; fazei calar por alguns momentos essas vozes medonhas e angustiadas que choram sem fim uma infancia de innocencia. —Vinde, christãos despojados de vosso Deos e da herança celeste; não falteis a meu appello. Oh! vós que não cahistes ainda, porem que caminhais com um passo rapido e firme para o profundo abysmo, vinde! vinde! vinde!

Cercai o leito deste moribundo. Eis aqui vosso grande inimigo nú e desarmado. Arrancai-lhe essa corôa de ouropel, que nas vossas horas de loucura cingistes na sua fronte. Roubai-lhe essa gloria mundana, com que o cobristes para esconder a vossos proprios olhos sua hedionda nudez. Approximai-vos! augmentai vosso circulo em torno de sua cama funebre, e depois cahi a seus pés agradecei-lhe o ter attrahido sobre vós os raios do ceo, de vos ter perdido, deshonrado, condenado. Nesta passagem fez Voltaire um supremo esforço para gritar; M. Dubarry empalidiceu de medo, Tronchin deixou cahir as mãos no rosto. E ainda tudo não terminará para ti oh grande inimigo da raça humana? uma nova geração se levanta do nada para substituir neste mundo a que vai desaparecer. Quando elles perguntarem por estes orphãos, a historia de seus pais, lhes será respondido: elles foram desgraçados, e Voltaire causou todas as suas desgraças. Então amaldiçoarão teu nome, atirarão tuas cinzas ao vento, queimarão teus perniciosos livros exclamando — Satan! Voltaire!

Mas o tempo urge; minha missão esta preenchida; este medico, que he velho e cheio de experiencia, pode querer enganar-te a respeito de teu estado: esta mulher prostituida, que tens o direito de reivindicar como uma de tuas victimas, pode-te lembrar uma gloria, que se escurece para sempre, uma reputação que se apaga; tu conheces a verdade do que tenho dito. Adeos, portanto; brevemente te acharás face a face com teu juiz, com esse Deos terrivel, contra quem tanto blasfemaste. Isto dito, Diderot sahio correndo.

Voltaire não tardou em revistir-se de sua presença de espirito; elle quiz suspirar, e seus musculos não se prestaram a esse esforço.

Tronchin levantou-se com gravidade, disse algumas palavras ao ouvido do doente, e offerecendo o braço a M. Dubarry sahio com ella.

M., disse para a amazia de Luiz 15, este philosopho he um pouco enphatico, algum tanto louco, mas disse tambem muitas verdades no seu sermão.

E Voltaire morrera com medo delle, replicou M. Dubarry.

Sim, madame, passados dous dias, o sucesso mostrará que Diderot se não enganou em suas predicções.... o grande homem terá succumbido.

M. Dubarry subio á sua elegante sege um tanto pensativa, e Mr. Tronchin entrou para a sua, dizendo ao seu cocheiro: vou para minha casa, e não sahirei mais hoje. (Traduzido.) *(Idem.)*

CAMARA MUNICIPAL DO RECIFE.

Sessão extraordinaria de 20 de dezembro de 1854.

Presidencia do Sr. Barão de Capibaribe.

Presentes os Srs. Vianna, Mamede, Dr. Sá Pereira, Oliveira, Gameiro, Rego e Amorim, abrio-se a sessão, e foi lida e approvada a acta da antecedente.

Foi lido o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Exm. presidente da provincia, communicando que, em 12 do corrente transmittira ao director das obras publicas o officio que esta camara lhe enviara em o 1º de novembro ultimo, afim de ser satisfeita a sua requisição relafiva aos perfiz e plantas das obras á fazer-se com o calçamento da estrada da ponte d'Uchôa.—Inteirada.

Outro do mesmo, dizendo que, para poder resolver á cerca do conteudo no officio que esta camara lhe dirigira em 9 do corrente, fazia-se necessario que se lhe informasse quanto existe em cofre para a obra do matadouro.—Que se informasse.

Outro do mesmo, enviando copia da postura addicional, que approvára provisoriamente acerca da remoção dos fornos de padarias do centro da cidade para lugares convenientes.—Inteirada: que se publicasse a postura, e se remettessem copias della aos fiscaes para a fazerem cumprir.

Outro do procurador, informando ácerca do requerimento de Manoel Figueirôa de Faria, que quanto a despeza dos documentos ns. 1, 2 e 3 podia ser paga, e não assim a do documento n. 4, por ser relativa á impressão de editaes para a revisão da guarda nacional, que não está a cargo da camara.—Deferio-se neste sentido ao peticionario.

Outro do administrador do cemiterio, participando o facto de haver Francisco Lucas Ferreira mandado conduzir para alli no dia 6 do corrente, o cadaver de uma donzella em carro de segunda classe do §2 art. 53 do regulamento respectivo, havendo a parte contratado a conducção em cárro de primeira classe, como tudo constava do termo que remettia.—Mandou-se remetter ao advogado com a copia do contrato que assignou o mesmo Lucas, afim de proceder como for de direito.

Outro do mesmo, participando a occurrencia, que na noite de 13 para 14 do corrente se dera no cemiterio.—Que fosse remettido ao vereador encarregado dos negocios do cemiterio, e se mandasse copia ao Dr. chefe de policia, afim de dar as providencias que julgar convenientes.

Outro do fiscal de S. José (2) remettendo os mappas do gado morto para consumo desta cidade nas semanas de 4 á 10 e de 11 a 17 do corrente (1236 rezes).—Que se archivasse.

Outro do fiscal do Poço, expondo a necessidade de dous chafarizes nos povoados do Monteiro e Apipucos.—Adiado.

Outro do fiscal da Varzea, dizendo que no mez de novembro ultimo se mataram 22 rezes para consumo da mesma freguezia.—Que se archivasse.

Outro do mesmo, dizendo em resposta a portaria do primeiro do corrente, que examinando o rio e informando-se dos moradores, não lhe constou que houvesse tapagem ou impedimento por outro modo no curso das aguas.—Inteirada.

Outro do fiscal de Jaboatão (3) remettendo a nota das rezes mortas para consumo da freguezia, nos mezes de setembro, outubro e novembro ultimos (120 rezes).—Que se archivasse

Outro do fiscal de S. Lourenço, remettendo a nota do gado morto para consumo da freguezia no mez de novembro ultimo (40 rezes). — O mesmo destino.

Antonio José Firmo fez declaração por petição de haver montado um estabelecimento de carros funebres na rua Augusta n. 21, com todas as condições do regulamento respectivo.—Mandou-se inscrever, lavrar termo e annunciar, bem como participar ao administrador do cemiterio e ao procurador.

Despacharam-se as petições de Antonio José Correia, de Antonio José Alves, de Clorindo Ferreira Catão (2), de Francisco José dos Santos, de Firmiano José Rodrigues Ferreira, do padre Francisco Coelho de Lemos e Silva, de Francisco Ignacio da Cruz, de Joaquim Maria de Carvalho, de João Facundo da Silva Guimarães, de João Manoel de Siqueira, de José da Costa Ribeiro, de João Jose do Rego, de Maria Cordeira Xavier de Brito, de Manoel Felix Monteiro, de Manoel da Paixão Paz (2), de Manoel José Mauricio de Sena, de Manoel Figueirôa de Faria, de Manoel Coelho Cintra, de Manoel Jesus Monteiro, de Theotonio Felix de Mello, e levantou-se a sessão.

Eu João José Ferreira de Aguiar, secretario a subscrevi.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—*Mamede.—Barata de Almeida.—Gameiro.—Rego.—Sá Pereira.*

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Parte do dia 8 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das differentes participações recebidas nesta repartição, desde o dia 6 até hoje, constam que foram presos:

Pela delegacia do primeiro districto deste termo, Joaquim Galvão, para averiguações policiaes.

Pela subdelegacia da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, Manoel Pedro Pereira, por suspeito, o preto escravo Boa Ventura por fugido, o preto escravo Joaquim sem declaração do motivo, o pardo João de tal e Lourenço José do Rego, ambos para averiguações policiaes.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto escravo Roberto, á requerimento de seu Sr., Vicente, escravo, sem declaração do motivo, Manoel Martins Marques e João Barbosa dos Passos por furto.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, o preto escravo Bernardo, por ser encontrado armado, Francisco Carneiro, Antonio Correia de Mello, por serem encontrados armados de espada, Manoel Joaquim da Cunha para averiguações policiaes e Laurianno da Porciuncula Pereira da Silva para correcção.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, o preto escravo Antonio, por oppôr-se a ser corrido, o boleiro Pompéo, por haver pizado com o carro a um individuo, os pretos escravos Matheus e Rafael este por ebrio e aquelle por fugido.

Pela subdelegacia da freguezia dos Afogados, Bernardino de Sena Tavares, e Luiz escravo, por desordem, Francisco das Chagas, para averiguações policiaes, e a preta escrava Antonia, por fugida.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 8 de janeiro de 1855.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia,—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

ERRATAS.

No mappa do hospital regimental publicado no dia 5 do corrente, deram-se os seguintes erros:

O titulo em lugar de ser o que lá se lê, deve ser: —Mappa das praças que falleceram no hospital regimental no anno de 1854.

E na casa de molestias os seguintes:

Francisco Manoel da Costa—Molestia—Ascite.
André Francisco do Nascimento—Molestia—Diathese purulenta.
José Fiel S. T—Molestia—Hydro-pericordio.
Antonio Machado—Molestia—Cesebrite chronica.

COMMUNICADO.

A extracção de um calculo da bexiga, de pollegada e meia de diametro, por meio da lithotricia, operação que consiste na pulverisação da pedra, e sua sahida pela urethra, praticada pelo Dr. Carolino Francisco de Lima Santos.

A importancia de um proceder operatorio, bem certo, não esta na opinião dos que o ignoram e procuram dar valor só ao que aprenderam, a custa da alheia reputação.

Uma verdade he sempre uma verdade: ella não recua, e caminha mesmo a despeito quantos obstaculos se lhe anteponha.

Se a lithotricia he uma operação joven comparativamente a talha, que data de tempos immemoraveis, ou quando menos de Hippocrates, e Galeno—não deixa de ser uma grande invenção, um bem immenso que todos os dias toma corpo, e progrede deixando beneficios e proselitos. No estado actual da sciencia, dizer em these que a lithotricia he inferior a talha he um erro imperdoavel; como que, dizer, que a talha he inferior a lithotricia outro erro não menos grave. Da escolha dos casos he que depende a preferencia deste ou d'aquelle proceder; da escolha dos casos he que resulta em geral o bom ou mão exito da operação. Do que se segue que todo aquelle que, tendo de extrahir uma pedra da bexiga, usar cega e exclusivamente de uma das duas operações ha de muitas vezes matar, podendo salvar, e vida dar a seu semelhante; sendo certo que se para o vulgo tanto mais importancia, e valor tem uma operação quanto mais sangue ella derrama, mais tormentos occasiona e repugnancias produz—para o homem da arte o valor real, e importancia só está nas difficuldades que vence, poupando á vida, o sangue, as agonias e as dores.

Debaixo deste ponto de vista, a talha, geralmente fallando, não póde deixar de ser inferior a' lithotricia.

Demais: um bom resultado pela talha póde depender do animo, e do accaso; entretanto que os bons effeitos da lithotricia só dependem da prudencia, e do estudo do operador.

Offerecendo ao publico esta historia não temos por fim alardear; e visto toda a importancia estar na natureza da operação, a' sciencia compete a gloria, se gloria existe... que a nós não cabe senão a satisfação de publica-la, mostrando, que, se de quem fraco no talento nas mãos o lithocastro ou o instrumento triumphou de não pequeno calculo, e a vida deu a um homem ja' condemnado a morte—com quanto mais razão não triumpharia elle dirigido por talentos que aqui não são suspeitos, e que só o velho proceder empregam por falta de estudos relativamente ao novo? Vamos ao caso.

Benedicto das Chagas Coelho, natural de Pernambuco, de dezoito annos de idade, solteiro, fraco de constituição, de temperamento nervoso, foi entregue a nossos cuidados no dia 17 de agosto do anno proximo passado. Disse e affirmaram todos de sua casa, que desde a idade de seis annos soffria das vias ourinarias; que estes soffrimentos consistiam em dores sobre o baixo ventre, prisão nas ourinas, hematuria ou excrecção de sangue pela urethra, e peso consideravel; que apezar deste estado, a custo, conseguira aprender a ler ea escrever, e dera-se ao officio de alfaiate, mas sempre com reserva, e sujeito ora á botica ora á remedios cazeiros que lhe ensinavam; que ha tres para quatro annos, porém, vendo que se agravavam seus males reccorreu de novo aos facultativos desta cidade, dos quaes uns lhe haviam dito que todos os seus padecimentos provinham de uma nephrite-inflammação dos rins; outros que de uma inflammação da bexiga-cystite; e outros afinal que a não existencia de um calculo, sendo indubitavel, reconheciam tão sómente a presença de uma chronica inflammação da mesma bexiga. O certo he que quando nos foi entregue o doente já desenganado, e de volta do Beberibe para onde tinha ido a conselho dos medicos que o assistiram, seu estado era o seguinte: magrem consideravel ou quasi um estado de cachexia, febre continua, calefrios de vez em quando, pelle secca, sede, a norexia, dores excessivas pelo ventre exacerbando-se a mais ligeira pressão e sobre tudo na parte correspondente a bexiga, peso consideravel no recto e na mesma bexiga a ponto do enfermo dizer que uma arroba lhe impedia os movimentos, dores acerbas quando ia ourinar mormente depois que acabava, interrupção brusca as vezes ao sahir da ourina, a sensação da quéda de um corpo sempre que se voltava de um para outro lado, ourinas turvas as mais das vezes, e outras vezes vermelhas depositando no vaso um sedimento quando não vinham carregadas de mucosidade, e com a propriedade de facilmente se alterarem, e lançar um cheiro putrido, dysuria as vezes facilmente substituida por estranguria, e esta pela ischuria, isto he, a ourina ora correndo livremente mas com difficuldade, ora gotta a gotta com dores atrozes, ora com impossibilidade completa de ser excretada.

Neste estado, e com semelhantes dados deviamos logo diagnosticar? Se os symptomas de uma cystite ou simples inflammação da bexiga existiam, alguma cousa mais não deixava tambem de haver, que nos levasse a procurar a causa efficiente dessa inflammação. O facto do doente asseverar que a sensação de um corpo que cahia, ao voltar-se elle de um para outro lado, suscitou-nos logo a idéa de uma pedra; e quanto bastava, além de outras considerações, para que nos visemos obrigado a levar uma sonda á bexiga com o fim de explora-la.

Com effeito: no dia 20 de agosto sondamos a bexiga; mas tal era sua sensibilidade, a dôr que experimentava o doente, e a contractilidade que a muito custo penetrando-a, fomos obrigados a retirar o instrumento sem resultado algum por não termos encontrado a pedra; mas nem por isto a idéa de sua existencia em nós arrefeceu; e pelo contrario suppozemos logo o que mais tarde se verificou, isto he, que a bexiga em consequencia de sua contractibilidade irregular, e anormal havia formado como que duas lojas, uma inferior que o calculo escondia engastando-o, e outra superior onde penetrava a sonda.

Nisto, entendemos que melhor seria não violentar, e antes acalmar a irritabilidade, e combater a inflammação para mais tarde, injectando algum liquido, melhor então explorar. O que feito por meio de bixas no perinee, banhos repetidos, cataplasmas emolientes e laudanisadas, clysteres calmantes, e bebidas mucilaginosas — oito dias depois (no dia 29 do já mencionado mez) tendo feito uma injecção de agua morna com algumas gottas de laudano, ao entrar a sonda na bexiga, encontramos logo o calculo que nos não pareceu pequeno. Então a sensação que resultou da extremidade da sonda contra um corpo duro, e o som resultante do bico da mesma contra a pedra não nos podia mais deixar ficar em duvida ácerca de sua existencia real.

Assim reconhecida a pedra, restava medi-la com o fim de saber qual seria o tamanho, e resolvermos na escolha dos meios para sua extracção, condição *sine qua* seria commetter uma falta reprehensivel. Mas para isto era mister dilatar a urethra, e prepara-la a receber o instrumento proprio. Além de continuar o doente no uso dos emolientes, e calmantes ordenamos fricções de pomada stibiada sobre a região pectinea com o fim de remover ou diminuir a grande irritabilidade do colo da bexiga e da urethra. Com effeito: logo que a suppuração se estabeleceu, um melheramento manifesto teve lugar, e o doente começou a melhor se prestar a introducção da sonda; e tão poderoso foi o emprego da pomada stibiada que até seu estado geral se tornou mais lisongeiro, a febre diminuio, a lingua tornou-se melhor, e o apetite appareceu. No dia 8 de setembro então introduzimos o dilactador do Sr. Civiale (optimo instrumento pela facilidade com que depois de ser introduzido na urethra se abre gradualmente, produzindo o maximo de dilatação) e feita a dilatação quanto bastasse para a introducção de um pequeno lithotrictor, cinco dias depois — que foi no dia 13 do mesmo mez — conseguimos medir a pedra, a qual em seu maior diametro deu bem pollegada e meia de extensão; do que resultou-nos a idéa de que a pedra era quasi do tamanho de um ovo ordinario.

Já não era pois o calculo pequeno: tinhamos de lutar com immensas difficuldades, attenta a inflammação da bexiga, sua chronicidade, o estado geral do enfermo, a irritabilidade, e exquisita sensibilidade do colo da bexiga e da urethra; mas tinhamos tambem por nós a confiança no nosso estudo, a resignação do enfermo, a nossa prudencia, os meios de combater os accidentes, e emfim tinhamos por nós a — lithotricia.

Medida afinal a pedra, e reconhecido o seu volume, chamamos a dous de nossos collegas que testemunhassem o facto, restando tão somente preparar de novo o doente, e marcar o dia da primeira operação; mas era preciso ainda por algum tempo deixar de parte o que tinhamos ouvido na França dos dous mais habeis operadores, os Srs. Civiale, e Caudmont; era mister ver de novo o que dizem os livros, e de novo consultar ao estado geral do doente, e particular das vias ourinarias; e afinal depois de muito cogitarmos, e ter vencido — a lithotricia — que atacava os factos que lhe eram em contrario com a imprudencia, inhabilidade, e impaciencia dos que a praticaram em sua origem, e hoje ainda praticam; e igualmente recordando-nos de ter visto o Sr. Caudmont extrahir de um velho de 60 annos um enorme calculo por meio della — resolvemo-nos a poupar o horror do canivete e do sangue ao pobre enfermo; salvando-o igualmente de um perigo irremediavel, e subdividindo-lhe as dores e os soffrimentos.

Já se vê pois que nem foi o—*cui persecta lethale* de Hypocrates, nem os temores dos mais ardis cirurgiões gregos, ou cousa semelhante que nos fizeram regeitar a talha, mas sim uma convicção baseada em principios, e em factos que observamos.

O que posto: continuamos a dilatar a urethra, renovando sempre o emprego da pomada stibiada, e submettendo o enfermo ao uso dos calmantes.

Completa que foi a dilatação, no dia 27 de setembro, depois de convenientemente collocado o doente, e injectado lhe ter na bexiga uma porção de agua morna laudanizada até que provocasse ligeira vontade de ourinar, segundo Malgaigne, introduzimos o lithocastro de Heurteloup modificado por Charriére; e isto em consequencia de ser este instrumento de força maior do que o chamado — bico de pato. Logo que o instrumento ganhou o fundo da bexiga pela pressão que lhe fizemos, e que foi aberto, a pedra cahio sobre a concavidade da porção curva do ramo macho; seguramo-la, verificamos por meio de movimentos lateraes se a bexiga estaria ou não presa (condicção essencial e sem a qual se póde dar a morte) a trouxemos ao centro da cavidade da bexiga, abaixamos o instrumento, e com a mão direita introduzimos o pião e a quebramos em parte.

Quebrada a pedra, diminuida já ficava a sua força por isto que, em geral, a resistencia dos calculos está na razão do volume. Fechado o instrumento, e de novo aberto, tornamos a segurar o calculo ou um dos grandes pedaços, e o esmagamos. Este processo foi repetido mais duas vezes até que marcando o relogio já cinco minutos de demora, retiramos o instrumento, introduzimos uma sonda de olhos grandes, e injectamos mais agua para dar sahida a porção pulverisada do calculo; e o que de facto succedeu senão no todo ao menos em parte como fôra testemunha um dos nossos collegas.

A retirada do instrumento logo depois de cinco minutos he uma necessidade, visto ser de observação que mais tempo de demora occasiona accidentes as vezes difficeis de combater, como febre forte, e inflammações.

Claro he que á semelhantes manobras o doente não podia ser indifferente; e tanto mais que sua timidez era naturalmente excessiva; elle sentio dores he verdade, mas não dores de desespero, dores de morte, dores de um ferro cortante que rasga até ás entranhas paulatinamente, e tanto que se não moveu do lugar, nem mister foi que o segurassem. Logo depois da operação demos-lhe duas pilulas compostas de camphora e laudano, e o metemos em um banho morno prolongado; dez minutos depois teve vontade de ourinar, e nessa occasião lançou mais algumas areias; tres horas depois da operação sentio frio, sobreveio-lhe febre e sêde; poz-se em uso de agua assucarada e nada mais; quando na noite d'esse mesmo dia fomos chamados para extrahir um bom pedaço da pedra que tinha engasgado a urethra. O unico instrumento que nos foi util n'essa occasião foi o ramo macho do quebra pedra urethral, que nada mais he do que um pequenino lithotrictor; e podemos mesmo asseverar que he o melhor instrumento para a extracção dos calculos da urethra.

Desembaraçado o doente deste incidente, meteu-se em um segundo banho, e nesta mesma noite tomou uma outra pilula. No dia seguinte a febre tinha declinado e tudo mais, e o doente passou bem lançando sempre que ourinava, particulas de pedra. Sem duvida que outro operador trataria logo de fazer uma segunda manobra; mas era preciso respeitar a natureza do doente, seu estado de debilidade, as circumstancias de uma bexiga que soffria ha treze para quatorze annos, e as consequencias da operação. Pelo que esperamos e deixamos socegar o enfermo, sempre em uso dos banhos, de pilulas, de clisteres calmantes e de dieta mais conveniente.

A segunda tentativa então teve lugar no dia 17 de outubro, e sempre em presença de collegas.

O instrumento que introduzimos foi o lithocastro a bico de pato, e sem pião; a pedra já estava enfraquecida, e já não exigia tanta força; e mesmo o lithocastro a bico de pato tinha a vantagem de melhor segurar os pequenos pedaços, e mais facilmente reduzi-los a pó ou a porções que ao sahirem não se prendessem na urethra. Depois desta segunda operação já os incidentes foram mais fracos; a alteração geral do enfermo mais diminuida, e as dores menores comparativamente; mas succedendo que no dia mesmo da operação nenhuma porção do calculo lançasse o doente,—não obstante ter sahido o lithocastro carregado de pó e de areias — do dia 19 em diante foi que começou a lançar então em abundancia, não só areias como mesmo fortes pedaços da camada mais superficial da pedra, e que bem trabalho deram para sua extracção; e em consequencia das escoriações que fizeram os grandes estilhaços ao sahirem pela urethra depois desta segunda tentativa, verdade he que o enfermo soffreu bastante, tendo por varias vezes accessos febris, mas que não passavam de algumas horas. Então quando já mais nada lançava, e o que teve lugar cinco dias depois, nós, fiel sempre as leis da prudencia e moderação, deixamos descançar o paciente, sujeitando-o sempre aos antiphlogisticos e calmantes. Depois marcamos o dia 8 de novembro para a 3.ª manobra, e isto em consequencia das melhoras manifestas que se via, e o mesmo doente reconhecia, por isto que a medida que o calculo diminuia de volume e de peso, o enfermo como que se ia erguendo de seu leito de dor, e a alegria se divisava em seu semblante. Mas antes de fazer a 3.ª tentativa julgamos conveniente de novo explorar a bexiga, o que teve lugar no dia 6 do referido mez; e podemos colligir então que quasi metade da pedra se achava ainda intacta.

De facto no dia 8 de novembro estando presente o Sr. Dr. Pontes e outro collega mais, atacamos o resto da pedra com o lithocastro a pião. Nunca o instrumento produzio melhor resultado do que nessa occasião, tanto pela facilidade com que cahira na bexiga como pela presteza com que agarrára o grande pedaço de pedra, e o esmagára.

Logo depois da operação, ourinando o doente, lançou uma boa porção de areia que mostramos aos mesmos collegas; neste dia não teve frios nem febre, passou bem. As dez horas da noite porém fomos chamados para extrahir da urethra um estilhaço enorme, anguloso que n'ella se havia atravessado, e sempre com o ramo macho do lithocastro urethral o conseguimos; no dia seguinte o doente teve alguma prostração, e pouca febre que cedeu logo porém com o uso de laranjadas, e dieta.

Passados os movimentos da 3.ª operação, exploramos de novo a bexiga; e ao entrar da sonda sentimos que ella passava por sobre pequenos pedaços que se apinhoavam no collo da bexiga, e igualmente verificamos que o maior pedaço seria do tamanho de uma grande azeitona. Já pois não era possivel mais o lithocastro a pião, e mesmo seu emprego daria difficilmente algum resultado, visto serem pequenos os pedaços da pedra, e pela disposição do instrumento custoso de o segurar. Então marcamos o dia 22 de novembro para a 4.ª tentativa; e neste dia introduzido o lithocastro a bico de pato, e durante cinco minutos, podemos destruir os mais pequenos pedaços que davam que fazer ao collo da bexiga e o irritavam, mesmo mais que o grande, por serem mais ou menos alongados, e por isto como que serviam constantemente de rolha ao ourificio interno da urethra; razão porque tambem nesta 4.ª manobra com elles nos occupamos de preferencia.

Finda a operação nesse dia, continuou o doente na expulsão de pós e areias mediante as ourinas, e ainda tivemos no dia immediato de lutar com uma nova extracção de um grande e anguloso estilhaço que na urethra ficara preso ao sahir. De todos quanto extrahimos foi este o que mais graves consequencias trouxe, por isto que, mediante uma ponta, pôde em sua passagem ferir a urethra; e tanto que dias depois sobreveio uma suppuração além da febre, e irritabilidade que não tardou a se manifestar logo depois de sua sahida. Mas tudo isto foi combatido com vantagem, não só por meio do tratamento ja indicado, como mediante injecções de agua camphorada; sendo de notar que a suppuração exhalava um cheiro desagradavel que nos não assustou todavia, pela consciencia que tinhamos de não ter lezado a bexiga na operação, e mesmo á urethra na extracção do calculo, e suppormos antes com razão que aquelle cheiro não era mais do que particulas insignificantes da mucosa que mortificadas iam sendo eliminadas.

Passados estes inconvenientes, e que não podiam deixar de retardar a 5.ª operação, marcamos o dia 1.º de dezembro; nesse dia, introduzimos ainda o lithocastro a bico de pato; mas ao chegar o instrumento ua porção membranosa da urethra encontrou resistencia; e como muitas fossem as dores do doente o retiramos, convencido de que a urethra se havia contrahido um pouco, e que mister fôra no dia seguinte introduzir o dilatador, e de novo dar-lhe o grão sufficiente de dilatação. O que feito: no dia 5 do mesmo mez conseguimos introduzir na bexiga o ferro, e pegar o maior pedaço de calculo, porém ao apertarmos a manivella escapou-se elle; e ao abrir de novo o instrumento seguramos então alguns outros menores pedaços, e os reduzimos a pó. Soando cinco minutos retiramos o instrumento, injectamos de novo a bexiga, e tudo mais se passou sem novidade. O doente lançou por espaço de dous dias seis particulas de pedra, mas que em nada offenderam a urethra; não teve frio nem febre, e o apetite se conservou; o deixamos descançar alguns dias, e tratamos de no dia 12 procurar o grande pedaço; e de facto introduzido nesse dia o mesmo instrumento, levamos seguramente cinco minutos a procura-lo; e não o achando, ao retirar o lithocastro o sentimos roçar na convexidade deste; o que nos deixou ver que ao tempo que o procuravamos, elle se achava protegido no angulo formado por uma porção recta do instrumento e o plano do trigono vesical. Sendo certo que nem por isto deixamos de conseguir a pulverisação de alguns outros pequeninos pedaços; como que isso succedeu nessa occasião por nos ter esquecido de levantar a bacia do doente como he de regra e de necessidade.

Visto que, em consequencia dessa 6.ª tentativa nenhuma alteração teve o doente, o preparamos para dar um novo ataque, o qual teve lugar logo no dia 16, mas com nenhum resultado, visto que não achamos o calculo! O que pensar? que não existia? não era possivel: não só porque o tinhamos visto, como porque o doente sentia sempre no acto de ourinar; e os restos dos soffrimentos que elle experimentava, attestavam sua existencia. Então suppozemos que por ser o pedaço pequeno, e a bexiga resistir as injecções, e se não dilatar sufficientemente, dava lugar a que se escondesse em algumas de suas dobras, ou nellas se prendesse por algumas de suas extremidades.

Então nos resolvemos por espaço de tres dias a fazer largas injecções de agua morna laudanisada, com o fim de habituar a bexiga a injecções maiores. Este meio ajudado do uso de pilulas e banhos, deu um excellente resultado, porquanto—no dia 22 de dezembro, depois de collocarmos convenientemente o doente, e fazer uma grande injecção—ao abrirmos o lithocastro e carregar sobre o baixo fundo da bexiga, seguramos o calculo, e o quebramos completamente.

Ahi então terminaram os longos soffrimentos do nosso doente!... Ahi findou-se a operação, a lida tantos annos para elle, e de tantos dias para nos!... Com effeito: logo que esse pedaço de pedra foi esmagado, o enfermo lançou uma porção; na noite desse mesmo dia extrahio elle mesmo um pedaço que tinha esbarrado na fossa navicular; no dia seguinte ainda deitou algumas particulas...e não deitou mais. Fizemos ainda uma forte injecção com o fim de ajudar a excrecção de alguma porção que por ventura houvesse, e nada conseguimos! Introduzimos no dia 26 a sonda depois de fazer uma boa injecção, e percorrendo attentivamente toda a superficie interna da bexiga—nada, e absolutamente nada encontramos! Não he para se contar, he para se ver... a mudança rapida de uma scena triste para uma scena de prazer... ao ver um doente ainda no dia 22 de dezembro, não consentir que lhe tocassem a mão no baixo ventre, gemer ao lançar as ourinas, sentir ainda algum peso na bexiga, impossibilitado nos movimentos e sem poder se conservar de pé...de repente dizer—eu estou perfeitamente bom, me acho leve, não tenho dores no ventre, ourino de pé, ando perfeitamente, e nada sinto!... E he isto bastante para espantar ao cirurgião? não: o cirurgião sabe que esse pedaço de pedra podia até dar a morte, quanto mais occasionar esses soffrimentos que soffria o feliz doente, no dia 22 de dezembro! Como sabe o cirurgião que a extracção do pedaço dessa pedra devia, deixando de perseguir o colo, irrita-lo e aggrava-lo, dar-lhe todo o alivio possivel. E tanto mais que o mesmo tinhamos visto succeder em França com esse sexagenario...operado pelo Dr. Ceaudmont, e de quem já fallamos.

Hoje só o querésta a este homem ha a imagem do passado; como um louco elle admira o seu estado; como um homem elle dá graças a Deos.

A cada passo lhe figura a pedra o empedindo de andar; outras vezes representa-lhe aos ouvidos o som de seus gemidos; a noite, acorda assustado, corre a ourinar como que inda por ella perseguido, lembra-se que ja não existe, e respira. Elle ahi está na rua da Mangueira n. 1, onde todos que, docente o conheceram e o veem, o admiram.

Já se vê pois que a operação he difficil e longa, mas não precipitada, e terrivel; ja se vê que não he mais do que uma e unica operação como outra qualquer, com a differença de ser dividida em varios tempos segundo as circumstancias, com a grandeza de subdividir as dores e os tormentos ao arrancar uma vida das mãos de uma morte cruel.

A pedra, isto he, a porção pulverisada que podemos reunir pesou quatro oitavas e meia. Com o que se perdeu e o pó que sahira nas ourinas, e que se não vio, calculamos bem cinco oitavas se não mais; sua consistencia não era das mais fracas; e sua natureza de —oxalato de cal, e phosphato terroso. Sendo certo que um calculo deste tamanho não nos consta que por este methodo tenha sido entre nos destruido; não fallamos aqui onde nunca foi empregado, referimo-nos mesmo á Bahia e ao Rio de Janeiro; e isto porque sem duvida e se não tem dado a importancia que tanto merece.

Dr. Carolino Francisco de Lima Santos.

CORRESPONDENCIA.

Illm. Sr. Dr. Carolino Francisco de Lima e Santos.—Tendo chegado ao meu conhecimento que S. S. tem assoalhado que fui eu o causador das más consequencias que se seguiram ao parto forçado, por-

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

MUTILADO

que teve de passar a Sra Flamina, moradora na rua do Rosario estreita, e de que veio ella a succumbir, e como eu julgue S. S. incapaz de tão negra infamia, eu o conjuro a que por este *Diario* faça ao respeitavel e illustrado publico desta cidade uma exposição fiel e imparcial do que com a mesma senhora se passou, afim de que se possa julgar, se teve culpa quem passou seis ou sete horas ao pé do leito da paciente sem nada fazer, alem de puxar pelos braços da creança, ou se quem veio depois e, em menos de meia hora, extrahio-a methodicamente, e livrou assim a mãi dos soffrimentos horriveis que a atormentavam ha quasi vinte e quatro horas.

O silencio do Sr. Dr. Carolino me levará a pensar que he verdade o que se me tem dito, e peço-lhe por muito favor que não nos deixe de fazer a narração desta historia, sob pena de expor-se a ser considerado como um covarde e infame calumniador e deturpador do credito de seus collegas; e desde ja peço ao respeitavel publico que tenha um pouco de paciencia, porque, se o Sr. Dr. Carolino não contar a historia, eu a contarei tal qual ella se passou, e mostrarei á luz do dia quem foi que commetteu esse erro, so permissivel á mais crassa ignorancia, dos principios mais comesinhos da arte de partejar; felizmente que temos o testemunho do meu collega e amigo o Sr. Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga que foi quem me mandou chamar, e da parteira e pessoas de casa que não me deixarão mentir.

Não tenho remedio, meu charo senhor, se não fazer alto aqui, e esperar que S. S. dê alguma cousa de si; o que espero, pela sua honra e sabedoria, que S. S. não se escusará, pois isto interessa não só o credito de nós que lá estivemos, como o bem da humanidade, porque assim ficaremos conhecidos, cada um pelo que for.

Fico ás suas ordens até outra vez, que desejo que seja breve, como seu collega

Dr. Lobo Moscozo.

Recife 8 de janeiro de 1855.

PUBLICACAÕ A PEDIO.

Saudades de Pernambuco.

Saudade! gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estaes repassando o intimo d'alma!
Garrett. (Camões.)

Longe!...mui longe!...Qu'importa?
Hade o meu canto saudoso
Transmittir a fe já morta
Do trovador desditoso,
Aos entes que quero mais:
A meus amigos, meus pais!...
De Pernambuco á cidade,
Se he possivel fazer tanto.
Vai, ó meu saudoso canto,
Dizer um nome:—Saudade!...

Vai, sem medo, sobre as aguas
Do oceano assombroso;
Leva os suspiros, as magoas
D'este coração saudoso;
Vai ao meu lugar paterno,
Imprime um beijo o mais terno
Nas faces de meu irmão;
A meus pais dá dous abraços,
Como se fosse dos braços
Do filho do coração.

Diz a meu pai, que seu filho
O adora como a Deos,
E que sempre segue o trilho
Dos sabios conselhos seus;
Conta-lhe a minha amizade,
Conta-lhe a dôr, a saudade
Que trago no coração;
Diz-lhe que a ausencia me aterra,
Mas a dôr que me desterra
Não lhe contes, isso não.

Aos amigos diz tambem
Qu'eu delles não m'esqueci;
Que um nome, qu'encanto tem
No meu peito eu escrevi;
Esse nome he—Amizade,—
Que para mim diz—Saudade—
Porque delles 'stou distante;
Mas deslembrados não são,
Porque o meu coração
Os repete palpitante.

Corre tambem os lugares
Que mais encantos tem lá;
Visita o rio, os pomares
Da formosa *Cachangá*;
Vai ao *Monteiro* e á *Torre*,
Por quem o meu peito morre,
Porque muito lá gozei!...
Vai, desfruta a fresca aragem
Da pitoresca *Passagem*,
Qu'eu tambem já desfructei!

Eu cá de longe penando
Uma dor que me consome,
Nos sonhos pronunciando
«Pernambuco!» eterno nome,
Nome bello, abençoado,
Que trarei sempre gravado
Dentro do meu coração;
Nome p'ra mim de magia,
Tão cheio de poesia,
D'eterna recordação!

Longe?.... mui longe!.... Qu'importa?...
Ha de o meu canto saudoso
Transmittir a fé já morta
Do trovador desditoso
Aos entes que quero mais;
A meus amigos, meus pais,
De Pernambuco á cidade!...
Se he possivel fazer tanto,
Vai, ó meu saudoso canto
Dizer um nome: — Saudade!—

Rio de Janeiro 18 de dezembro de 1854.
F. G. Braga.
(Marmota Fluminense.)

LITTERATURA.

ESBOÇO

De um quadro da litteratura ingleza.
(1830—1894.)

I.

A Inglaterra, durante a sua luta encarniçada, implacavel contra a França republicana e imperial, vio por assim dizer a sua litteratura renascer das suas cinzas. Debaixo da duplice influencia fatal e corrosiva,—da imitação franceza começada no tempo de Carlos II, concluida no tempo de Guilherme e Anna;—do protestantismo que penetrara definitivamente em 1688 nos costumes e na litteratura,—os escriptores inglezes, abandonando as tradições nacionaes, desprezando Shakspeare, se foram despojando pouco e pouco de toda a originalidade para copiar Benserade, Voltaire, Boileau, e subdivididos ao infinito para dirigir-se cada um a uma classe especial de leitores: jacobitas, torys ou whigs. Ja Cowper e apos elle Burns e Crabbe, deixando a mythologia e a antiguidade para voltarem á vida domestica e real, tinham começado uma feliz reacção contra a litteratura classica e artificial dos Popes, dos Drydens, dos Addison, contra o genero didactico, descriptivo e sentimental de Gay, Soung, Akensid, Gray, Bloomfield, quando arrebentou a revolução franceza. Por um instante a Inglaterra hesitou. Dar-se-ha que ella fosse amiga ou inimiga do movimento começado pelo estados geraes em maio de 1789? Sem duvida alguma ficaria tranquilla espectadora das perturbações, companheiras inevitaveis das mudanças radicaes operadas pela França nas suas instituições, se, como entre ella, este trabalho de renovação se realisasse em nome da reforma religiosa e só tivesse por alvo e como resultado a introducção na ordem politica da liberdade de consciencia, proclamada por Luthero na ordem religiosa. Mas a aristocracia ingleza comprehendeu em breve que, como consequencia logica de uma revolução philosophica, a revolução franceza era antes que tudo social, e que os seus dogmas e principios, dirigindo-se não a um povo mas a humanidade, não tardariam em passar o mar e ir ataca-la na sua ilha. Foi então que lançou contra a França a serie de calumnias e ataques que um nome famoso, o de Burk, resume todas, e sublevou contra o seu inimigo os instinctos de rivalidade e nacionalidade da Inglaterra, apresentando-lhe como eminente uma invasão franceza, e os seus sentimentos de humanidade, enternecendo-a sobre a sorte de Luiz XVI,—ella que havia decapitado Carlos I. com um luxo de illegalidades que excede tudo quanto os historiadores realistas nunca poderam lançar em rosto a Convenção, no processo que fez, não a um individuo qualquer mas a um principe. O odio affastou definitivamente os escriptores inglezes da escola franceza, e foi sob a influencia do estudo da historia e da litteratura nacional do desejo de encontrar estradas novas e desconhecidas, idéas lançadas ao mundo pela revolução, que se produziram e cresceram Godwin, Coleridge, Shelley, Southey, Byron, W. Scott, Savage Landor, Ch. Lamb, J. Keats, Leigh Hunt, Wordsworth e todos os membros da illustre pleiada de poetas, romancistas e litteratos que, de 1799 a 1830, derramaram sobre a patria um esplendor que ella havia perdido desde Shakspeare e Milton.

Não tenho necessidade de recordar aqui os trabalhos gloriosos dos athletas do pensamento desta geração. Todos estão mortos hoje. Mas antes que tente a apreciação do talento daquelles que os substituiram, o meu pensamento para invencivelmente sobre tres d'entre elles, Godwin, Shelley, Byron.—Symbolos e precursores da idéa democratica e social que arrastra hoje em sua carreira a litteratura ingleza.

Não se assustem os leitores com as ultimas palavras que acabo de escrever. Apesar do descredito com que as caracterisou o abuso que dellas se tem feito em França, sou obrigado a servir-me dellas, para verificar a tendencia que me parece reunir entre si, os escriptores inglezes actuaes de algum merito. Com effeito, vejo-os, como romancistas, poetas, economistas, philosophos, atacar a velha sociedade ingleza, na aristocracia, nos tribunaes, nas eleições politicas, nas *work houses*, nos hospitaes, nas instituições de caridade; sondar em todos os sentidos as chagas da *leda* Inglaterra e descreve-la com tragica realidade;—pintar a miseria e os soffrimentos do povo, as atrocidades das manufacturas, a penuria da população agricola, e reclamar remedios promptos e efficazes. Ora, he isto executar a tarefa da democracia e do socialismo. Varios destes escriptores talvez protestem contra a minha asserção. Alguns ha que acerca de certos pontos da natureza de cada um, se podem achar em desharmonia com o espirito do bem de que são os ministros; mas, como diz Shelley, « negando e abjurando ao mesmo tempo, são obrigados a servir o poder que sentou-se sobre o throno das suas proprias almas. »

Por outro lado basta compararmos a Inglaterra com a sua constituição aristocratica e a sua propriedade especialmente territorial e feodal, com a França democratica tal como nos legaram a assembléa constituinte e o imperio, para nos convencermos de que os vocabulos democracia e socialismo não poderiam ter o mesmo sentido nos dous paizes, e que alem da Mancha, se tornam pura e simplesmente synonymos de reformas, reconhecidas por todos indispensaveis, necessarias e uteis.

Existe entre o espirito da época litteraria da Encyclopedia, — preludio e symptoma precursor de 1789, — e as tendencias actuaes da litteratura ingleza, uma analogia mui sensivel que permitte crer, que a Inglaterra tambem vai caminhando para uma revolução social. A transformação que lá soffreram os partidos politicos, orgãos constituidos das differentes classes da sociedade, vem igualmente augmentar as probabilidades desta opinião. Outr'ora representavam: os torys, os poderes officiaes e legaes, e a igreja anglicana; — os whigs, o liberalismo e um protestantismo mais popular; — os radicaes, uma reforma geral do systema politico. Hoje representam; os primeiros, a propriedade e a aristocracia feodaes: os segundos, os interesses particulares da industria e das classes médias; — os ultimos, as queixas e os votos das classes populares, industriaes e agricolas.

Ainda devo assignalar um facto não menos importante e cujo desenvolvimento na Inglaterra já remonta a alguns annos, o facto de uma reacção contra as idéas protestantes. Lá, o trabalho do protestantismo, ao mesmo tempo de exame e de critica, já chegou ao seu termo; e sobre as ruinas que causou, trata-se agora de reedificar e construir. No proprio gremio da igreja official, uns (M. Milmann) não occultam as suas sympathias para com o racionalismo allemão; e outros (o doutor Pusey) arvoram a bandeira da autoridade.

A' vista da situação actual da Inglaterra, tal como acabo de esboçar, seja-me permittido dizer o que foram os seus pais intellectuaes directos, Godwin, Shelley, Byron.

As obras, a vida de Byron são mui conhecidas em França, por isso basta-me recordar que por ter atacado mui violentamente os vicios da aristocracia ingleza, por lhe ter arrancado a mascara de hypocrisia, achou-se proscripto pela propria familia e pela patria, e foi morrer na Grecia, no meio de um povo sublevado para reconquistar a independencia, e a quem fora generosamente offerecer a coadjuvação do seu braço, do seu talento e da sua fortuna.

Shelley, cujo retrato parece que Balzac traçára, ao esboçar a physionomia de *Luiz Lambert*, morreu igualmente em paiz estrangeiro, na Italia, para onde o expellirám o anathema e os insultos que lhe attrahira a inflexibilidade das suas opiniões. Poeta por organisação, vida, talento, candura, energia de composição, tudo nelle fora poetico, infancia, amores, e até a propria morte. Na escola, se revoltava contra a crueldade dos mestres e dos camaradas; na universidade, sem embargo da sua nobreza, começára a pregar contra os oppressores dos povos. Na idade de dezesete annos, sacrificava gerarchia, patria, houras, riquezas, laços de familia, ao que julgava ser a verdade, e recusava curvar a cabeça ante uma autoridade, que reputava illegitima. Na idade de dezesete annos, creava para si um typo ideal, o de um homem que se devota, soffre e morre em favor dos seus semelhantes; o de um Christo privado de divindade; o de um philosopho martyr, de um confessor da liberdade, e soube conformar sua vida com este typo. Nunca houve existencia mais pura, mais santa, mais moral do que a de Shelley; e com tudo um dia, um arresto da chancellaria tirou-lhe os filhos sob pretexto de immoralidade e atheismo!

O poder de Shelley, a melodia do estylo, a audacia da imaginação, a energia dos sentimentos generosos e das concepções fazem da *rainha Mab*, de *Alastor ou o espirito da solidão*, da *revolta d'Islam*, de *Prometheo libertado*, poemas admiraveis.

Quanto a Godwin, o sogro de Shelley, o implacavel e victorioso adversario de Malthus, era um desses homens nascidos para annunciar e cantar as exequias de um mundo moribundo. Engenho revolucionario, profundo, inflexivel, occupa como romancista, como historiador, como philosopho, como jurisconsulto, como orador, o primeiro lugar entre os escriptores inglezes do começo do seculo XIX. Mas a Inglaterra official recusava então acreditar na sua dissolução proxima, e os anathemas de Godwin não lhe permittiram fazer ampla justiça ás suas obras: — *á investigação sobre a justiça politica e sua influencia sobre a virtude e a felicidade*, pleito eloquente em favor da philantropia e benevolencia universal, da superioridade do espirito sobre a materia, da perfectibilidade do homem, da reforma completa da sociedade; —a *Caleb Williams*, uma obra-prima,—narração pungente dos soffrimentos, das perseguições que n'um paiz aristocratico e por meio de leis tyrannicas ou parcialmente applicadas, o homem poderoso pode applicar sobre a cabeça de um infeliz de quem tem interesse de se desfazer, e que innocente jurou votar a infamia ou enviar ao supplicio; —ás *memorias de Maria Wolstonecraft*, autora da *defeza dos direitos*; — á *historia da republica de Inglaterra*; á sua critica fulminante ás idéas impias de Malthus sobre a população; e emfim as seus *pensamentos sobre o homem*.

E agora, oh Godwin! oh Shelley! oh Byron! nobres espiritos cujos titulos á immortalidade acabo de recordar; reprovados por uma sociedade decrepita, sede felizes, estais vingados! As vossas palavras, semente de verdade, hão deitado fructos. Qualquer voz eloquente que se levanta na vossa patria, usa da palavra para amaldiçoar o que amaldiçoastes, para atacar o que tendes atacado, para confessar o que tendes confessado. E a velha Inglaterra, que durante vinte cinco annos, sob a republica e sob o imperio, gastou soldados e milhões para extinguir em França a democracia, está hoje minada em todas as partes e invadida pelo espirito dos tempos novos, de que fostes os verbos desconhecidos.

Assim, antes de julgar os escriptores que vos substituiram sobre a scena litteraria, julguei dever estabelecer que a inspiração, de que elles são os hierophantes, he a que vos animava; que o futuro, cujas sombras gigantescas elles projectam sobre o presente he o mesmo que sonhastes, e que todos pelejam a grande batalha, a batalha do progresso cujo signal vós destes tão denodadamente, embora tenham, ou deixem de ter consciencia deste facto.

II

Existe em Inglaterra um publicista ao mesmo tempo historiador, romancista, philosopho, economista, alguns até reputam-no propheta, o qual pela natureza do seu espirito e das suas obras escapa a qualquer tentativa de classificação. Estou longe de partilhar a admiração exclusiva que lhe consagraram certos espiritos, na Inglaterra e na França. Custa-me a explicar a influencia attribuida a um autor, ácerca do qual M. Philarete Chasles pôde dizer mui justamente, « os seus leitores admira-lo-hiam se podessem comprehende-lo, » a um escriptor cujo valor principal consiste n'um chaos de idéas contrarias, e n'um estylo heteroclito, a um philosopho cujas theorias, envelhecidas e gastas, lhe disfarçam com grande difficuldade o nihilismo sob verdadeira logomachia. Mas seja qual for a minha opinião pessoal ácerca delle, este homem que se chama Thomaz Carlyle, occupa presentemente na litteratura ingleza uma posição que, posto que para mim usurpada, não permitte que o deixe no esquecimento. Por outro lado he um espirito singular, extravagante e até absurdo, e por estes titulos differentes me vejo obrigado a tratar delle em primeiro lugar.

M. Th. Carlyle nasceu em 1796, e nos limites da Inglaterra e da Escossia. Depois de ter estudado a fundo theologia, sciencias exactas, jurisprudencia, metaphysica, se decidio em 1823 a tornar-se homem de lettras, « profissão anarchica, nomadica, inteiramente aerea e sem condições. » Possuido de admiração sem limites pela philosophia e litteratura allemãas, as primeiras tentativas de M. Carlyle (*traducção de Wilhelm Meister, Vida de Schiller, Retratos de Novalis e de João Paulo, etc.*, attrahindo a attenção publica por meio de bellos e novos pensamentos, ricas imagens, qualidades de observação e de analyses reaes, collocaram-no como inventor de um idioma anglo-germanico, incorrecto, obscuro, singular mistura de vocabulos tomados a philosophia, á chymica, á astronomia, á algebra, etc.

Foi n'um artigo posterior, *signaes caracteristicos do tempo*, que M. Carlyle divulgou pela primeira vez as suas pretenções á profundeza, á sagacidade, á prophecia. Depois de ter traçado o quadro dos soffrimentos sociaes nascidos do desenvolvimento da industria, predizia a proxima insurreição das classes laboriosas. Um instincto mui justo do movimento geral da humanidade se achava escondido sob expressões taes, como *fomocracia, sedocracia*, etc.

O *Sartor resartus* (o alfaiate esfarrapado,) romance mystico-philosophico, que contém em germen todos os escriptos subsequentes de M. Carlyle, servi-lo de quadro para fazer gravitar em torno de uma especie de autobiographia o desenvolvimento das suas doutrinas sobre a humanidade, isto he, que as formas dos governos, das instituições, das artes, são vestes modeladas sobre a estatura do homem, vestes symbolicas e necessarias, variaveis e reductiveis a typos communs, cuja historia o *Sartor resartus* apresentava aos seus leitores embevecidos.

Todas as obras de M. Carlyle, á excepção de uma *Historia da revolução franceza*, das *Cartas e dos discursos de Olivier Cromwell*, e de uma *Biographia de M. G. Sterling*, sobre que logo fallarei,—são paraphrases dos *Signaes caracteristicos do tempo* e do *Sartor resartus*. Nestas obras analysa elle as enfermidades sociaes causadas pela industria e pelo commercio, sem ver para isto outros remedios mais do que a emigração e educação (*O Cartismo*); depois julga descobrir a salvação da sociedade no *culto aos heroes*, examina os homens que tem dirigido a humanidade, poetas, legisladores, reis, guerreiros fundadores de religião, reconhece que a força delles consistia n'uma sympathia innata á respectiva época de cada um, e desde então prega o respeito, a admiração, o enthusiasmo e a obediencia absoluta ao *heroe*, sem que todavia ensine a conhecer o signal pelo qual devera ser reconhecido (*Culto aos heroes*.) Em fim, depois de uma critica vehemente á sociedade feodal, desordenada, sagrenta e inhumana, á sociedade industrial, que enfraqueceu a intelligencia, destruio as artes, e dá á materia um reinado soberano mais passageiro (*O Passado e o Presente*,) M. Carlyle, nas suas *Broxuras dos ultimos dias*, em presença do triumpho proximo da democracia, « facto universal e inevitavel dos dias actuaes, » se mostra possuido de um odio indisivel, e ataca a todo o transe as realezas e as aristocracias do passado, o suffragio universal e as bases de qualquer governo representativo. Os reis não tem sido mais do que arremedo de reis, reis de ostentação, trajando as vestes do emprego, recebendo os honorarios, sem executar a respectiva tarefa, e as urnas eleitoraes não tem elevado as superioridades reaes. « A Europa jaz sobre um volcão, brada elle; autoridade! ainda autoridade! sempre autoridade! ou então caminhamos para o abysmo. »

E esta autoridade deve ser confiada ás mãos dos magnatas do Omnipotente, das capacidades authenticas, dos heroes. A elles pertence pensar e decidir por todos, a elles pertence determinar o emprego que cada um deve fazer da sua actividade. Quanto aos modos de governar dos heroes de M. Carlyle, quanto aos meios que empregarão para curar as chagas da Inglaterra, eis-aqui um especimen extrahido de uma allocução aos proletarios dos tres reinos, que põe na bocca do primeiro ministro, personificação do poder que elle sonha para sua patria.

« O que se deve fazer de vós?— Não sei.... Todo quanto se tem dito sobre emancipação, independencia, direitos eleitoraes, liberdade civil e religiosa, não passa de uma algaravia de palavras.... Meus amigos indigentes, sois da raça dos escravos. Emancipar-vos! a vós os leaes vassalos do desregramento cego da preguiçosa e glutona imprevidencia, da garrafa e do diabo! Quem poderia emancipar homens em semelhante estado!... Vejo que vos tratam como captivos, officialmente captivos.... que devo dirigir, e em caso de necessidade domar e constranger. Entre nós só podem haver estas relações.... Tereis trabalho, mas tambem tereis coroneis industriaes, contra-mestres, commandantes justos como Rhadamanto, e inflexiveis como elle. Arrolai-vos nos meus regimentos da *era nova*, não para combater os Francezes, mas para fazer guerra aos pantanos e ás landas incultas.... Os sargentos estão á vossa espera. Bandidos nomadas da ociosidade, elles vos transformarão em soldados doceis do trabalho. Sereis corrigidos e disciplinados. Obedecei, soffrei, abstende-vos, como todos nos temos feito. A vossa tarefa ser-vos-ha designada; se a satisfizerdes com animo e pontualidade, não vos faltará o salario. Recusai obedecer; para começar, eu vos admoestarei; se me não attenderdes, furtigar-vos-hei; se por este meio não conseguir nada vos fusilarei...»

A este appello supremo á autoridade succede este outro: *Justiça! justiça!* Ora, eis-aqui agora como M. Carlyle comprehende a justiça. A caridade, a misericordia lhe são odiosas, fulmina-as sob o nome de *sentimentalidade loquaz e cega*. Se o christianismo, as prega, aqui de el-rei contra o christianismo e deve desapparecer da terra! Nenhuma piedade para os reprovados! Se alguem pretende melhora-los, torna-los bons! Erro, são predestinados. Se alguem os odeia, e se um delles sobe ao patibulo, deve ajudar o sacrificio enforcando-o com as suas proprias mãos. Nada de sensibilidade affectada, persigam-se os charlatães que fallam em perdão, até que deixem o solo. Eis ahi a obra santa; assim, mãos á obra! E que o poder puna e recompense segundo o seu sentimento proprio do justo e do injusto.

Tal apparece M. Carlyle como philosopho, tal o encontramos como historiador, isto he, extravagante, confuso, obscuro, inexoravel, impio, sem percepção alguma do futuro, comprehensão alguma do passado.

A *Historia da revolução franceza* he, propriamente fallando, um pamphleto apocalyptico, mesclado de ironia drama, burlesco, onde os factos são antes indicados do que narrados, augmentados quanto á sua importancia, accumulados e confundidos sem methodo nem ordem. Ao passo que censura a invasão da democracia, M. Carlyle reconhece a necessidade da revolução, na qual por outro lado só vê o triumpho da *charlatanocracia*. Em 1789, a França se desembaraçou dos seus velhos vestidos sociaes, e depois inhabil para fabricar novos, ficou nua, exposta a todos os ventos sem *culottes*. Esta eventualidade, tumulo de um mundo, berço de outro, terá como resultado definitivo, não o governo constitucional, que só tem um valor de transição, não o triumpho da democracia, triste e inevitavel fim das sociedades, não a assenção das classes medias, nem a emancipação das classes populares, mas pura e simplesmente a anarchia e o *sans-culottismo*, preludios obrigados de novo organismo que só pode sahir da desordem moral e do abatimento intellectual.

Para M. Carlyle assim como para M. de Maistre, a revolução franceza he uma expiação, um castigo infligido por Deos a uma nação corrompida. Assim « no exame inteiramente imaginario, exterior, que faz dos homens e das cousas, não se encontra nada ácerca do direito, da essencia das idéas, do laço gerador dos factos. Não ha nada organico neste livro; he o livro de um artista, mas não uma obra d'arte. Para M. Carlyle, a revolução he o cemiterio de Hamlet; toma, pesa os craneos com um sorriso amargo em que apparece muitas vezes uma piedade irrisoria: este he um craneo de doudo, aquelle um craneo de bufo... A palavra he a de coração. »

Aos homens que tiveram um lugar distincto na revolução, M. Carlyle só concede um caracter: a mediocridade, e satisfaz-se com pinta-los por epithetos especiaes: o *incorrupticel verde do mar* (Robespierre), o tenente *oliveira preta* (Buonaparte), etc. As epocas elle as distingue por titulos de capitulos tambem estranhos: *Astrea de volta sem dinheiro* (os philosophos no poder.—Primeiro ministerio de Necker.) — *Petição hieroglyphica*) — Guerra das farinhas. — Motins em Versailles, 2 de maio de 1775.) — *Saccos de vento* (invenção dos ballões. — Mesmerismo, etc.) — *Os arenques assados* (Batalhas de pradial.— Reacção thermedoriana, etc.)

A admiração de M. Carlyle para Cromwell e os puritanos inglezes, confrontada com o seu desprezo para com os revolucionarios de França, parece accusar nelle uma parcialidade manifesta. Semelhante censura fora injusta. M. Carlyle, calvinista perdido no meiado do seculo XIX, reconheceu em Cromwell o apostolo implacavel das doutrinas de Calvino, encontrou nelle os caracteres do escolhido, do herée: o phanatismo, a inflexibilidade, o odio. Nada mais natural do que ve-lo dahi em vante glorificar o protector e todos os seus actos, morte de Carlos I, matanças da Irlanda, etc., e anathematisar, sem piedade nem justiça alguma, tudo quanto não he Olivier.

Apezar deste holocausto dos homens e dos partidos da revolução de Inglaterra, offerecido por M. Carlyle a um só individuo; apezar da sua habilidade em confundir e escurecer os factos; apezar do seu tom burlesco e enigmatico, e, posto que constitua apenas um montão de materiaes grosseiros e não elaborados, a publicação das *cartas e discursos de Olivier Cromwell*, *com esclarecimentos*, tem um valor real, no sentido de que esclarece e apresenta sob novo aspecto a figura do protector. Dóe que M. Carlyle entendesse dever manifestar para com os historiadores que o precederam um desprezo a tal ponto, que não se digna discutir-lhes as opiniões, e se limita a esmaga-los com epithetos insultuosos. Assim, Bossuet, Hume são *homens sem valor*, d'Israeli he *uma montanha de mentiras*, Hallam he *secco como pó*, Heath he *uma podridão*, etc. E, com tudo, he por via dos trabalhos destes homens que o leitor chega a apanhar o sentido dos commentarios de M. Carlyle, verdadeiros hieroglyphos que exigiriam um Champollion.

M. Carlyle termina o seu livro, lamentando amargamente que a Inglaterra não tenha ficado ligada ao puritanismo e fiel a lei biblica, negando e fulminando o desenvolvimento e progresso da Grão-Bretanha desde Cromwell. Só vê salvação para ella n'um retrocesso absoluto ao calvinismo. « A Inglaterra actual, diz elle, não he mais que um abestruz glotão, mostrando ao sol outra extremidade, e que em breve dispertara de uma maneira terrivel, *á posteriori*. »

A ultima obra de M. Carlyle he uma biographia de um dos seus amigos, a qual, em virtude da placidez, da sobriedade das côres e da ordem, deve ser contada no numero das melhores producções do autor. Com effeito, era necessario um verdadeiro talento para tornar interessante um ente tão mediocre como M. G. Sterling, que, successivamente radical, Saint-simoniano, atheo, diacono e litterato, divagou, de paiz em paiz, em busca da saúde, de systema em systema, em busca de uma crença. Mas estava reservado igualmente a um espirito tão extravagante como o de M. Carlyle apresentar como o typo de um heróe M. Sterling, morto no momento em que elle ia alcançar uma originalidade. » A mobilidade de espirito, a ausencia de força de caracter, das qualidades puramente negativas, n'uma palavra, não poderiam constituir um heróe. De mais, todos os sentimentos da honra e do dever se revoltam em presença de um facto da vida de M. Sterling. Vacillando já na sua fé democratica, julgou todavia dever conspirar com o general Torrijos contra o governo hespanhol. Arrastou a esta empreza um dos seus primos, M. R. Boyd, que, a instancias suas, consagrou a isto toda a sua fortuna, 5,000 libras esterlinas. Feitos os preparativos, chegado o momento da partida, M. Sterling deixou partir Torrijos e Rob Boyd, os quaes, desembarcados e presos na Hespanha, foram fuzilados. « Esta execução, diz M. Carlyle, teve como resultado extinguir todo o radicalismo no peito de M. Sterling. » Dar-se-ha caso que o abandono de uma crença politica seja sufficiente para absolver um homem, que depois de ter lançado a um amigo, um parente nos perigos de uma conspiração, deixa o partido e o envia sosinho a morte? Estabelecer a questão he resolve-la.

Eu disse que M. Carlyle era um calvinista perdido no meiado do seculo XIX. Ainda vou mais longe, e sustento que na realidade elle não passa de um plagiario de Calvino. O papel que este ultimo representou para com o protestantismo, M. Carlyle chamou-o a si para com a democracia, cujas ondas elle tem a pretenção de dirigir e conter. O pensamento fundamental dos seus escriptos se encontra nas seguintes palavras de Calvino dirigidas a Francisco I: « Cumpre estar cego para não ver o estado actual do mundo. Varios mares de calamidades transbordaram sobre a terra, e a sociedade se acha corrompida por varias pestes mortaes; em breve tudo ficará reduzido a cinzas de tal maneira que he necessario ou desesperar absolutamente das cousas humanas, ou occorrer a todos estes males, e até por via de remedios violentos. (*Instituição Christãa*.—Prefacio.)

Calvino argumenta do dogma da predestinação e da vontade absoluta de Deos sobre as suas creaturas para fundamentar a sua doutrina dos *escolhidos* e *reprovados*, M. Carlyde dá igualmente o fatalismo da predestinação por base ao seu *Culto aos heroes*. Proclama com evidente exageração os direitos da autoridade « tão indispensaveis aos homens como o pão, a agua, o sol e o ar (Calvino.)

Com Calvino, M. Carlyle ousa pretender no criminoso, o delicto he ao mesmo tempo necessario, e todavia imputavel á vontade; por outros termos, que o homem não he livre, e comtudo he responsavel pelos seus actos. Com Calvino ainda, nega elle o livre arbitrio e reclama para delictos ou crimes, que declara impossiveis de ser evitados, castigos exemplares; em fim, com Calvino, faz do odio dos reprovados, dos inimigos de Deos, a medulla espinhal, o proprio fundamento de toda a religião; préga-a como o maior dever que Deos ordena a nossa fraqueza, e só vê salvação n'uma *justiça* severa applicada a boa causa.

M. Carlyle trata os *reprovados* (os que não são os *escolhidos*, os *heroes*) como Calvino os hereticos, « estas pestes mortaes da christandade », que elle opprimia com epithetos injuriosos, aconselhava que fossem destruidos por todos os meios possiveis, expellidos, lançados ao mar, queimados, pois que pensar em converte-los fôra chimera: *são predestinados*. M. Carlyle partilha o desprezo de Calvino para com os *misericordiosos*, « os quaes são mui simples e de boa sorte para crerem que he mister abandonar as condemnações e os supplicios, e allegar que semelhante maneira não he conveniente ao reinado do Christo, nem ao nosso tempo. »

Seguir a verificação dos emprestimos tomados por M. Carlyle a Calvino levar-me-hia mui longe. Já tenho dito bastante a este respeito para provar que as suas theorias e os seus principios são tomados *in extenso*, nas obras do reformador Genovez. Uma unica idéa parece pertencer a M. Carlyle, a de que a sociedade he fundada sobre a noção dos vestidos, e, se me não engano, entra na cathegoria das theorias de M. Shandy sobre a influencia dos nomes, etc.

Assim o que he em resumo M. Carlyle?

Como pensador, he um homem que pára e quer parar a caravana humana; um descontente sem tradição nem posteridade, em luta com o passado, o presente e o futuro, cujo sentimento lhe falta, ao ponto de ir procurar no calvinismo um modelo para reconstruir. He daquelles que pretendem acabar com o tempo, e que o tempo, n'um passo da sua marcha, mergulha na sombra da morte.

Como escriptor, he antes um commentador do que um autor original. Nelle o coração he arido, o sentimento he triste, e o temperamento bilioso e colerico. O que o exalta e dá-lhe certa nobreza, he a consciencia. A sua convicção he tão energica que elle nunca duvida. A intelligencia devera ser primitivamente nelle alta e clara, mas se nublou e obscureceu com o contacto da philosophia allemãa, e a indagação da originalidade conduzi-o a crear para si um estylo estranho, anglo-allemão, que o torna muitas vezes incomprehensivel até para os seus compatriotas.

Como revolucionario, —he em alto gráo,—existe entre elle e M. Proudhon admiraveis pontos de analogia. Dotado de um orgulho incommensuravel, M. Carlyle só procede na discussão por meio das injurias, e despreza soberanamente o passado, o presente e o futuro, n'uma palavra, tudo o que não he elle. Cheio de contradicções, cada partido politico encontra nelle armas, e, em caso de necessidade, pode reivindica-lo para o seu. Na realidade he um espirito deploravel, uma negação e nada mais.

III.

O romance reina hoje na Inglaterra; tem invadido tudo, absorvido tudo, e depois de ter entrado nos dominios da historia por Walter Scott e seus imitadores, transpoz as fronteiras, desmoronou as muralhas que o separavam da economia politica, da satyra, da biographia, da industria, do commercio, da politica e da utopia. Serve de vehiculo a todas as idéas, da arma de propaganda a todos os partidos; assim, não se dirige a uma classe especial de leitores, mas a todos, e entra na cabana do pobre e no palacio do rico em *liccações* mensaes ou sob o titulo geral de *Circulating library*, *Railway library*, etc.

Será perigosa e deploravel a entrada que o romance adoptou? Por ventura deverá restringir-se a dar, como no passado, simples narrações de costumes, d'amor ou de intrigas? Dar-se-ha caso que Walter Scott o desviasse da sua estrada natural ao lança-lo na historia? Estava elle destinado a servir de entretenimento, de distracção aos vadios, e não a moralizar e esclarecer as turbas? Graves questões, muitas vezes discutidas, nunca résolvidas, e que o facto somente he que as resolve, como Alexandre o nó gordio. Evitarei debate-las. Todas as lamentações feitas a este respeito por certos espiritos sempre me pareceram pueris, ou ao menos inuteis. A arte se perde, a litteratura se acaba, o romance desfalece! bradam elles em todos os tons. Erro! a arte, a litteratura, o romance se transformam, eis tudo. Nas grandes épocas litterarias, precedem a humanidade na sua marcha progressiva; nas épocas criticas ou de transição, reflectem as opiniões e as idéas do tempo; mas quando chegam a não ser mais que a sombra do passado, estão gangrenados, e o frio da morte ja tem atacado as extremidades da nação á que pertencem. Portanto a missão do critico não he matar os vivos com os mortos, mas procurar as condições novas da arte e verificar em que medida são possuidas pelos seus representantes.

Richardson, Fielding, Smollett, Sterne e Goldsmith só tiveram como successores escriptores cujas obras informes, conhecidas sob o nome de *Romans de la Presse Minerve*, mereciam o desprezo absoluto debaixo do qual desappareceram. Com tudo estas indignas producções ainda gozavam de certo favor quando Godwin publicou o seu *Caleb Williams*. O genio, o poder, a energia, nem sempre são sufficientes aos *precursores* para crearem escola, e a hora do romance politico e social ainda não tinha soado. Estava reservado a Walter Scott a gloria de condemnar ao esquecimento as monstruosidades da *Presse Minerva* e abrir a nova era do romance inglez.

Apoz elle se lançaram numerosos imitadores. Uns pintaram os costumes antigos e modernos da Escossia, como Galt e Wilson; os outros, como Banim, pintaram os costumes da Irlanda. A historia da Grão-Bretanha foi uma mina para M. M. H. Smith, James, Bulwer, Ainsworth. M. M. Morier e Frazer tentaram fazer conhecer a vida domestica na Persia; M. Hope, a dos habitantes da Grecia e da Turquia. Não nego o talento destes romancistas, mas julgo ser justo, limitando-me a recordar os nomes de alguns de entre elles e protestando contra o favor de que alguns gozaram e ainda gozam na Inglaterra: taes, por exemplo, como M. Ward, cujos romances são um tecido de sermões aborrecidos; como M. James, espirito arido, que narra historicamente factos sem interesse; como M. Ainsworth, escriptor brutal, material, grosseiro, procurando a todo o custo as extravagancias, a violencia, o extraordinario, em quem tudo he facticio, e cujas personagens são de pedra e de madeira; como M. Hook, inventor do romance da sociedade elegante (*high life*), pintor das tentativas ridiculas da classe media para imitar as maneiras dos fidalgos, e que, desta mina fecunda, soube apenas extrahir estudos superficiaes, onde o vulgacho o disputa com tedio; como M. Marryat, cujos romances maritimos não offerecem outro interesse mais do que aquelle que bebem na propria natureza do assumpto e são destituidos de qualquer valor litterario; como M. Bulwer... mas o autor de *Eugene Aram*, em virtude da facilidade e da pintura dos caracteres, he mui superior aos escriptores que acabo de analysar summariamente, por isso não posso deixar de conceder-lhe aqui um lugar especial e distincto.

M. Ed. Lytton Bulwer he um exemplo entre mil das reputações usurpadas da fama sem bazes reaes, dos elogios pomposos decretados a começos de certo merito, mas destinados a ser immediatamente esquecidos. Elevado desde o principio a' cathegoria de W. Scott, designado até como seu successor immediato, M. Bulwer tem ido decrescendo depois do *Eugenio Aram*. Este romance, posto que não seja mais que o desenvolvimento de um processo criminal, e posto que as situações mais energicas, as melhores paginas pertençam aos jornaes contemporaneos, ficará e ainda he hoje a melhor obra de M. Bulwer. Com effeito, o assumpto deste livro he um dos mais bellos que um romancista possa tratar. He a historia *verdadeira* de um homem pobre que quer comprar o descanço da sciencia a' custa de um crime, que assassina para aprender; a historia do talento comprimido pela miseria e que procura sahir della não pelo suicidio, como Chatterton, mas pelo homicidio. Havia em semelhante dado materia para uma grande e bella lição psychologica, que M. Bulwer não soube traçar na sua obra. Com tudo, tal como he, deixa longe de si os seus predecessores, *Petham o Reneyado*, *Paulo Clifford*, e os posteriores *Rienzi*, *Ernesto Maltravers*, *Alise*, &. De *Falkland*, (1827) a *Familia Caxton*, a lista completa das obras de M. Bulwer seria longa para organisar-se. Todas possuem as mesmas qualidades e os mesmos deffeitos. M. Bulwer, avido de popularidade, sempre oscillou do romance historico, ao romance elegante, do romance elegante, ao romance caprichoso, do romance caprichoso ao romance de costumes, de W. Scott a M. Hook, de M. Hook a Dickens, de Dickens a Warren e a Thackeray. Na sua carreira litteraria, somente soube ser fiel a um sentimento, o do orgulho, da vaidade e da fatuidade. Espirito gracioso, facil, delicado, mas sem força nem profundeza, M. Bulwer nunca soube coordenar um romance. Os seus capitulos não são mais que uma serie de artigos ou de ensaios de fazes brilhantes, verdadeira lanterna magica destinada a distrahir, e nada mais. O seu estylo tem perfume, mas as suas situações são fracas; o seu dialogo he rapido, energico, algumas vezes gracioso e animado, mas os caracteres não tem solidez. Privado de qualquer pensamento philosophico, M. Bulwer nem por isso deixa de ostentar vastas theorias radicaes, por traz das quaes se abriga.... Mas não estou obrigado a julgar aqui o homem politico e o homem particular, e ainda menos a apreciar o valor do acto de accusação feito contra o marido por Lady Bulwer, sob o titulo de *Chereley* ou o *Homem de honra*.

Não acontece o mesmo para com M. d'Israeli, intelligencia de primeira ordem, independente, fantastico, dotado de sensibilidade e de imaginação, que fez do romance um romance puramente *politica*, infelizmente submettida ao serviço, não de um principio ou de uma idéa, mas de uma actividade emprehendedora e audaciosa. Verdadeiramente fallando, ás suas obras não são esboços litterarios, cuja fabula, pouco interessante, pecca pelo descosido, pela incoherencia, pelo deffeito de unidade e pelo embate de elementos contrarios. M. d'Israeli he um typo curioso de uma confiança em si imperturbavel, de uma força de persistencia incontrastavel, de um escriptor n'uma palavra, que sacrificou ao imperioso desejo de sublevar um clamor em torno de seu nome, de obter notoriedade em falta de gloria, as qualidades positivas com que a natureza o dotára. Estas qualidades são encontradas com prazer na pintura das recordações de infancia a que M. d'Israeli consigna sempre larga parte nos seus romances e nas scenas de paixão que nelles sabe desenvolver com habilidade e energia real. Doe então que M. d'Israeli tenha cantado e narrado a historia da sua propria vida, e que procurando em si só os seus heroes, em lugar de escolhe-los entre os homens, tenha merecido a censura, talvez injusta, de ter pouca invenção e variedade.

Vivian Grey (1826) he a historia de um homem sem convicções politicas, que aspira ao poder, não para melhorar a sociedade, mas para conquistar a importancia que ella recusa-lhe e para o qual, desde então, todos os meios são bons para realisar os seus intentos. M. d'Israeli só confessou a paternidade deste romance em 1831, e para não deixar subsistir duvida alguma sobre a identidade do seu heroe comsigo, se apresentava como candidato *radical* as eleições de 1832, sob os auspicios de M. M. O' Connell e Hume, e entrava na camara dos Communs em 1835, como *tory*, para ahi atacar os seus antigos protectores. Em *Contarini Fleming*, confissão de uma alma que recita a si a sua propria historia, M. d'Israeli quiz pintar em si a formação do caracter poetico.

Como estas duas obras não houvessem obtido a reputação que o autor aguardava, elle pedio ao escandalo e ao attractivo das personalidades occultas um triumpho que obteve:

—Por *Coningsby*, ou a *Nova Geração*, ataque dirigido contra a oligarchia ingleza e o ministerio de Robert Peel, e manifesto de um novo partido politico, que M. d'Israeli decorava com o nome pomposo da *Joven Inglaterra* e do qual aspirava tornar-se o chefe.

—Por *Sybila*, critica acerba da actual organisação social e appello supremo a uma alliança da realeza e do povo para realisar a obra da regeneração, sob a direcção de M. d'Israeli e da *Joven Inglaterra*.

Escriptos com um estylo vivo, ardente, colorido, estes dous romances apresentam uma mistura singular de negocios de amor e de carteiras, de ternuras delirantes e de intrigas politicas. Porque razão he mister que por traz das disertações e das argumentações socialistas que contem, do amor da humanidade e da sympathia generosa para com o povo que exhalam, se escondam uma ambição mesquinha, um alvo puramente pessoal; o de derribar um ministerio e substitui-lo! Este pensamento deixa no coração de qualquer pessoa uma invencivel tristeza que ainda mais augmenta o retrato ultrajosamente verdadeiro, traçado pelo proprio M. d'Israeli, dessa heroica juventude aristocratica,—enfadada, debilitada, incapaz de resoluções intrepidas, de pensamentos graves,— cuja proscripção e desterro elle invoca para caminhar ao assalto do poder, e que elle chama para regenerar a patria.

M. d'Israeli conseguio reunir em torno de si alguns homens de merito, e he á sua escola que se prendem a *Esperança* da Inglaterra e outros poemas de lord John Manners, e os *Caprichos historicos*, de M. George Sideney Smith.

Estes dous escriptores, de verdadeiro talento e convicção sincera, como me quero persuadir, se abrigam em verdade sob as pregas do pavilhão da *Joven Inglaterra*, e sonham com a salvação da Grão-Bretanha por meio de uma igreja popular e de uma monarchia democratica.

Julguei que devia occupar-me em primeiro lugar da critica; passo agora a tratar do seu elogio, e não hesito acerca da cathegoria que convem aos escriptores de quem ainda tenho de occupar-me. Carlos Dickens, o mais democratico e grandemente popular de todos, não tem igual entre os seus contemporaneos, e caminha emparelhado com os seus mais illustres predecessores. Observador profundo, e humorista encantador, no vasto campo da sociedade ingleza e nas suas cathegorias mais elevadas e mais infimas, he que Carlos Dickens colheu essa rica messe de retratos, scenas, aventuras, loucuras, excentricidades, vicios, faltas, virtudes, que faz da sua obra um complexo digno de ter em seu frontispicio o feliz titulo de *Comedia humana*, dado por Balzac á collecção das suas obras primas. Admiravel pintor da vida real, Dickens unio a um poder de observação e descripção sem igual um espirito satirico, felizmente dotado com uma ternura e eloquencia irresistiveis. Os seus defeitos,—e qual he o escriptor que os não tem?—existem na superficie. No coração de todas as suas narrações reside um sopro de bondade e de benevolencia que imprimem os seus suaves effluvios nos productos de sua feliz imaginação e de sua rica phantasia. As suas vivas pinturas de soffrimentos desconhecidos que abundam nas grandes cidades tem despertado, em favor dos obscuros habitantes dos quarteirões pobres, uma sympathia que se ha manifestado por meio de melhoramentos praticos. Dickens poz a invenção ás ordens da humanidade, conservando como companheiros, o espirito e o riso. A alegria cordial, a ternura, o fogo d'alma, o estudo constante de tudo quanto entretem os seus semelhantes, o prazer radiante que elle experimenta em descrever a vida e as alegrias de familia dos humildes fazem amar a natureza humana no meio de circumstancias e de situações que a imaginação, antes delle, tinha raramente illuminado. Dikens he um verdadeiro explorador do mundo moral, e sobre as fronteiras e nos trilhos da humanidade, em que os seus antecessores não tinham encontrado se não poeira ou cinzas, soube descobrir um *Eldourado*, e nelle colher grinaldas de flores.

Poucos escriptores tiveram a fortuna de altingir, no curso de sua existencia, a uma reputação tão brilhante quanto a que Dickens adquerira em alguns annos. A litteratura offerece poucos exemplos de resultado feliz comparavel ao dos seus romances. Verdade he que, firmados sobre a natureza e a verdade, elles se dirigem ás paixões e aos sentimentos communs á humanidade em todos os paizes; que possuem grande originalidade, e são tratados com uma habilidade magistral. Aos 26 annos, Dickens, estenographo do *Morning Chronicle*, publicava, sob o nome de *Boz* no *Evening Chronicle* (1836) uma seria de esboços, de scenas, de retratos e de contos sobre Londres, sua vida e seus costumes. A mór parte dos seus *Esboços*, cada um dos quaes apenas tem algumas paginas, são pequenas obras primas, e em *Nosso Visinho*, *Meditações ácerca da rua Montmouth*, *Uma Visita a Newgate*, *Doente do hospital*, *O Veo negro*, *A Morte do beberrão*, já se distingue a mão do mestre. Em 1837, appareceram as *Memorias posthumas do club Pickwick*, verdadeira Odyssea atravez da sociedade ingleza, acabada por M. Pickwick,—typo de bondade tão verdadeiro, tão original quanto o do tio Toby,—e seus immortaes companheiros: Winckle, o poeta, Snodgrass, o apaixonado Tupmann, e o lacaio Sam Weller, resumo animado do espirito e das qualidades boas ou mas do *gaiato* de Londres. A Inglaterra, diante do seu proprio quadro, em que a satira, o ridiculo, não lhe tinham sido poupados, bateu palmas; perdoou a *Boz* as justas criticas, ou antes lh'as perdoou, para sómente occupar-se com a benevolencia universal espalhada sobre todas as partes da sua obra, e para applaudir ao talento, ao espirito, á habilidade, ao fogo d'alma do romancista que, durante vinte mezes, soube conserva-la palpitante e arrasta-la apoz si, por montes e valles, atravez dos incidentes mais extravagantes, das scenas mais patheticas até ao termo da carreira que havia promettido. Os *Pickwick papers* foram impressos aos trinta mil exemplares. Os Inglezes, obriga-los a deixar a patria, pediram que se lhes mandasse, á India, á Persia, ao Egypto, á China, a todas as partes do mundo, para onde iam, a bemaventurada *livração* mensal de capa verde, espirituosamente ornada por Phiz, com os attributos do famoso club. A voga, desta vez, não seguia uma falsa vereda, o bom exito coroava o genio, e certo do seu destino, *Boz*, desappareceu, para deixar o lugar a Dickens.

Depois desta época, cada um dos seus romances foi para elle um triumpho. *Nicoláo Nickleby*, *Ollivério Twist*, *O Armazem do revendão*, *Barnabé Rudge*, *Martinho Chuzzlewitt*, *Dombey, pai e filho*, *David Copperfield*, *A Casa Bleak*, vieram uns apois outros provar a fecundidade de Dickens, o desenvolvimento das suas qualidades, o minoramento progressivo do seu talento.

(*Continuar-se-ha*.)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 8 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.
Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres—a 60 d/v. 27 3/4 d. a prazo.
Assucar branco someno—1$850, 1$950 e 1$900 por arroba.
Dito mascavado escolhido—1$650 por arroba.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 5.	52:758$848
Idem do dia 8	6:286$148
	59:044$996

Descarregam hoje 9 de janeiro.
Barca ingleza—*Rosamond*—mercadorias e carvão.
Brigue inglez—*Ann Porter*—carvão.
Brigue inglez—*Gazela*—bacalhao.
Barca ingleza—*Rothezay*—idem.
Barca americana—*Conrad*—farinha de trigo.
Hiate americano—*Rosamond*—farinha e bolachinha.
Escuna prussiana—*Kennet*—mercadorias.
Barca portugueza—*D. Francisca*—azeite de palma.
Brigue inglez—*Cuba*—assucar.
Escuna brasileira—*Zelosa*—barricas vasias.

Importacao'.

Sumaca *Flor do Angelim*, vinda de Cotinguiba, consignada a José Teixeira Basto, manifestou o seguinte:
1,207 saccos de assucar, 60 barricas vazias e abatidas; ao mesmo consignatario.
Hiate nacional *Adelaide*, vindo do Assú, consignado a José Baptista da Fonseca Junior, manifestou o seguinte:
696 alqueires sal, 31 saccos cera de carnauba, 641 molhos palha, 29 couros salgados, 68 molhos couros curtidos, 1 pacote pennas; a ordem.
16 saccos cera de carnauba; a Manoel Florencio Alves de Moraes.
Brigue inglez *Bianca*, vindo de Londres, consignado a Johnston Pater & Companhia, manifestou o seguinte:
6 caixas biscoito e queijos, 50 ditas cerveja, 50 barrilinhos chumbo, 6 lenções de aço; a J. G. Oliveira.
10 barris tinta; a James Halliday.
50 caixas cerveja, 2 ditas chapa para fogão; a Barroca & Castro.
800 barris polvora; a Fox Brothers.
266 toneladas carvão; a Schramm & Companhia.
Brigue inglez *Everton*, vindo de Liverpool, consignado a Johnston Pater & C., manifestou o seguinte:
261 toneladas carvão; aos mesmos consignatarios.
Brigue inglez *Anne Porter*, vindo de Liverpool, consignado a Mc. Calmont & C., manifestou o seguinte:
351 toneladas carvão de pedra; aos mesmos consignatarios.
Barca americana *Conrad*, vinda de Philadelphia, consignada a Rostron Rooker & C., manifestou o seguinte:
2,000 barricas farinha de trigo, 95 meias ditas dita de dito, 1 caixa papel, 10 barricas cera, 106 caixas fazendas de algodão, 235 meias ditas chá; aos consignatarios.
Hiate americano *Rosamond*, vindo de Baltimore, consignado a Henry Forster & C., manifestou o seguinte:
300 barriquinhas bolachinha, 810 barricas farinha, 20 caixas algodão azul, 30 ditas vellas; aos consignatarios.
Galeota hollandeza *Curação*, vinda de Rotherdam, entrada neste porto por franquiza, consignada a Brauder á Brandis & C., manifestou o seguinte:
395 caixas queijos flamengos, 40 ditas genebra, 50 ditas velas de composição, 200 botijas oleo de linhaça, 40 feixes de rotim, 300 garrafas vazias, 500 barras de ferro, 63 barris com pregos, 17 caixas com papel, 120 ditas vidros, 2 fardos com lona, 2 caixas quinquilharias e carne; aos mesmos consignatarios.
40 barris pregos, 2 barricas bacias de latão, 11 caixas christaes; a ordem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 5.	4:236$943
Idem do dia 8	3:221$604
	7:458$547

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 5.	482$725
Idem do dia 8	55$480
	538$205

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 5	1:294$668
Idem do dia 8	398$986
	1:692$754

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 5	8:034$607
Idem do dia 8	4:177$129
	12:211$736

PAUTA

dos preços correntes do assucar, algodão, e mais generos do paiz, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 8 a 13 de janeiro de 1855.

Assucar em caixas branco 1.ª qualidade	@	2$700
» » » » 2.ª »	»	2$300
» » » masc.	»	1$900
» bar. e sac. branco.	»	2$450
» » » mascavado	»	1$600
» refinado	»	3$200
Algodão em pluma de 1.ª qualidade	»	5$800
» » » » 2.ª »	»	5$400
» » » » 3.ª »	»	5$000
» em caroço.	»	1$425
Espirito de aguardente	canada	$600
Aguardente cachaça	»	$340
» de canna	»	$500
» restilada	»	$450
Genebra	»	$480
»	botija	$220
Licor	canada	$480
»	garrafa	$220
Arroz pilado— duas arrobas, um	alqueire	3$100
» em casca	»	1$200
Azeite de mamona	canada	$620
» » mendobim e de coco	»	2$240
« » de peixe	»	1$280
Cacau	@	5$000
Aves — araras —	uma	10$000
» — papagaios	um	3$000
Bolachas	@	5$120
Biscoitos	»	7$680
Café bom	»	4$100
» restolho	»	2$800
» com casta	»	3$500
» moido	»	6$400
Carne secca	»	5$500
Cocos com casca	cento	3$000
Charutos bons	»	1$200
» ordinarios	»	$600
» regalia e primor	»	2$200
Cera de carnauba	@	9$000
» em velas	»	11$000
Cobre novo mão d'obra	℔	$160
Couros de boi salgados	»	$160
» expixados	»	$180
» verdes	»	$090
» de onça	»	15$000
» » cabra cortidos	»	$200
Doce de calda	»	$200
» » goiaba	»	$160
» secco	»	$400
» jaléa	»	$400
Estôpa nacional	@	1$280
» estrangeira, mão d'obra	»	1$000
Espanadores grandes	um	2$000
» pequenos	»	1$000
Farinha de mandioca	alqueire	2$560
» » milho	@	2$000
» » araruta	»	5$500
Feijão	alqueire	3$200
Fumo bom	@	9$000
» ordinario	»	3$000
» em folha bom.	»	9$000
» » » ordinario.	»	4$000
» » » restolho	»	3$000
Ipecacuanha	»	32$000
Gomma	alq.	3$000
Gengibre	@	1$500
Lenha de achas grandes	cento	2$400
» » » pequenas	»	$800
» » » tôros	»	10$000
Pranchas de amarello de 2 costados	uma	16$000
» » louro	»	7$000
Costado de amarello de 35 a 40 p. de c. e 2 ½ a 3 de l.	»	25$000
» de dito usuaes	»	10$000
Costadinho de dito	»	9$000
Soalho de dito	»	6$500
Ferro de dito	»	4$000
Costado de louro	»	6$000
Costadinho de dito	»	5$200
Soalho de dito	»	3$200
Forro de dito	»	2$200
» » cedro	»	3$000
Tôros de tatajuba	quintal	1$280
Varas de parreira	duzia	1$280
» » aguilhadas	»	1$600
» » quiris	»	$960
Em obras rodas de sicupira para c.	par	40$000
» » eixos » » » »	»	16$000
Melaço	canada	$160
Milho	alqueire	1$600
Pedra de amolar	uma	$640
» » filtrar	»	6$000
» » rebolos	»	$800
Pontas de boi	cento	4$000
Piassava	molho	$320
Sola ou vaqueta	meio	2$100
Sebo em rama	@	5$200
Pelles de carneiro	uma	$200
Salsa parrilha	@	18$000
Tapioca	»	2$500
Unhas de boi	cento	$210
Sabão	℔	$095
Esteiras de perperi	uma	$160
Vinagre pipa	»	30$000
Cabeças de cachimbe de barro	milheiro	5$000

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 8.

Baltimore—42 dias, hiate americano «Rosamond», de 130 toneladas, capitão N. L. Ellis, equipagem 6, carga farinha e mais generos; a Henry Forster & Companhia.
Bahia—10 dias, brigue de guerra inglez «Express», commandante Boys.
Terra Nova—33 dias, brigue inglez «Gazelle», de 176 toneladas, capitão Thomaz Cox, equipagem 11, carga bacalhão; a Schramm Whately & Companhia.
Parahiba—5 dias, brigue inglez «Cuba», de 216 toneladas, capitão James H. Pascoe, equipagem 9, carga assucar; a C. J. Astley & Companhia. Arribou a este porto com agua aberta, seu destino era para Falmouth.
Terra Nova—28 dias, barca ingleza «Rothesay», de 204 toneladas, capitão John Munn, equipagem 12, carga bacalhao; a Mc. Calmont & Companhia.
Rotherdam—43 dias, galeota hollandeza «Curação», de 126 toneladas, capitão A. Owehand, equipagem 8, carga queijos e mais generos; a Brander a Brandis.
Cardiff—41 dias, brigue inglez «Plata», de 248 toneladas, capitão David Rowland, equipagem 14, carga carvão; a Johnston Pater & Companhia.
Lisboa—26 dias, brigue portuguez «Alegre», de 219 toneladas, capitão Manoel José Gavinho, equipagem 13, carga sal, farinha e mais generos; a Baltar & Oliveira.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda convidar aos proprietarios abaixo mencionados a entregarem na mesma thesouraria, no prazo de trinta dias, a contar do dia da primeira publicação do presente, a importancia das quotas com que devem entrar para o calçamento das casas dos largos da Penha e Ribeira, conforme o disposto na lei provincial n.º 350. Advertindo, que a falta da entrega voluntaria, será punida com o duplo das referidas quotas na conformidade do art. 6 do regulamento de 22 de dezembro de 1854.

Largo da Penha.

Numero	2.	Bernardo Antonio de Miranda.	60$000
«	4.	Viuva e herdeiros de Manoel Machado Teixeira Cavalcanti	54$400
«	6.	Maria Joaquina Machado Cavalcanti	25$200
«	8.	Joaquina Machado Portella.	21$600
«	10.	André Alves da Fonseca.	36$000
«	12.	Francisco José da Silva Maia.	12$600

Largo da Ribeira.

Numero	1.	Viuva e herdeiros de Marcelino José Galvão.	30$000
«	3.	Ignacia Claudina de Miranda.	25$200
«	5.	Anna Joaquina da Conceição.	41$400
«	7.	Joaquim Bernardo de Figueiredo	21$600
«	9.	Dito	21$600
«	11.	Viuva e herdeiros de Caetano Carvalho Raposo	21$600
«	13.	Ditos	21$600
«	15.	Caetano José Raposo.	60$000
«	16.	José Pedro da Silva do Espirito Santo	25$200
«	19.	João Francisco Regis Coelho	52$500
«	21.	Antonio Machado de Jesus.	10$800
«	23.	José Fernandes da Cruz.	19$000
«	25.	Joaquim José Baptista	14$800
			574$800

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 8 de janeiro de 1855. — O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em virtude da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que os concertos das pontes da estrada do Norte vão novamente á praça no dia 18 do corrente.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 8 de janeiro de 1855. — O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação*.

— Os credores do fallecido José Martins Alves da Cruz, e este mesmo, compareçam no dia 12 do corrente mez, ás 11 horas da manhãa, na casa da residencia do Illm. Sr. Dr. Francisco de Assis de Oliveira Maciel, juiz do commercio da segunda vara, na rua estreita do Rosario n. 31, para verificação dos creditos, se deliberar sobre a concordata, se for pelo fallido proposta, ou se formar o contrato de união e se proceder a nomeação de administradores, ficando os mesmos credores advertidos, que não serão admittidos por procuradores, se estes não apresentarem procuração com poderes especiaes para o acto, e que a procuração não póde ser dada a pessoa que seja devedora ao fallido, nem um mesmo procurador representar por dous diversos credores.

Recife 8 de janeiro de 1855.—O escrivão interino, Manoel Joaquim Baptista.

DECLARAÇO'ES.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em cumprimento do art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico, que foram aceitas as propostas de Francisco Avilla de Mendonça, Antonio Pereira de Oliveira Ramos, José da Cruz Santos e João Fernandes Parente Vianna, para fornecerem: o 1.º, 6 arrobas de oleo de linhaça, a 9$600; o 2.º, 351 bonetes para o 4.º batalhão de artilharia a pé, a 1$550 rs.; 11 ditos para a companhia fixa de cavallaria, a 1$600; o 3.º, os utensilios para a botica do hospital regimental, conforme o pedido já annunciado, na importancia de 502$600 rs.; o 4.º, 3 limas meia cana muças de 8 polegadas, a 640 rs.; 3 ditas triangulares de 8 ditas, a 240 rs.; 3 ditas ditas de 4 ditas, a 100 rs; 3 limatões de 8 ditas, a 320 rs.; 3 ditos de 4 ditas, a 160 rs.; e avisa aos supraditos vendedores que devem recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 10 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 8 de janeiro de 1855. — *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, secretario.

COMPANHIA DE SEGUROS.
EQUIDADE.
ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.
AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da sua utilidade, o seu fundo responsavel he de mil contos de reis fortes: a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua ácima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues*.

— Pela delegacia do 1. districto do Recife foram apprehendidos e logo depositados, dous cavallos furtados na povoação de Maraú, provincia da Parahiba: quem fôr seus donos compareça com documentos legaes, que lhe serão entregues. Delegacia deste 1 districto do Recife aos 29 de dezembro de 1854.—O delegado, *F. B. Carvalho*.

— O conselho de administração naval, contrata para pagamento do semestre que venceram as praças dos corpos de imperiaes marinheiros e fuzileiros navaes destacadas nos navios da estação naval o seguinte: sapatos de couro de vaqueta e duas solas, 164 pares; fardas de panno azul, 32; fardetas de dito, 13; ditas de brim branco, 13; calças de panno azul 44, polainas de panno preto, 13 pares; calças de brim branco, 26; camisas de dito, 151; bonetes de panno azul, 13; e lenços de seda preta 65: convida-se portanto, a quem interessar dita venda, a comparecer as 12 horas da manhãa do dia 10 do corrente, na sala das respectivas sessões, com as amostras e propostas declarando os ultimos preços.

Sala das sessões do conselho de administração naval em Pernambuco 5 de janeiro de 1855. — O secretario do conselho,
Christovão Santiago de Oliveira.

AVISOS MARITIMOS.

— Segue com toda a brevidade para o Aracaty o bem conhecido veleiro palhabote *Duvidoso*, o qual recebe carga desde o dia 8 em diante; para carga e passageiros, trata-se na rua do Vigario n. 11, com José Antonio França & Companhia. Para o mesmo porto os palhaboles *Invencivel* e *Aurora*.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza « Gratidão »: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o brigue portuguez «Ribeiro» de primeira marcha: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO,
segue com brevidade, por ter parte da carga prompta, o hiate *Venus*: para o resto, passageiros e escravos a frete, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo loja de massames n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO
segue na presente semana o brigue nacional « Damão »; para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Machado & Pinheiro, rua do Vigario n. 19, segundo andar.

— Para o Porto, segue impreterivelmente viagem no dia 17 do corrente, a veleira galera *Bracharense*: quem nella quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem os mais aceiados commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO.
Espera-se do Assú por estes dias a barca brasileira *Imperatriz do Brazil*, a qual seguirá para o Rio de Janeiro um dia depois da sua chegada, e só recebe escravos a frete e passageiros, para o que tem excellentes commodos: a tratar na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

— Para o Porto pretende sahir com a maior brevidade o brigue portuguez *Bom Successo*, de primeira marcha: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o Sr. Manoel Gomes dos Santos Sena, capitão do mesmo, na praça.

— Para o Assú sahe nestes poucos dias, a barcaça *Josephina*, recebendo carga a frete para o Rio Grande e aquelle porto: a tratar com o mestre a bordo da barcaça fundeada ao lado do trapiche do algodão, ou na rua da Madre-de-Deos loja n. 34.

COMPANHIA DE VAPORES DE LIVERPOOL.

Espera-se hoje do Rio de Janeiro o vapor *La Plata*, o qual depois da costumada demora seguirá para a Europa: para passagem ou frete trata-se na agencia, rua da Cadeia n. 52.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PAQUETES DE VAPOR.

O vapor *Guanabara* commandante Salomé, deve chegar dos portos do norte a 11 do corrente mez, e seguirá para os do sul no dia seguinte: agencia na rua do Trapiche n. 40 segundo andar.

— Para a Bahia segue em poucos dias por ter a maior parte da carga a bordo, a

ILEGÍVEL

MUTILADO

veleira e bem conhecida sumaca « Hortencia», da qual he capitão Sebastião Lopes da Costa: para o resto da carga trata-se com seu consignatario Domingos A. Matheus, na rua da Cruz n. 54.

MARANHA'O E PARA'.

Segue em poucos dias o hiate nacional «Adelaide», ja' tem a maior parte da carga engajada: para o resto e passageiros trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior rua do Vigario n. 4.

PARA A BAHIA

Sahira' impreterivelmente no dia 14 do corrente o patacho « Alfredo », pode receber alguma carga para completar o seu carregamento: trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

LEILO'ES.

— O agente Borja fara' leilão no seu armazem rua do Collegio n. 15, de differentes objectos: no mesmo armazem quinta feira 11 do corrente.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do civel e commercio, Custodio Manoel da Silva Guimarães, a requerimento do curador fiscal da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão da muita conhecida loja de miudezas, que foi daquelles senhores, sita na rua dos Quarteis n. 22, consistindo em uma armação e todas miudezas existentes na mesma, as quaes são muito modernas e estão em muito bom estado: quarta-feira, 10 de janeiro do corrente, as 10 horas em ponto.

AVISOS DIVERSOS.

— Captn Inc. Lean of the Bristish Schooner «Arrows having received One hundred and fifty Ions of Coals at Glasgow shipped by W. R. Ray, and consigned to Order is anxious to Know if any party may have received Bills of Lading or be the Consignee of the above Shipment.

NO GELLO,

existe 5 barris com maçães, os quaes se abrem á vista do comprador.

ARMAÇÃO E LOJA.

Traspassa-se a chave e armação de uma casa propria para fazendas, miudezas, outro qualquer negocio, na rua da Cadeia do Recife. Vende-se tambem a armação e balcão de uma taberna, tudo isto trata-se no Recife, rua da Cadeia, ns. 18, 23.

— Precisa-se de uma ama ou moleque que saiba cozinhar e comprar, escravo ou forro: na rua Nova n. 41, primeiro andar.

— Do poder do abaixo assignado, foi desencaminhada uma lettra da quantia de 481$300 rs., saccada em 10 de novembro do anno findo, a 4 mezes, aceita por Manoel Ferreira Mendes Guimarães, e com quanto o mesmo abaixo assignado avisasse ao aceitante para não paga-la a pessoa alguma, todavia roga a quem a achou, o obsequio de restitui-la, visto estar sem validade para qualquer que não seja o saccador.— Francisco Joaquim Gaspar.

— Na ruaestreita do Rosario n. 11, ainda existe o resto das bellas maçães, preços commodos.

— O Dr. Joaquim de Oliveira e Souza lecciona em sua casa, rua do Aragão e em casas particulares, a lêr, escrever e fallar a lingua franceza.

FARINHA DE MANDIOCA

nos armazens de Paula Lopes, Annes e Cazuza no caes da Alfandega a' preço commodo: trata-se com José Baptista da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

FABRICA DE SABA'O.

Continua no seu trabalho e acha-se aberto um deposito na rua da Senzala velha n. 140, aonde acharão sempre do muito acreditado sabão amarello, cinzento e preto, os preços serão sempre o mais commodo possivel: trata-se com Delfino Gonçalves Pereira Lima no mesmo deposito.

— O escripturario da companhia de Beberibe encarrega-se de comprar e vender acções da mesma companhia: na rua Nova n. 7 primeiro andar.

— Deseja-se fallar ao Sr. Alexandre Maclou Tessier, vindo de Lisboa no anno de 1841, pouco mais ou menos, ou a alguem por elle, e consta ter estado no engenho Saué: na rua do Vigario n. 7.

— Quem tiver uma preta para alugar, que venda na rua, dirija-se ao aterro da Boa-Vista, sobrado n. 20, segundo andar, que se dirá quem he.

— L. Delouche faz saber ao respeitavel publico, principalmente aos seus freguezes, que acaba de comprar a relojoaria de Mr. Lacaze, na rua Nova n. 22, para onde já transferio o seu estabelecimento, convidando-os a que ahi o procurem, na certeza de terem-no sempre prompto a desempenhar o seu trabalho de maneira a satisfazer a confiança nelle depositada.

— Precisa-se de um menino de 12 a 14 annos, brasileiro, que dê fiador de sua conducta, para caixeiro: na rua Nova n. 22.

— Offerece-se uma parda para ama de casa de homem solteiro ou de pouca familia, para cozinhar: quem pretender, procure na rua de Santa Cecilia n. 13.

— A substituta das cadeira de instrucção elementar desta cidade faz sciente a quem convier, que abrio a sua aula particular no dia 8 do corrente, na rua do Rosario da Boa-Vista n. 38.

— Quer-se alugar uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar o diario, engommar e ensaboar: na rua do Cotovello adiante da casa do finado Sette, defronte do sobrado onde morou o Dr. Alcoforado.

— Na casa do becco do Quiado n. 5 ha uma mulher que engomma para fóra e tambem lava; qualquer pessoa que queira, dirija-se a mesma. O preço das peças he, a 160, calça, de lavar e engommar, jaqueta o mesmo, camisas e colletes a 100 rs.

— Precisa-se de uma ama com bom e bastante leite, e seja forra: na rua larga do Rosario n. 16, sobrado de um andar, junto a padaria do Sr. Manoel Antonio de Jesus.

— A. Lacase tem a honra de participar ao respeitavel publico, que vendeu a sua casa de relojoaria da rua Nova n. 22, a Mr. L. Delouche, continuando todavia a nella trabalhar como d'antes; pelo que roga aos seus freguezes que lhe continue, e ao seu successor a confiança que sempre lhes mereceu.

— Fugio no dia 30 do passado mez uma negra por nome Joanna, de nação Congo, de idade 50 a 55 annos, estatura regular, secca do corpo, pernas finas, tem os dedos da mão esquerda meio fechados, uma marca na cabeça, tem as costas alanhadas de chicote já antigas, he conhecida por Joanna Sauna, e falla explicado; levou duas saias, uma com flores rôxas e outra de riscado já velha, e panno da Costa; sahio a vender laranjas: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo que a peguem e levem-a ás Cinco Pontas n. 54, que serão recompensados.

— Aluga-se uma casa terrea na Boa-Vista, na rua dos Coelhos, com 6 quartos, 2 salas, cozinha fóra, concertada e pintada de novo; quem a pretender, dirija-se a rua do Queimado, loja n. 10.

GRATIFICAÇAO' GENEROSA.

Fugio no dia 31 do mez proximo passado um preto Mina, por nome João, tendo os signaes seguintes: estatura regular, olhos pequenos, rasos e meios vermelhos, côr bem preta, com algumas marcas de bexigas no rosto e uns talhos dos lados do rosto, tendo falta de 2 dentes na frente do lado esquerdo, um em cima e outro em baixo, uma coroa na cabeça proveniente de carregar peso, cabellos bem torcidos e meios vermelhos; julga-se andar pelas ruas desta cidade por ser encontrado nas tabernas da rua da Senzala Velha e Fóra de Portas: quem o pegar, queira conduzi-lo ao Mondego n. 145, que será recompensado.

— Precisa-se de uma pessoa capaz para ir a Manmanguape receber umas dividas: quem quizer, dirija-se a esta typographia que se dirá quem quer.

— A viuva de Fortunato Corrêa de Menezes roga a todos os seus devedores tenham a bondade de virem satisfazer seus debitos na praça da Independencia n. 17. A mesma declara que a unica pessoa encarregada do dito recebimento he seu mano Thomaz José Marinho.

— Na noite de 6 do corrente desencaminhou-se um preto com um bahu' de 3 palmos de comprimento, pouco mais ou menos, contendo o seguinte: 9 camisas de mulher, 1 vestido de seda amarella, 1 dito de sarja preta, 5 ditos de cassa, 3 saias brancas, 1 lençol, 1 caixinha de folha com 2 anneis, 1 medalha, 1 cordão fino com um coração, 1 par de rozetas grandes, 1 pequeno trancelim fino, 1 par de luvas de pellica, 1 toalha de labyrintho e 3 dedaes de prata; tendo o preto sahido da Boa-Vista até Fóra de Portas: roga-se a qualquer pessoa a quem fôr offerecido se dirigir ao aterro da Boa-Vista n. 14, que se gratificará.

— Fugio no dia 7 do corrente um pardo de nome Severino, com os signaes seguintes: bastantes sardas no rosto, uma ferida debaixo do braço direito, e cicatrizes de outras pelo pescoço: quem o apprehender leve-o á rua do Crespo n. 16, ou a José Magalhães da Silva Porto, no Brejo da Madre de Deos, que será gratificado.

— O abaixo assignado comprou o bilhete inteiro e dous meios n. 2382, 3857, 3529 da primeira loteria da casa da camara e cadeia do Rio de Janeiro, e pertencem ao Sr. João Vieira da Cunha.

João Simões de Almeida.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.			
Ditas 36	ditos	a	20$000
Ditas 48	ditos	a	25$000
Ditas 60	ditos	a	30$000
Ditas 144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos		. . . . .	1$000
Frascos de meia onça de tinctura		. . . . .	2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptа-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia uefrancez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro andar.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.

THESOURO HOMEOPATHICO

OU

VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por	10$000
» » encadernados	11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua deutifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Offerece-se um rapaz brasileiro que tem pratica de caixeiro de cobrança, o qual dá fiador á sua conducta: quem o pretender, annuncie para ser procurado.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicoláo, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE VAPORES.

O conselho da direcção, de conformidade com o art. 4.º, tit. 1.º dos estatutos da companhia, convida aos senhores accionistas a realisarem mais 15 % sobre o numero de acções que subscreveram até 15 de janeiro de 1855, afim de serem feitas com regularidade para Inglaterra as remessas de fundos com que tem de attender os prazos do pagamento do primeiro vapor em construcção; os pagamentos devem ser feitos em casa do Sr. F. Couton, rua da Cruz n. 26.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

— O abaixo assignado, professor particular de instrucção elementar do segundo grão, residente no terceiro andar da casa n. 58 da rua Nova, participa ao respeitavel publico e maxime aos senhores pais de seus alumnos, que abre sua aula a 15 do corrente, e nesse mesmo recinto lecciona tambem a lingua latina e franceza a alumnos internos e externos. Declara portanto que tem sempre prodigalisado esmero no adiantamento de seus discipulos, como póde provar com o termo de exames, tanto do anno proximo passado como dos anteriores.

José Maria Machado de Figueiredo.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para uma casa de pouca familia: na travessa da Concordia, indo para a cadeia nova, n. 17.

— Precisa-se de um padeiro para amassador e distribuidor de pão na rua ás freguezias certas: aquelle que se achar nestas circumstancias, póde dirigir-se á rua larga do Rosario n. 18, que achará com quem tratar.

— Precisa-se de uma preta escrava, de boa conducta, para tratar de uma criança: quem a tiver e quizer alugar, dirija-se ao sobrado n. 8 da rua de S. Francisco, ou ao porteiro da alfandega desta cidade, na mesma repartição.

— Precisa-se alugar uma preta que tenha pratica de vender na rua; paga-se 14$000: na rua da Gloria n. 85.

— Diz o abaixo assignado, que quem for credo da casa de pasto da rua larga do Rosario denominar da — Cova da Onça n. 34, — apresentem no prazo de 6 dias suas contas legaes que serão pagas: do mesma forma quem dever, queira vir pagar no mesmo prazo.—*João Manoel Rodrigues.*

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	800	»	625$000
Decimos	700	»	500$000
Vigesimos	400	»	250$000

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— Aluga-se um bom armazem, na rua da Praia n. 76: a tratar na rua do Collegio n. 15, ou com o proprietario, no sitio do Manguinho.

— Aluga-se uma excellente casa de sobrado á margem do rio Capibaribe, na Ponte de Uchôa, confronte ao sitio do Sr. Barão de Beberibe; a tratar na rua do Collegio n. 15, ou na Ponte de Uchôa, casa do proprietario Francisco Antonio de Oliveira.

O CRAVO.

Sahio o primeiro numero do segundo trimestre do *Cravo*, e acha-se á venda na rua Nova n. 52, loja do Sr. Boaventura José de Castro Azevedo. Adverte-se aos senhores assignantes que estão a dever o importe de suas assignaturas e que quizerem continuar, que lhes não será entregue o primeiro numero do segundo trimestre, sem que tenham pago o primeiro; assim como que as assignaturas para o segundo trimestre, serão pagas á recepção do pimeiro numero. Os numeros avulsos vendem-se a 80 rs.

— Precisa-se de uma ama com bom e bastante leite, e seja forra: na rua larga do Rosario n. 16, sobrado de um andar, junto a padaria do Sr. Manoel Antonio de Jesus.

— Amorim Irmãos avisam a quem interessar, que a contar do 1. de janeiro do presente anno, temos concordado admittir para socio de nossa casa ao nosso primo e antigo caixeiro Antonio João de Amorim; em consequencia todas as transacções pendentes nesta praça como as de fóra com quem as temos, passam a cargo da firma social que d'ora em diante passa a gyrar.—Amorim Irmãos & Companhia.

— Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa; na rua do Queimado, loja de fazendas n. 61.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, que mora para o Salgadinho, queira mandar receber uma encommenda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Fugio no dia 27 de outubro do anno passado, uma escrava de nome Clementina, crioula, de idade 25 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: olhos grandes, orelhas pequenas, boa estatura, pouco corpo, tem na perna direita o signal de uma ferida, e com alguns signaes de sipoadas pelas costas; talvez ande para as partes do Recife ou engenho S. Paulo: quem a pegar e a levar a seu senhor Caetano Martins dos Santos, morador no engenho Pimentas, freguezia do Cabo, será recompensado do seu trabalho.

AULA DE PRIMEIRAS LETTRAS.

Manoel de Souza Cordeiro Simões faz sciente aos pais de seus alumnos, que no dia 8 do corrente janeiro principiam os trabalhos de sua aula particular de primeiras lettras, na rua Travessa dos Expostos, casa n. 16; assim como ao respeitavel publico, que continúa a admittir alumnos externos e internos, pensionistas e meios pensionistas, asseverando aos pais de familias, que lhe confiarem a educação de seus filhos, que elles encontrarão um preceptor e amigo que com amor, indulgencia e desvello busca seus adiantamentos dentro do menor tempo possivel; imprimindo sobre tudo em seus corações sentimentos de sãa moral, civil e religiosa.

Collegio de N. S da Divina Providencia, no aterro da Boa-Vista n. 8.

A directora deste collegio D. Candida Rosa Mc. Dermot da Costa, avisa aos pais de suas alumnas, e a quem mais convier, que no dia 15 de janeiro começarão os trabalhos. No dia 5 de dezembro foram examinadas as discipulas deste collegio nas materias seguintes: leitura, escripta, grammatica portugueza, arithmetica, geographia e francez; sendo examinadores os Srs. conselheiro Dr. Pedro Autran de Alencastro, professor particular Candido José Lisboa, e o professor publico Porfirio da Cunha Moreira Alves, e foram todas aprovadas plenamente, segundo consta o termo passado e assignado pelos examinadores.

— Desappareceu no dia 30 de dezembro de 1854, as 6 horas da tarde, de bordo do brigue naciona, *Flor do Rio*, um preto marinheiro, por nome Aldrião, crioulo, representa ter a idade 20 annos, pouca barba, beiços grossos e esbranquiçados, côr bem preta, pés compridos, e he um pouco capoeira; levou calça e camisa de algodão azul, e barrete inglez á maruja; este preto foi escravo do Sr. João Patrão, morador no Forte do Mattos, e consta que o dito preto tem permanecido nestes dias na dita casa por lá se ter encontrado, e em Olinda: roga-se a quem o encontrar de o remetter para bordo, ou entrega-lo aos consignatarios do dito navio Isaac Curio & Companhia, rua da Cruz n. 40, que será recompensado.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugio da casa do abaixo assignado, na madrugada de 3 do corrente, um seu escravo por nome Amaro, official de sapateiro, de idade de 30 annos, pouco mais ou menos, altura regular, barba pouca, dentes limados, os olhos enfumaçados, anda calçado, tem as mãos callejadas do fio de sapateiro; este escravo quando fugio levou comsigo um cavallo castanho, de idade 10 annos, pouco mais ou menos, andador de baixo a meio, frente aberta, com um calombinho no espinhaço, e he rancelho; o dito escravo foi do Sr. Manoel Pinto Barbosa, morador em Gamella: quem o pegar ou delle der noticia, dirija-se á rua da Senzala Velha, cocheira n. 114, que será generosamente recompensado.—*Joaquim Paes Pereira da Silva.*

— Tendo fugido no dia 5 do mez de dezembro do anno proximo findo o preto Luiz, escravo de Jeronymo de Albuquerque Mello, proprietario do engenho Ramos, na freguezia de Páo-d'Alho, como foi annunciado pelo *Diario de Pernambuco* de 9 do mesmo mez; o dito escravo foi á casa do Sr. João de Carvalho Siqueira, morador no seu sitio junto a cidade de Olinda, e pedio ao mesmo uma carta para apadrinhado com ella vir para casa de seu senhor, e em lugar de assim fazer pôz-se no mundo, servindo-se da sobredita carta como passaporte: pede, portanto, o abaixo assignado, a todas as autoridades policiaes, capitães de campo e quaesquer pessoas, que prendam dito escravo, pelo que gratificará generosamente.—*Jeronymo de Albuquerque Mello.*

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira declara a's pessoas que compram bilhetes e cautelas das loterias da provincia para negocio, que esta' resolvido a vender pelo preço abaixo declarado, sendo a quantia de cem mil reis para cima dinheiro a' vista: as pessoas que quizerem tratar a tal respeito podem dirigir-se a rua do Trapiche n. 36 segundo andar das 8 a's 11 horas da manhãa, e das 3 a's 5 da tarde.

Bilhetes	5$500
Meios	2$700
Quartos	1$400
Oitavos	700
Decimos	600
Vigesimos	320

— D. Luiza Annes de A. Leal e as suas manas D. Senhorinha e D. Tereza de Jesus Leal, fazem saber aos pais de suas alumnas que as ferias findam-se no dia 7 de janeiro, e principiam os trabalhos de sua aula no dia 8 do corrente: continuam receber alumnas pensionistas, meias pensionistas e externas. As materias que se ensinam são: lêr, escrever, contar, grammatica nacional, arithmetica, francez, inglez, musica, dansa, desenho, geographia, coser, bordar, cortar, labyrintar, marcar, cacundê, e outras obras de agulha. Os pais de familias ficarão satisfeitos pelo desvelo com que suas filhas serão tratadas, e pelo augmento que ellas terão em seus estudos; advertindo que as mensalidades serão pagas em quartel adiantado, findo o qual deverão adiantar outro. O preço das pensionistas são: 60$000 por quartel, das meias pensionistas 30$000, e as externas conforme o ajuste. Os pais de familias tanto da praça como fóra della, que quizerem honra-las com sua confiança, poderão dirigir-se á rua do Fagundes n. 5, quem vem da ribeira o segundo sobrado ao pé do de varanda encarnada.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 desta mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Euzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam os Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado, e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

— Quem precisar de qualquer escripturação commercial, offerece-se para a fazer uma pessoa com a necessaria pratica e desenvolvimento; a tratar na rua do Sebo, sobrado amarello, ou na rua do Vigario n. 5, armazem.

— No hotel da Europa da rua da Aurora dá-se comida para casas particulares mensalmente, por preço commodo.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem boas salas e quartos para aluguel, com comida ou sem ella.

COSINHEIRO.

Dá-se muito bom ordenado por um cozinheiro francez: quem quizer annuncie para ser procurado.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem bons petiscos a toda a hora, pelos preços marcados na tabella, muito razoaveis.

— D. Bernarda Maria dos Prazeres, legalmente autorisada, com aula particular na rua do Sebo, n. 13, participa aos pais de suas alumnas, que tem de reabrir a sua aula no dia 15 de janeiro corrente, e que continuará a fazer todos os esforços para bem corresponder á confiança que nella depositam; assim como faz sciente aquellas pessoas que lhe quizerem encarregar o ensino de suas meninas, que estas serão tratadas com todo o esmero e melindre, e aprenderão a ler, escrever, contar, doutrina christãa, coser, labyrintar, marcar, bordar de matiz, ouro, prata, e todas as demais minuciosidades proprias da idade e sexo.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

No dia 15 do corrente mez de janeiro pelas 10 horas do dia andam impreterivelmente as rodas da primeira parte da primeira loteria a beneficio da cultura da Amoreira: os poucos bilhetes que existem acham-se a' venda nos lugares do costume. Praça da Independencia loja do Sr. Fortunato n. 4, Botica do Sr. Chagas rua do Livramento, rua Nova n. 4, Boa Vista loja n. 48 e na loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista. Nesses lugares os Srs. compradores acharão os bilhetes sem cambio. Thesouraria das Loterias, 2 de janeiro de 1855.—O thesoureiro, Francisco Antonio de Oliveira.

LEITURA REPENTINA.

METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro. As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

Aterro da Boa-Vista, loja de miudezas n. 74.

Chegaram ultimamente ricos tinteiros de porcelana, vidro e estanho, um variado sortimento de pennas de aço, boas canetas de todas as qualidades, ricas pedras de vidro para pôr em cima de papeis com retratos de diversas personagens, porta-relogios muito ricos, realejos de chaves da melhor qualidade, e além disto um completo sortimento de miudezas, tudo por preço commodo.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer as compras para uma mui pequena familia: na rua da Conceição n. 9; prefere-se escrava.

— São convidados os senhores accionistas da companhia para o estabelecimento da fabrica de tecidos de algodão nesta cidade, para comparecerem na casa do banco desta mesma cidade, pelas 11 horas da manhãa do dia 15 do corrente mez de janeiro, para se tratar, não só da nomeação provisoria da directoria da mesma companhia, como da commissão, para organização dos estatutos e da petição a S. M. o Imperador, para se pedir a encorporação da mesma companhia e confirmação dos seus estatutos.

— Dão-se a fazer caixilhos de empreitada: na obra da rua do Crespo.

NO CONULTORIO DO DR. CASANOVA,

RUA DAS CRUZES N. 28,

vendem-se carteiras de homeopathia de todos os tamanhos, por preços muito em conta.

Elementos de homeopathia. 4 vols.	6$000
Tinturas a escolher, cada vidro.	1$000
Tubos avulsos a escolher a	500 e 300

Consultas gratis para os pobres.

CHAROPE

DO

BOSQUE

O unico deposito continúa a ser na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, na rua larga do Rosario n. 36; garrafas grandes 5$500 e pequenas 3$000.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtisica em todos os seus differentes grãos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãs e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de

Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

— Em casa de Timm Mousen & Vinassa, praça do Corpo Santo n. 15, ha para vender:

Um sortimento completo de livros em branco de superior qualidade.

Vinho de champagne.

Absinthe e cherry cordial de superior qualidade.

Licores de differentes qualidades.

Vaquetas para carro.

Sola branca.

Tres pianos de superior qualidade: tudo por preço commodo.

— O abaixo assignado comprou o bilhete inteiro e dous meios n. 2382, 3857 e 3529 da primeira loteria da casa da camara, e cadeia do Rio de Janeiro, e pertencem ao Sr. João Vieira da Cunha.

João Simões de Mendonça.

— O collegio particular Pernambucano, dirigido por D. Umbelina Wanderley Peixoto, abrio-se no dia 1. de janeiro, e recebe alumnas externas e internas, para o que a casa tem sufficientes commodos; no 1. de fevereiro principiarão no mesmo collegio as aulas de dezenho, francez e geographia, dirigidas por habeis professores. No dia 20 de dezembro do anno passado foram examinadas 20 alumnas do mesmo collegio nas materias seguintes: leitura e escripta, arithmetica, doutrina christãa e grammatica portugueza, como consta do termo assignado pelos examinadores os Srs. professores publicos Salvador Henrique de Albuquerque e Simplicio da Cruz Ribeiro.

— Francisco Custodio de Sampaio protesta contra quem tenha roubado do poder do Sr. José Alves Barbosa duas lettras sacadas por elle e aceitas, uma de 349$660 por Sr. Adolpho de Souza Menezes, e outra de 1:388$723 por Sr. Manoel Joaquim Maia, as quaes lettras são venciveis em junho proximo futuro, ficando de nenhum effeito qualquer transacção feita com as mesmas, a não ser pelo mesmo Sr. Barbosa ou por elle.

— Roubaram do poder do abaixo assignado o seguinte: 2 lettras saccadas por Sr. Francisco Custodio de Sampaio, uma de 349$660 vencivel em 2 de junho e aceita por Sr. Adolpho de Souza Menezes, e outra de 1:388$723 aceita por Sr. Manoel Joaquim Maia, vencivel em 6 de junho, 2 pares de brincos de diamantes, 1 par de pulceiras de ouro lisas, e 1 annelão com brilhante, tudo dentro de uma caixinha: portanto roga-se a qualquer pessoa a apprehenção de ditos objectos, estando ja tanto os aceitantes como o indossante das ditas lettras prevenidos para não pagarem senão ao abaixo assignado, protestando desde já contra quem tenha roubado ditos objectos. Recife 8 de janeiro de 1855.—*José Alves Barbosa.*

— Precisa-se de um boleiro; no pateo do Hospital n. 10, ao qual se dá 30$000 rs. por mez.

— Offerece-se um rapaz natural do matto para caixeiro de qualquer estabelecimento, ou de taberna por já ter pratica ha 3 annos nesta praça: quem delle precisar, dirija-se á loja do Passeio Publico n. 7.

— O abaixo assignado roga aos Srs. que no dia 4 do corrente levaram a chave da casa da rua da Gloria n. 8 para ver a mesma casa, ficando de voltar no mesmo dia, o que até o presente não fizeram, tenham a bondade de entregar a dita chave quanto antes na rua da Alegria n. 11, onde a foram buscar, pois que se está tendo prejuizo com a demora.

Profirio da Cunha Moreira Alves.

— Maria Silveria do Monte Souza, professora particular do bairro da Boa-Vista, na rua da Soledade, casa n. 7, participa aos pais de suas alumnas e os mais que se quizerem utilisar do seu ensino, que desde o dia 8 do corrente acha-se com sua aula aberta.

— Aluga-se uma das melhores e mais bem afreguezada loja da rua do Queimado n. 57, com uma nova e mui fina armação para miudezas: quem a pretender, dirija-se ao pateo do Collegio n. 6, primeiro andar.

COMPRAS.

— Compram-se diarios para embrulho effectivamente a 3$200 rs: na rua larga do Rosario n. 15 e 17, junto ao quartel.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54.

— Compram-se onças hespanholas e mexicanas, cruzados novos, cinco francos e libras esterlinas: na rua do Cabuga loja n. 4.

— Compra-se uma escrava que seja moça e bem parecida, e que saiba cozinhar bem e engommar: quem a tiver annuncie para ser procurado, ou procure ao major Antonio da Silva Gusmão, no armazem de illuminação, na rua da Praia, das 9 horas da manhãa as 10.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, tendo boa figura; paga-se bem: na rua Direita n. 66.

VENDAS

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

SAL DO ASSU'

vende-se abordo do hiate « Adelayde » fundeado defronte do Trapiche do algodão: a tratar com J. B. da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

PALHA DE CARNAUBA

vende-se a bordo do hiate « Adelaide »: a tratar com José Baptista da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

— Vende-se o sobrado de dous andares e sotão, sito na rua larga do Rosario n. 14: os pretendentes podem se dirigir ao mesmo.

— Vende-se papel pintado, envernisado, com a particularidade de se poder lavar, e sempre esta' novo, decorações mui lindas e modernas, e preço razoavel quanto a qualidade: vende-se na rua da Cruz do Recife n. 27, armazem de Victor Lasne.

— Vende-se uma bonita casa terrea com optimos commodos para familia, quintal cacimba e chãos proprios, sita na rua do Padre Floriano: a tratar na rua do Vigario casa n. 7.

CEMENTO ROMANO.

A 11$000 a barrica.

Vende-se cemento romano em barricas de 12 arrobas, as maiores que ha no mercado, e chegado ultimamento de Hamburgo: no Recife, rua da Cruz, armazem n. 13.

— Vendem-se 2 escravas que engommam, cozinham e lavam de sabão, e 1 preto da Costa, ganhador de rua: na rua das Cruzes n. 22 se dirá quem vende.

A BOA PITADA.

Na rua do Queimado, loja da quina do becco da Congregação n. 41, vende-se rapé novo de Lisboa, a 40 rs. a oitava.—

O FREQUEZ VELHO.

Casa de educação.

Jeronymo Pereira Villar, devidamente autorisado, abrio de novo em 8 do corrente a sua aula de instrucção primaria, na rua larga do Rosario n. 16, á qual reunio outra de lingoa latina, dirigida pelo Sr. Profiro da Cunha Moreira Alves, professor publico do bairro da Boa-Vista, e um curso de lingoa franceza, professado pelo Sr. Dr. José Soares de Azevedo, lente cathedratico do lyceu.

Saccas de farinha,

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada; vendem-se tambem saccas com arroz: na rua da Cadeia do Recife n. 18 e 23.

— Vende-se uma escrava moça por preço commodo; na rua Direita n. 32, primeiro andar.

— Vende-se uma morada de casa de 3 andares, com um grande sotão, sita na rua do Vigario n. 8: os pretendentes dirijam-se á loja da esquina da rua do Crespo, voltando para a do Queimado, que se dirá quem vende.

— Vende-se um escravo preto, moço e de bonita figura, e proprio para todo serviço: na rua do Queimado, loja de Manoel Florencio Alves de Moraes.

— Vende-se uma escrava preta, moça e bem parecida, engomma com perfeição, cose bem, cozinha e faz doces, pão-de-ló e bolinhos: na rua Direita, no terceiro andar do sobrado n. 36.

— Lonas da Russia, de boa qualidade, e por preço commodo; vendem Novaes & Companhia em seu escriptorio, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Vende-se a dinheiro ou a prazo a loja de fazendas da rua da Madre de Deos n. 9, tendo apenas um 1:300$000 de fundo, e não tem alcaide: a tratar na mesma rua n. 32.

—Vende-se estrume de gado vaccum a 400 rs. a carroça, indo-se buscar no sitio do fallecido Guilherme Patricio junto ao Remedio, onde tambem ha para vender boas vaccas paridas ha poucos dias, novilhas e garrotes muito manços.

— Vende-se um carro novo inglez de 4 rodas, recentemente chegado, para um ou dous cavallos, feito em Londres: para ver na cocheira do Sr. Poirier no aterro da Boa-Vista n. 55; e para tratar na rua da Cruz n. 42 no escriptorio de Crabtree & C.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as finas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-veus para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia. a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra.

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas. e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

LOTERIA DO BICHO DA SEDA.

Corre no dia 13.

Na casa da Fama, aterro da Boa-Vista n. 48, estão expostos á venda os bilhetes e cautelas desta loteria.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	$700
Vigesimos	$400

— Vende-se uma cocheira na rua de Horlas, com 4 cavallos arieados e promptos: a tratar na rua estreita do Rosario n. 16.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão*.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

CEMENTO NOVO EM BARRICAS GRANDES.

Vende-se por preço muito commodo, em casa de Timm Mousen & Vinassa na praça do Corpo Santo n. 15.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no resto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

Na rua da Cadeia do Recife n. 24 loja de cambio, acham-se a venda bilhetes a 5$500, meios 2$800, quartos 1$500, oitavos 800, decimos 700 e vigesimos 400 rs., da loteria da primeira parte das amoreiras. Esta casa tem sempre sido feliz com os bilhetes e cautelas do cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, e paga os tres primeiros premios sem o disconto dos 8 por cento.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contem mercurio, nem outra alguma substancia delecterea. Benigno á mais tenra infancia, e á compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarraigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grão, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que já estavam ás portas da morte, perseverando em seu uso, conseguiram recobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mais afflictas não devem entregar-se á desesperação: façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saúde.

Não se perca tempo em tomar esse remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos.	« de toda especie.
Alporcas.	Gota.
Ampolas.	Hemorrhoidas.
Areias (mal d').	Hydropisia.
Asthma.	Ictericia.
Colicas.	Indigestões.
Convulsões.	Inflammações.
Debilidade ou extenuação.	Irregularidades da menstruação.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Lombrigas de toda especie.
Desinteria.	Mal-de-pedra.
Dor de garganta.	Manchas na cutis.
« de barriga.	Obstrucção de ventre.
« nos rins.	Phthisica ou consumpção pulmonar.
Dureza no ventre.	Retenção d'ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
« venereas.	Symptomas segundario.
Enxaqueca.	Tremores.
Herysipela.	Tico doloroso.
Febres biliosas.	Ulceras.
« intermittentes.	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres, n. 244, *Strand*, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se as bocetinhas a 800 réis. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar d'estas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco

Massa de tomates.

Em latas de 4 libras, excellente para tempero, vinda recentemente de Lisboa: vende-se na rua do Collegio n. 12.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vendem-se relogios de ouro, prata, prata chapeada, dourada, de patente Inglez e horisontal, sabonete, tudo pelo preço o mais comodo possivel: na rua da Cruz do Recife n. 26 primeiro andar.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Chá hyson verdadeiro, o melhor que tem apparecido neste mercado, e por que preço? 2$560 cada libra, em caixinhas de duas libras: no Bazar Pernambucano, na rua Nova.

— No Bazar Pernambucano, vende-se a prodigiosa agua de malabar por Lascombe, para tengir cabellos.

— No Bazar Pernambucano, vendem-se ricos jaquês bordados para meninos de 6 a 9 annos, crepe de todas as cores, toucas de lãa para senhoras, froco de todas as grossuras e cores, camizus de retroz bordados á matiz, chapéos francezes para homens a 6$, e 7$, selins de todas as cores a 880 rs. o covado, pastilha para o peito e estomago, e outras, muitas fazendas que se venderão baratas.

— Vende-se um bonito muleque de 18 a 20 annos de idade, que cozinha o diario de uma casa, e sem vicio: na rua dos Quarteis n. 24.

VESTIDOS A 2$000.

Vendem-se córtes de vestido de riscado francez, largo, padrões bonitos e cores fixas, pelo barato preço de 2$000 cada córte: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:

Sortimento variado de ferragens.

Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.

Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.

Um piano inglez dos melhores.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as finas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

— Na travessa da Madre de Deos n. 9, vende-se o seguinte: saccas com farellos novos, papel das seguintes qualidades: perlina, almaço primeira e segunda sorte, machina, florete, para chapeleiros, para botica, de embrulho de todas as qualidades e tamanhos, caixas com massas, barricas com farinha muito superior, ditas com genebra, ditas com cerveja, caixas com canella, saccas com pimenta, barricas com cravo, garrafões vasios de todos os tamanhos, caixas com licores, vinho tinto e branco, tudo chegado recentemente, e por preços commodos; assim como sabão amarello muito secco.

— Vendem-se libras de chocolate francez do melhor que tem apparecido no mercado e por barato preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vendem-se licores de absinth e Kisch do melhor possivel e por commodo preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vende-se o verdadeiro vinho Bordeaux engarrafado, tanto tinto como branco, e por baratissimo preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vende-se uma escrava crioula, com idade de 26 annos, sem vicio nem achaque: na rua da Gloria n. 69.

FARINHA DE MANDIOCA.

Saccas com superior farinha de mandioca: no armazem de Tasso Irmãos.

Champagne da superior marca Cometa: no armazem de Tasso Irmãos.

OLEO DE LINHAÇA

em barris e botijões: no armazem de Tasso Irmãos.

GARRAFAS VASIAS

em gigos de groza e de 140 garrafas: no armazem de Tasso Irmãos.

— Vendem-se 2 vaccas paridas: no sitio da Torre, em Belem.

— Vendem-se 4 casas terreas em Santo Amaro, na rua da Fundição, por todo o negocio, por ter o seu dono de retirar-se; a fallar na mesma, com João Antonio da Veiga.

— Vende-se uma escrava bastante moça, do gentio Costa: em Fóra de Portas, rua do Pilar n. 59.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. —1855.

MUTILADO